



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA-UNILAB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES- MIH**

EDMAR LUIZ DE SOUSA

**PAISAGENS DA SECA EM PACATUBA CEARÁ –1845 / 1958
Controle Social de Retirantes, Trabalho e Políticas de Socorros Públicos.**

REDENÇÃO-CE

2019

EDMAR LUIZ DE SOUSA

PAISAGENS DA SECA EM PACATUBA CEARÁ-1845 / 1958: Controle Social de Retirantes, Trabalho e Políticas de Socorros Públicos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, sob orientação do Professor Dr. José Weyne de Freitas, para obtenção do título de Mestre em Humanidades.

REDENÇÃO-CE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Sousa, Edmar Luiz de.

S696p

Paisagens da seca em Pacatuba Ceará-1845 / 1958: Controle Social de Retirantes, Trabalho e Políticas de Socorros Públicos / Edmar Luiz de Sousa. - Redenção, 2019.
126 f: il.

Dissertação - Curso de , Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

Orientador: Prof. Dr. José Weyne de Freitas.

1. Fome. 2. Retirante. 3. Seca. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 363.8

EDMAR LUIZ DE SOUSA

PAISAGENS DA SECA EM PACATUBA CEARÁ-1845 / 1958: Controle Social de Retirantes, Trabalho e Políticas de Socorros Públicos.


Dissertação apresentada ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Humanidades.

Aprovada em: 10 / 04 / 2019.

BANCA EXAMINADORA



José Weyne de Freitas Sousa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Presidente



Edson Holanda Lima Barboza
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Examinador Interno ao Programa



Rosalina Semedo de Andrade Tavares
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Examinadora Externa ao Programa

Dedicatória

Dedico este trabalho ao grande amigo Hercílio Luiz e demais familiares que me influenciaram a pensar na história da querida Pacatuba. Minha mãe Maria Dilce Evaristo de Sousa, que desde a infância me transmitiu as canções de ninar, sendo uma grande mestra em contar histórias e fazer fluir no infante o baile da imaginação. A meus amores, Mirian Silva, Lara Elise, Ervin Luiz e Thomas Kervin. Aos conterrâneos do distrito de Monguba ao sopé da Serra da Aratanha onde, na infância, fomos petizes e vorazes.

AGRADECIMENTOS

Na trajetória da vida, existem momentos ou situações em que uma simples decisão pode mudar radicalmente o curso de nossa história. Nesse trajeto os seres humanos são influenciados por seus semelhantes a desbravar as estradas sinuosas de um destino que surge como um sonho sem certezas, mas que geralmente enfrentamos graças ao apoio sob os punhos daqueles que já seguem bem adiantados no caminho.

No ensino médio, as aulas do professor César Melo, na escola estadual Casimiro Leito de Oliveira, foram-me contagiante para os estudos em história. Posteriormente na graduação, outras figuras foram indispensáveis para despertar em mim o prazer nos estudos históricos, foram os mestres inesquecíveis, aos quais sou grato por tê-los conhecido no curso de História da UEVA, são eles e elas: Carla Silvino, Lidiane Moura, George Menezes, Fernando Cordeiro, Silviana, Jarbas Vasconcelos, Octavianos César, Ticiane Antunes, Renato Rios, Ítalo Hide, Helder Nogueira, Cristina Holanda e Tito Barros. No tocante ao curso de História, este foi decisivo para despertar em mim a leitura e pesquisa historiográfica.

Minha gratidão também se estende à Unilab, sendo esta uma grande Universidade interiorana que ocupa um papel decisivo na inclusão educacional, sobretudo no Estado do Ceará. A Unilab é, pois, uma referência em potencial, um equipamento educacional do ensino superior, na qual as oportunidades de graduação e pós-graduação configuram um espaço mais democrático e inclusivo às camadas sociais menos favorecidas economicamente. Outrossim, vale ressaltar que a oportunidade de cursar o Bacharelado em Antropologia nesta universidade, trouxe-me, ainda, uma nova visão sobre o ser humano, expandindo, assim, a capacidade de compreensão dos fenômenos sociais da jornada humana, e, com isso, muito contribuiu com a presente pesquisa.

À professora Dra. Gildênia Moura no incentivo aos estudos em momentos de pessimismo e desânimo, seu apoio moral e sobretudo intelectual na pesquisa sobre a história de Pacatuba. Aos professores Marcos Varela, Borges Vieira, Daniel Carneiro e Clenilton Melo no apoio técnico e logístico. Agradeço aos interlocutores que narraram suas memórias contribuindo com a construção desta pesquisa (Pedro Cabral Filho; Hercílio Luiz de Sousa; Maria de Lourdes Pereira; Antônio de Sousa e Pedro Agostinho Pereira).

Nesta oportunidade, quero agradecer em especial ao colegiado do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, as particularidades do curso e sua metodologia que na

ocasião me trouxe uma experiência significativa que me sirvo tanto na vida profissional quanto a vida pessoal. No que tange aos docentes, de tantos professores comprometidos com o processo de ensino aprendizagem quero reconhecer o caráter solidário e fraterno na transição do conhecimento e socialização de materiais de apoio (livros, apostilas, cds de arquivo, etc.), em particular aos professores Edson Holanda e Carlos Henrique. Por fim, quero agradecer ao meu orientador professor Dr. José Weyne de Freitas, pelo apoio e a flexibilidade na construção das ideias e na condução do processo de pesquisa.

Homenagem à memória dos retirantes do distrito de Monguba, migrantes das secas de 1932/1958, trabalhadores da indústria da pedra em Pacatuba para construção do porto do Mucuripe.

*Estão crescendo os angelins
Estão florindo novos paus d'arcos
As distancias, sobre os cumes
Carnaúbas não têm a mesma sorte nos baixios
Flores sob o sol e sementes sobre o fogo!*

*Há lembranças desse trajeto:
Tabuleiros – Móveis, mesas e sobrados!
Arvores nas pranchas dos vagões
Os enfeites de jardim*

*Memórias:
A mata fechada, os riachos da encosta
Ranchos improvisados com varas
Entre os catolés do pé da serra!
Em todo canto, como casas de minhocas*

E sobre as flores, pó de pedra e estilhaços!

*Violentos dragões a soluçar vapor
Ardem em combustão devorando florestas,
Centelhas – fogo sobre abarracamentos de palha,
Ilumina a noite escura na Aratanha – Morte!*

*Suor, sangue, fuligem, fumaça!
Imensas máquinas que mastigam rochas
E o tirante trem de ferro partiu -
Para empedrar o mar do Mucuripe!*

*Sobre tuas águas ó grande Aratanha
Eu sobrevivi – Das entranhas da seca!
Dos arremessos da sede e da fome!
Depois do duro caminho empoeirado*

*Pacatuba somos todos nós:
Serra, homens e pedras!
Pacatuba somos todos nós:
Catolés, angicos e saguis*

(Edmar Luiz de Sousa - 2017)

PAISAGENS DA SECA EM PACATUBA CEARÁ-1845 / 1958: Controle Social de Retirantes, Trabalho e Políticas de Socorros Públicos.

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar o processo de aglomeração de retirantes na cidade de Pacatuba ocasionado pela migração durante as grandes secas que confrontou o Estado do Ceará a partir do Século XIX. A pesquisa aborda as condições sociais de vida e trabalho em meio a perturbação e a desordem causada pela fome e os deslocamentos que arremessaram milhares de famílias ao sopé da Serra da Aratanha. Busca-se investigar o homem e a mulher retirante enquanto sujeito social frente ao discurso oficial, de modo a reconhecer sua forma de vida e resistência condicionada a uma série de dramas sociais. Para esse fim, o estudo desse processo tem abordagem qualitativa e interdisciplinar no procedimento analítico das fontes e das referências bibliográficas: relatórios da Câmara Municipal local; relatórios da Comissão de Socorros Públicos; do Presidente da Província do Ceará; Rodolfo Teófilo (1992); Neves (2000), entre outros que contribuem com a temática. Destaca-se que a região da serra da Aratanha foi um ponto de atração de retirantes devido às obras públicas de construção da Estrada de Ferro de Baturité, empreendimento provincial que se aproveitou da capacidade produtiva e da falta de oportunidades dos retirantes para expandir sua construção, além de ser um dos caminhos que ligavam os sertões ao centro do poder político e econômico concentrado na capital cearense.

Palavras-chaves: Fome, Retirante, Pacatuba, Trabalho, Seca, Ação pública

PAISAJES DE LA SECA EN PACATUBA CEARÁ-1845/1958: Control Social de Retiros, Trabajo y Políticas de Socorros Públicos.

Resumen

El presente trabajo se propone analizar el proceso de aglomeración de retirantes en la ciudad de Pacatuba, ocasionado por la migración durante las grandes sequías que se enfrentó el estado de Ceará a partir del siglo XIX. La investigación se propone abordar las condiciones sociales de vida y trabajo en medio de la perturbación y del desorden causado por el hambre y los desplazamientos que arrojaron a miles de familias al pie de la Sierra de *Aratanha*. Se procura investigar al hombre y la mujer retirante como sujeto social frente al discurso oficial y reconocer su forma de vida y resistencia condicionada a una serie de dramas sociales. Con esta finalidad, el estudio de este proceso posee un enfoque cualitativo e interdisciplinario en el procedimiento analítico de las fuentes y de las referencias bibliográficas: informes del ayuntamiento local; informes de la comisión de socorro público; del presidente de la provincia de Ceará; Rodolfo Teófilo (1992); Neves (2000), entre otros que contribuyen con la temática. Se destaca que la región de la sierra de *Aratanha* fue un punto de atracción de retirantes debido a las obras públicas de construcción de la carretera de hierro de Baturité, emprendimiento provincial que aprovechó la capacidad productiva y la falta de oportunidades de los retirantes para expandir su construcción, además de ser uno de los caminos que ligaban los interiores del estado al centro del poder político y económico concentrado en la capital cearense.

Palabras claves: Hambre, Retirante, Pacatuba, Trabajo, Seca, Acción pública

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Imagem atual da Serra da Aratanha	19
Figura 2 - Crianças retirantes na grande seca cearense 1877-1879	30
Figura 3 - Mulher retirante da grande seca no cearense 1877-1879.....	30
Figura 4 - Linha tronco, Ramal 1. Fortaleza a Pacatuba. Km 34.901/ Pacatuba- Ceará. Visão Panorâmica da Via Férrea em 1888	38
Figura 5 - Estação ferroviária de Pacatuba, Inaugurada em 09/01/1876.....	44
Figura 6 - Criança Órfã na grande seca de 1877-1879.....	47
Figura 7 - Capela do Carmo. Concluída com mão de obra retirante em 1877	50
Figura 8 - Igreja Matriz de Pacatuba concluída em 1880	50
Figura 9 - Antiga Cadeia Pública de Pacatuba concluída em 1880 . Atualmente sede da escola municipal Escola Municipal Crispiana de Albuquerque.....	52
Figura 10 - Mapa das localidades ocupadas em Pacatuba – 1877-1880	53
Figura 11 - Mulher retirante despida, vítima da fome na seca de 1877-1879	55
Figura 12 - Canapum, espécie frutífera própria de regiões tropicais.....	76
Figura 13 - Fazenda devastada. Ceará 1915	77
Figura 14 - Retirantes da seca de 1915 aguardando embarque no antigo Porto de Fortaleza.....	79
Figura 15 - Fotografia de Crianças Retirantes na Seca de 1915	82
Figura 16 - Corrupção no Gerenciamento dos Recursos Públicos de Combate a Seca ...	83
Figura 17 - Ilustração Crítica Sobre a Indiferença Social a realidade da Seca.....	85
Figura 18 - Gráfico Residencial da linha Sul – RVC. 1938	89
Figura 19 - Linha férrea Fortaleza-Mucuripe concluída em 1933.....	91
Figura 20 - Pedreira da Monguba nas obras do Mucuripe. Anos 40.....	100
Figura 21 - Família retirante da seca na construção da Estrada de Ferro de Umari - Itapipoca. 1920.....	103
Figura 22 - Base da Antiga pedreira São Bento ao pé da Serra da Aratanha. Fotografia dos anos 1960.....	107
Figura 23 - Locomotiva a Vapor (maria fumaça) no trabalho do porto em 1939.	109
Figura 24 - Foto Atual da antiga Pedreira do Mucuripe em Monguba. Inverno de 2019. Espaço pertencente a reserva territorial da comunidade indígena Pitaguary de Pacatuba.....	110

TABELA

Tabela 1 - Quadro de recrutados pelo governo cearense para guerra da Cisplatina.....	19
Tabela 2 - Relação de trabalhadores na seca de 1877 em Pacatuba	50

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

(SEOCS) Secretaria de Estudos e Obras Contra as Secas

(IOCS) Inspeção de Obras Contra as Secas

(IFOCS) Inspeção Federal de Obras Contra as Secas

(RVC) Rede de Viação Cearense

(RFFSA) Rede Ferroviária Federal S/A

SUMÁRIO

Introdução	13	
 Capítulo I – Seca e desolação no Ceará no início do século XIX		
1.1 Cenas de um princípio trágico	19	
1.2 Contraste do sertão incomum	39	
 Capítulo II - A grande seca de 1877-1879 em Pacatuba		
2.1 Cenários da grande seca em Pacatuba-Ceará (1877-1879)	43	
2.2 O ciclo da incúria nas estações da tragédia	69	
 Capítulo III – Paisagens da seca em Pacatuba no início do século XX		
3.1 Seca e migração em Pacatuba na seca de 1915	71	
3.2 Seca e migração em Pacatuba a partir de 1932	88	
3.3 Monguba abarracamento de imigrantes a partir da indústria da pedra.....	97	
 Conclusão		112
Fontes		114
Referências Bibliográficas		116
Apêndices		119

Introdução

A presente temática surgiu a partir das histórias contadas pelos mais velhos sobre o trabalho nas pedreiras de Monguba e seus mitos. A curiosidade que trago desde a infância é resultado da experiência vivida ao sopé da serra da Aratanha, precisamente entre a alinha férrea e a serra de Monguba, onde nasci e continuo residindo ao lado de minha família. As marcas da extração de pedras nos gigantescos lajeiros da serra sempre foram imponentes e de curiosidade para quem se aproxima das antigas pedreiras. No caso da pedreira que forneceu pedras ao Porto do Mucuripe a partir de 1939 ao lado da antiga pedreira da Rede de Viação Cearense (século XIX), ambas ficaram marcadas na história oficial e na memória local, principalmente enquanto espaço de duro trabalho nas ocasiões de seca no Ceará.

Lembro que quando criança, havia a “*história do trem fantasma e suas assombrações*” que passavam na rua do lajeiro depois da meia noite. Contava minha mãe, contavam os mais velhos, contavam os moradores de nossa rua. Era da nova pedreira que trabalhou para o Porto do Mucuripe, conhecida como Pedreira Grande. As assombrações vinham de lá e todos tínhamos medo de não dormir antes da meia noite e ter que ouvir as almas penadas que passavam chorando pelas portas das casas pedindo ajuda. Eram principalmente almas de mulheres que choravam e clamavam por piedade com crianças chorando nos braços. Os mais velhos sempre escutam os lamentos das almas. Minha mãe também ouvia quase sempre e nos contava com medo que já ouvira aqueles choros penosos das assombrações e ninguém tinha coragem de abrir a porta para ver a procissão das almas penadas que passavam pelas casas. Os trabalhadores mais antigos contam que um trem misto (trem com carga e passageiros) virou na pedreira nos anos de 1950, ali causou um trágico acidente. Era um trem que viajava de Fortaleza para o Crato, às 9h00min da manhã que, em uma ida para o Crato, teve o infortúnio de, naquela manhã, ter sua rota desviada devido à embriaguez do agente que tomava conta da agulha que definia a rota dos trens; ao invés de seguir em linha reta, na Linha Sul, desviou a direita e adentrou a pedreira. Na colisão com a pedreira, o trem descarrilhou e os vagões tombaram sobre as pedras, causando entre os viajantes algumas vítimas de morte e outras de lesões físicas grave.

Confirmando a narrativa dos antigos trabalhadores, o periódico *Jornal do Commercio* (RJ) de 1954 publicou uma matéria com o seguinte título: “desastre de trem no Ceará”¹,

¹ Jornal do Commercio – Rio de Janeiro – Segunda-Feira 1 e Terça-Feira 2 de Fevereiro de 1954.

precisamente em Monguba. O trem conduzia passageiros do Crato, quando naquela ocasião morreram de imediato três pessoas e outras 12 ficaram feridas. Ainda hoje não foi possível encontrar registros orais ou oficiais que quantifiquem informações com o número geral de vítimas, quantidade de homens, mulheres e crianças que foram vítimas do acidente.

No entanto, vale dizer que o mito do trem fantasma e suas assombrações tem seu fundamento na história do destrate da pedreira, ocorrido em 1954, como narravam os antigos moradores de Monguba. Diziam eles que eram as almas penadas que não puderam chegar em suas casas naquela viagem e que vagavam em busca de ajuda para completar seus destinos. Essas histórias sempre estiveram presente em minha infância despertando curiosidade que viriam a ser compreendidas posteriormente com a formação em História.

Outro fator que me levou a seguir pesquisando a História de Pacatuba foi o trabalho produzido para conclusão do curso de especialização em Gestão Pública Municipal na Unilab (2014/2015), no qual o tema desenvolvido foi “A globalização e a identidade Cultural em Pacatuba”. Esta experiência foi decisiva para pensar num projeto para dissertação de Mestrado. Foi um momento no qual tive um contato mais profundo com a História do Município, sua cultura, sua herança indígena, dos povos negros e da experiência colonial. Nesta viagem com a história por meio da literatura e da memória local, observei que a exuberante beleza da serra da Aratanha inspirou lendas, mitos e poemas líricos que encantou e conduziu seus filhos em todo um processo histórico. Foi, também, a partir da pesquisa já citada que elaborei o projeto “Pacatuba História e Memória”, uma exposição fotográfica com imagens do patrimônio histórico arquitetônico e textos literários de poetas da terra. O projeto foi produzido pela ONG Sociedade Artística – SOARTE, em Parceria com a Secretária de Educação de Pacatuba, acompanhada de um seminário temático intitulado “Educação Patrimonial”, a exposição durou seis meses e ocupou as principais praças do município e percorreu 15 escolas municipais.

Assim sendo, foi partindo da cultura local que, aos poucos, fui percebendo que a Pacatuba teria sido importante polo de imigração de retirantes das secas no Ceará. Curiosamente, numa leitura da obra “Lendas e Canções populares”, de Juvenal Galeno, encontrei um poema narrando a paisagem da seca de 1877-1879 em Pacatuba. Da mesma forma, na boa leitura da História de Pacatuba escrita pelo pesquisador Albano Amora, encontrei um pequeno fragmento que muito serviu para chegar em outras fontes. Posteriormente, as leituras

e Rodolfo Teófilo me asseguraram que havia conteúdo ainda não lido sobre tal história em Pacatuba.

Porém, a nova pesquisa com foco na seca e migração se deu em consequência dos diálogos com os trabalhadores das antigas pedreiras, na qual suas memórias contam os por menores da história da migração e do trabalho em períodos de estiagem. Assim, a história da seca em Pacatuba foi sendo desenhada aos poucos. Inicialmente, realizando entrevistas com interlocutores sobre a seca de 1958 e, posteriormente, sobre o trabalho na extração de pedra para construção do Porto do Mucuripe, foi-se voltando no tempo a 1932 e 1915. Partindo desta perspectiva, com base na oralidade, a pesquisa foi tomando corpo e voltou ao século XIX, quando a história da seca guardava uma vasta documentação mostrando de fato como foi e quando tudo começou por aqui.

Desde do início do século XIX, a região de Pacatuba² foi um importante ponto de concentração de migrantes em períodos de grandes estiagens no Ceará. Essas experiências foram registradas ao longo do tempo através da escrita oficial e da memória de seu povo, ao passo que se foi construindo parte importante do processo histórico que compõe a formação daquela população. Documentos, fontes e referências pesquisados neste trabalho montam um relevante catálogo antológico que representa a memória de trabalhadores, religiosos, políticos, migrantes e pesquisadores que narram a dinâmica social ocorrida com a migração em Pacatuba.

No que se refere às fontes documentais (ofícios da câmara municipal de Pacatuba, relatórios da comissão de socorros públicos), acervo disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará, destaca-se ao lado dos interlocutores como parte fundamental de informações que auxiliam na compreensão dos fatos históricos em questão neste trabalho.

Nesse panorama, o presente trabalho busca analisar o processo de ocupação retirante em território pacatubano na tentativa de localizar o sertanejo e suas ações de luta frente o caos da seca, identificando suas condições de vida e ação enquanto sujeito ativo, vulnerável à

² A história de Pacatuba mistura-se a história dos povos indígenas que foram os primeiros habitantes dessa região. Desde tempos antigos sua denominação formou-se a partir dos índios, que significa o lugar de muitas pacas (animal quadrupede que habitava a Serra da Aratanha). Segundo IBGE (2018), a povoação de Pacatuba passou a condição de Distrito Policial com a denominação de Pacatuba pelo Ato Provincial de 18-03-1842 e por Lei Provincial nº 1.305, de 05-1869. O distrito foi emancipado de Maranguape em outubro de 1869, elevado à categoria de Vila de Pacatuba. Atualmente, o município é uma faixa de terra de 131.994 km², encravada na região Nordeste do Brasil, no Estado do Ceará, mais especificamente na região metropolitana, entre os municípios de Fortaleza (Norte), Guaiuba (Sul), Maranguape (Oeste) e Itaitinga (Leste). Seu território possui características de solos, relevos, vegetação e clima bastante variados, pois contém desde depressões sertanejas até formações serranas úmidas.

geografia cearense em aspectos naturais e sociais, propondo um diálogo a partir da conjuntura política que envolve as transformações socioeconômicas ocorridas no século XIX, simultaneamente a ordem política na organização do trabalho e na produção da vida material.

Diante do exposto, as contribuições de Thompson (1998) foram fundamentais para identificação do trabalhador do campo e seus procedimentos em seu lugar de vida, quando o autor sugere uma reflexão sobre as ações do homem a partir das circunstâncias que o envolve. Bem assim, Marx (2004) em seu trabalho “Manuscritos Filosóficos”, provoca uma observação a respeito da vida material do homem, propondo uma reflexão antropológica sobre os ímpetus da “Fome”, auxiliando, assim, o pensamento na formulação das ideias sobre o comportamento humano frente suas necessidades vitais.

Em seus registros, Rodolfo Teófilo (1922) coopera com um desenho geral da paisagem da seca cearense, dispondo de dados importantes sobre o quadro social do flagelo de 1877-1879 e da Seca de 1915. Em Pacatuba, os grandes investimentos do governo do Ceará em obras públicas concentraram um dos maiores abarracamentos de retirantes da época, tornando a antiga Vila um dos ambientes mais movimentados daquele tempo. Movimentos que se reportam a limitação de oportunidades de trabalho em obras públicas, fome, doença, peste e morte em grande escala.

Efetivamente, o presente trabalho compreende uma pesquisa interdisciplinar, tendo como base a História e apoiando-se em outras áreas do conhecimento na tentativa de ampliar o espaço de reflexão para melhor compreender como se deu as relações de vida do retirante residente em Pacatuba como efeito de uma reação de luta que ocorre em um novo lugar de acomodação no decurso migratório causado pelas grandes secas. Tal problema surge na intenção de reconhecer as particularidades desse grande evento histórico ocorrido na pequena cidade provinciana, onde a seca arremeteu milhares de famílias, que na ocasião improvisaram suas vidas nos abarracamentos ao sopé da serra da Aratanha. É buscar reconhecer como o retirante por meio de suas ações de resistência define-se como um ser de luta e de reconstrução de valores que podem ser esclarecidos por meio de suas ações específicas frente ao fenômeno da fome. Teófilo (1922), informa que dos retirantes refugiados em Pacatuba, milhares permaneceram com fim da seca. Assim, a relevância do estudo é também promover a reunião de dados que diz respeito à História e Memória de Pacatuba, das quais o retirante se tornou peça fundamental na construção desse processo. Sobreposto as intenções de investigação sob

influência de autores a fins, se efetiva a intenção de organizar as informações referentes ao cenário histórico, apoiando-se na História Social sugerida por Edward Thompson, modalidade historiográfica rica em possibilidade interdisciplinar, sendo esta oportuna para tratar o objeto de Estudo. Em seu trabalho “Miséria da Teoria” (1978), o autor reconhece que a experiência humana e a cultura são fenômenos que estimulam a ação social. Neste contexto, a história social, com base na experiência histórica e cultural supera as limitações do campo de análise baseado na superestrutura social e economia, trazendo a história a inserção de pessoas comuns: trabalhadores, homens, mulheres, entre outros atores sociais que também participam do processo histórico.

Outra perspectiva torna-se fundamental para contribuir com a organização das ideias e das ações de abordagem: a pesquisa qualitativa; que atuará qualificando e priorizando indagações importantes da pesquisa, envolvendo “o estudo do uso e coleta de variedade de materiais empíricos”³, cuja exploração dos conteúdos também levará em consideração outras teorias como parte necessária do processo metodológico.

Assim sendo, o primeiro capítulo procurou previamente adentrar na paisagem geral do início do século XIX, no qual foi possível encontrar importantes dados no âmbito da economia e política no território brasileiro, sobretudo na província do Ceará. Nesta ocasião, os documentos históricos, juntamente aos referencias, possibilitaram uma reflexão relevante sobre os aspectos geográficos cearense, bem como as questões de exploração dos bens naturais já impactando de forma drástica o meio ambiente. Neste cenário, Pacatuba inicia sua trajetória na rota das grandes secas do Ceará, destacando-se já no caos ocorrido em 1845.

O segundo capítulo, buscou principalmente a partir das fontes primárias (documentos oficiais da administração pública; periódicos; literatura), reconhecer a ocupação em massa das terras da Serra da Aratanha com a migração ocasionada pela grande seca 1877-1989. Nesse processo de construção de ideias, destaca-se mais uma vez as contribuições de Edward Thompson na produção de reflexões a partir da história social, para uma melhor interpretação das ações retirantes em Pacatuba – desorganização do trabalho, fome, doenças, desordem social e os conflitos sociais.

³ DEZIN, Norma K. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens / Norma K. Dezin, Yvonna S. Lincoln; tradução Sandra Regina Netz. - Porto Alegre; Artmed. (2006, p. 17)

O terceiro capítulo é intitulado “Paisagens da seca em Pacatuba no início do século XX, 1915 – 1958”. Sobre a seca de 1915, destaca-se a memória local da senhora Lourdes Pereira, referente às lutas sociais com a migração e à experiência do campo de concentração em que ela narra a partir da memória de seus familiares. A partir do ano de 1932, destacam-se remanescentes e trabalhadores em obras públicas, que também vivenciaram a migração e o duro trabalho nas pedreiras de Monguba no período da construção do Porto do Mucuripe. No tocante aos critérios de inclusão de interlocutores, a pesquisa buscou prioritariamente incluir trabalhadores e trabalhadoras de obras públicas ou seus remanescentes que pudessem narrar suas histórias ou a de seus parentes no período das grandes secas no município de Pacatuba-Ceará, homens e mulheres com faixa etária a partir de 70 anos de idade.

Nesse diálogo com narrativa oral, Pollak (1998), foi importante para produzir uma reflexão sobre a importância da memória enquanto legado cultural de um povo ou de uma nação. Assim, a memória dos trabalhadores torna-se base importante para compreensão dos fatos históricos. Nessa perspectiva, o recorte temporal continua no século XX, e limita-se às secas de 1915, 1932, 1943, 1958, aprofundando o diálogo sempre a partir das fontes e da memória local.

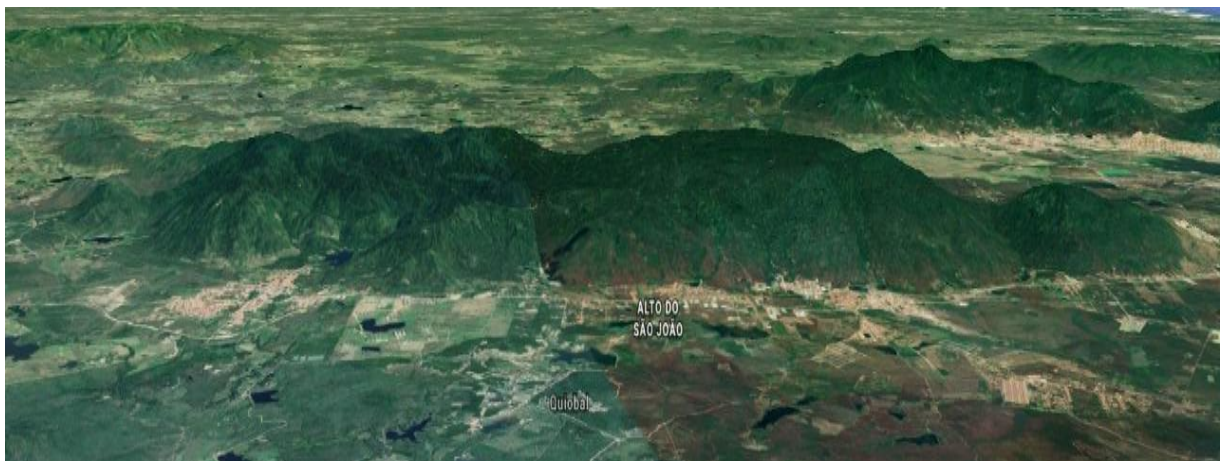
CAPÍTULO 1 – SECA E DESOLAÇÃO NO CEARÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XIX

1.1 Cenas de um princípio trágico

A seca é, pois, um fenômeno natural causado pela irregularidade das chuvas no período do inverno na região do Nordeste do Brasil. No Ceará, esse fenômeno toma grande reverberação a partir do momento que se tornou uma grande calamidade pública, a compreender a dimensão político-econômica que se desenvolve no território cearense no século XIX e XX. No século XIX, encontramos já nas primeiras décadas a experiência das secas de 1825 e 1845, como situações devastadoras da vida humana e da criação de animais domésticos no campo, como resultado dessa realidade, o grande êxodo da população interiorana para capital da província e outras províncias fora do Ceará.

As terras da Serra da Aratanha na Capitania do Ceará, surge enquanto categoria jurídica de exploração no período colonial a partir da sesmária de “7 de outubro de 1683”⁴, concessão de terras para ocupação e produção do trabalho na área que atualmente está inserido o município de Pacatuba. Porém, a produção do trabalho daquelas terras inicia efetivamente suas atividades no início do século XIX, quando ainda era subordinada a administração de Maranguape. A agricultura sazonal, a criação de sítios, fazendas, engenhos e a plantação do café⁵ durante muito tempo fora a base da economia do pequeno povoado que gradualmente se desenvolveu nesta localidade.

Figura 1 - Imagem atual da Serra da Aratanha



Fonte: <https://www.google.com/earth/>

⁴ AMORA, Manoel Albano. Geografia Sentimental. Editora Henriqueta Galeno. (1972, p. 15)

⁵ AMORA, Manoel Albano. Geografia Sentimental. ...*Op. Cit.* p. 15

A região da Serra da Aratanha⁶ entra no curso da migração de retirantes na história das secas, logo no clarear da gênese do povoamento de Pacatuba, a destacar a seca de 1845, quando a província do Ceará padecia ardentemente com a escassez de água e alimento naquela grande estiagem. Neste percurso, podemos reconhecer a natureza diferenciada da região da Serra da Aratanha com características úmidas, como um grande potencial que contribuiu significativamente como ponto de auxílio aos retirantes das secas em diferentes ocorrências.

A Serra da Aratanha, que contrasta com a paisagem semiárida do interior cearense, se faz notar por suas superfícies topograficamente elevadas de relevos serranos, proporcionando melhores condições ambientais, sob a influência de mesoclimas de altitude, verde exuberante e um verdadeiro remanescente de Mata Atlântica. Constitui-se de unidades naturais, o que conhecemos por serras secas e serras úmidas. Nas serras úmidas, há melhores condições naturais no contexto semiárido, o que consideramos como área de exceção ou enclave paisagístico.⁷

O fenômeno da seca estabelece uma série de problemas sociais, econômicos e ambientais, no qual o ser humano torna-se uma exceção no meio ambiente, visto sua opção de vida sociopolítica que pode estabelecer em sua existência limites de possibilidades ou de impossibilidades. Nesse caso, mesmo a região serrana disposta de florestas do tipo atlântico, solo fértil para agricultura e nascentes importantes que não secam em períodos de estiagem, como rio Cocó e rio Guaiúba, a fome cruelmente se perpetuou em Pacatuba, dado que se explica com a grande concentração de migrantes famintos ocupando os espaços periféricos do povoado.

Entre os fatores que ocasionaram a migração em tempos de seca, destacam-se neste cenário a desorganização do trabalho e a fome que a cada grande estiagem se redesenha cruelmente no percurso do século XIX, seguindo a meados do século XX. A improdutividade da terra ao lado da escassez de água afetava diretamente os pobres, bem como, afetava proprietários de fazendas ou sítios que, sem subsídio, despediam seus trabalhadores em consequência dos efeitos devastadores da seca. As imagens de dor e aflição, desespero e morte, doenças e fome, violência e superação tornaram-se ao longo do tempo um retrato trágico da realidade do povo cearense que, já no século XIX, ocupa grande espaço nos principais jornais do Ceará e do Brasil, seguido posteriormente da conhecida literatura da seca, que passou a narrar os acontecimentos, dando destaque ao retirante no semiárido em tempos de estiagens.

⁶ A serra da Aratanha encontra-se localizada na região metropolitana de Fortaleza. Historicamente localizada em entre os municípios de Pacatuba, Guaiúba, Maracanaú e Maranguape.

⁷ Secretária Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará - SEMACE (2018). Disponível em: <http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-da-serra-da-aratanha/>. Acesso em 04/06/2018.

Tomando a questão ao fenômeno climático, a geografia cearense encontra-se inserida na parte chamada Polígono das secas, sertão localizado no nordeste do Brasil. Segundo Teófilo (1922), no Ceará, as chuvas são irregulares, sendo que nos períodos das secas, ocorrem os menores índices pluviométricos. Tal desequilíbrio da estação invernososa é apresentado pelo autor como tempos de excesso de chuva alternando com baixas precipitações de chuva, “Os grandes invernos são às vezes tão fatais como as secas”⁸, ou seja, grandes invernos podem ser tão improdutivos quanto a seca. Entre outros aspectos típicos da geografia cearense, o desequilíbrio da estação invernososa explica parte das limitações na produção agrícola. Nesta circunstância, o geólogo suíço Luís Agassiz e sua esposa Elizabeth Agassiz, em expedição científica no Brasil 1865-1866, visitam a povoação de Pacatuba, no Ceará, e, em relação a visita, fizeram a seguinte observação sobre a região montanhosa e a planície:

Ao pé da montanha se estende o “sertão”, pouco acima do nível do mar, entrecortado aqui e ali pelo ondular das colinas que se elevam, isoladas, na sua superfície. Além, a vista se alonga por muitas milhas e encontra as dunas de areia do litoral, depois a faixa argêntea do oceano. O sertão (deserto) apresenta neste momento uma bela coloração verde e semelha uma campina imensa. Na estação seca, porém, justifica bem o seu nome e transforma-se num verdadeiro deserto, tão requeimado pelos ardores do sol que toda a vegetação é destruída. A seca é tanta durante oito meses do ano, que os habitantes dessas estepes correm o incessante risco da fome, pois as colheitas secam no próprio pé. As secas e as chuvas. Epidemias. Depois dessa estação tórrida, sobrevêm as chuvas com terrível violência, e as epidemias se desenvolvem como aquela que reina atualmente. Chove dia e noite durante semanas, nada escapa à ação da umidade; quando o sol abrasador reaparece sobre o solo calcinado e escaldante, essa umidade é mais perigosa ainda.⁹

Tratando a geografia cearense a partir de Pacatuba, em seu trabalho, os Agassiz refletem sobre o contraste da paisagem que na ocasião do inverno é pantanosa e alagadiça, e numa outra estação é terrivelmente seca e árida. Neste caso, o grande diferencial entre a região serrana úmida e a planície é que, a segunda muda radicalmente do estado de umidade pantanosa para um estado de aridez, dificultando assim a relação do homem com os meios de subsistência. Como se percebe, o meio natural do território cearense é desafiador ao homem, uma vez que dispõe de condições climáticas variadas e bem diferenciadas. Em síntese, para população

⁸ TEÓFILO, Rodolfo. História da seca do Ceará (1877-1880). [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, (1922. p. 13)

⁹ Agassiz, Jean Louis Rodolph, 1807-1873. Viagem ao Brasil 1865-1866 / Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz ; tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 516 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros). (pp. 418-419)

trabalhadora do interior da província do Ceará, a seca significa a privação de suas possibilidades de sobrevivência: a caça, a pesca, a agricultura e de outros meios de subsistência que lhe são indispensáveis na produção da economia do campo, sendo essa realidade o fator que ocasiona dispersão em massa desses contingentes em busca de outras condições de vida. Conseqüentemente, nessa dispersão, o alvo é o grande centro econômico e político centralizado na capital da província, onde um dos principais caminhos de acesso das regiões do Cariri, Sertão Central e Maciço de Baturité, perpassa às margens da povoação de Pacatuba, caracterizando, assim, outro motivo que possibilitou a migração em massa nessas terras em período de seca.

Reverendo a história da seca no início do século XIX, a experiência de 1825 tomou em surpresa toda a província do Ceará que vivenciava as conseqüências sociais e econômicas de sua participação na Confederação do Equador, e, posteriormente na guerra da Cisplatina, com isso, o flagelo foi potencialmente suscetível. O historiador Senador Pompeu, em seu artigo “Juízo Histórico”, nos lembra que tal calamidade perdurou 1825, 1826 e 1827, e que o Ceará vivia um sério estado de vulnerabilidade: “Os principais ramos da indústria que constitui as rendas públicas e fortuna particular como gado e o algodão, estão quase extintas pelas perturbações de 1824, e pela longa e flagelante seca¹⁰”. Prossegue o autor:

A cidade capital do Ceará apresenta um quadro tocante e desconsolador; as ruas estão apunhadas de um sem N^o de mendigos. O palácio do governo e casas dos particulares abastadas constantemente cercada desses miseráveis apresentando o espetáculo de esqueleto mirrados de fome, só cobertos de pele, representando outras tantas imagens da morte, a miséria e a pobreza e a consternação aparecem em todos os pontos da província¹¹.

Não obstante, a crise estabelecida com os conflitos sociais no território brasileiro já configurava um momento de instabilidade no Brasil. No caso da província do Ceará, a seca só alargava os problemas sociais. A desordem social neste momento é impulsionada pelos elementos, seca, fome e guerra, que atinge principalmente o retirante. Após os acontecidos de 1824, o presidente da província do Ceará, Coronel José Antônio Machado¹², sem hesitar, respondeu positivamente a solicitação da corte imperial em conduzir o recrutamento de homens para guerra da Cisplatina que perduraria por 4 anos.

¹⁰ Revista do Instituto Histórico do Ceará [online] ANO IX, (1895, p. 6; 7)

¹¹ Revista do Instituto Histórico do Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 7

¹² Revista do Instituto Histórico do Ceará. ...*Op. Cit.* p. 15

Nessa disposição, o recrutamento apontado pelo governo da província do Ceará tinha como linha de frente os refugiados da seca homens famintos, doentes e fracos, que, em tais condições, debilitados pela fome e acometidos pela doença da bexiga, resultou inevitavelmente na mortalidade em massa a caminho da corte. “Foram emitidos em diversos navios 2630, como se vê do seguinte quadro no ano de 1825 até março de 1826¹³”.

Tabela I - Quadro de recrutados pelo governo cearense para guerra da Cisplatina

Embarcações	Número de Recrutadas
Náo D. Pedro I	750
Bergatim D. Pedro	250
Sumaca Gerves	150
Curveta Carioca	400
Galera Dinamarqueza Jorge Frederico	600
Bergatim Boa-União	230
Bergatim Imperador do Brasil	250
Total	2630

Fonte: Revista do Instituto Histórico do Ceará. ANNO IX, 1895

O recrutamento de civis segue simultaneamente o período da seca e tanto retirantes quanto indígenas cearenses foram enviados a corte para guerra que se prolongaria até 1828, no período em que a seca se estenderia até os meses iniciais do mesmo ano. A partir de então, percebe-se a desvalorização desses setores sociais, sua existência e condições de vida. Segundo Tomás Pompeu, esse conjunto de calamidades esvaziou os braços produtivos do Ceará, comprometendo sua estrutura econômica. Diante das cenas que temos, é possível compreender que o migrante com poucas opções nesse percurso, resolve seguir as ordens privilegiadas do império, que, na representação do poder público, desconsidera totalmente o estado de extrema vulnerabilidade social em que se encontravam os retirantes, enviando-os para a morte.

¹³ Revista do Instituto Histórico do Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 16

A rejeição do retirante da seca a um processo de integração no meio social urbano é um discurso constante na narrativa oficial da política e da ciência da época, no qual podemos perceber que não se leva em conta aspectos ontológicos da própria humanidade. Seguindo análise da expressão do Senador Pompeu, etimologicamente, mendigar é diferente de ser mendigo. O pedinte que chegava semivivo dos aluviões da fome, depois de caminhar dezenas de léguas, é o mesmo trabalhador do campo que foi impedido de trabalhar, seja pelas estruturas sociais ou por consequência dos fenômenos climáticos.

No tocante as primeiras experiências da ação pública de combate à fome diante das dificuldades financeiras que vivia o Ceará, a política de Socorros Públicos no triênio 1825-1827, contou com a caridade de províncias vizinhas. No entanto, não obstante as dificuldades financeiras do poder público, o desvio de mercadoria foi também um fator agravante de perpetuação da miséria na política de distribuição de donativos. O cinismo e a crueldade se uniram aos interesses lucrativos de políticos e comerciantes provincianos, que se aproveitavam do momento para praticar atrocidades na ocasião da distribuição de viveres. Escreve Tomás Pompeu que “Na distribuição desses socorros houve grande prevaricação e roubo”¹⁴. Em seus escritos, o autor denuncia representantes do poder público e comerciantes locais responsáveis pelos socorros públicos, revela que, os comerciantes vendiam subsídios a crédito na intenção de recompensar, inúmeras vezes, os custos na ocasião da distribuição de socorros oferecidos pela Província, quando, naquela oportunidade, usurpavam o destino das mercadorias pelo caminho.

A interação das forças presentes no cenário em questão compreende uma representação complexa, sendo fatalmente umas das marcas que perduraria na história das secas no Ceará: A transgressão no plano dos deveres de agentes públicos juntos aos interesses políticos que entram em cena a cada oportunidade trágica causada pelo fenômeno da seca. Nessa estrutura, temos de um lado, cenas do retirante que mendiga na tentativa de sobreviver ao quadro avassalador da fome e da mortalidade em massa, e de outro, a política de socorros públicos que representa uma tentativa pontual de contenção desse estado de degeneração da vida humana.

No entanto, os registros da experiência dos horrores de 1825 infelizmente seriam para o povo cearense cenas que se repetiriam pelos tempos de seca que sucederiam num futuro

¹⁴ Revista do Instituto Histórico do Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 7

incerto ao homem do campo e sua família, tal realidade também se perpetuaria nas ações públicas administrativas frente ao processo de migração, da fome e do trabalho.

Para otimizar a presente reflexão sobre a história da seca em Pacatuba, torna-se necessário servir-se das contribuições de Thompson (1978), em seu trabalho a *Miséria da Teoria*, no qual o autor propõe uma reflexão sobre a interpretação dos fatos históricos cuja abordagem do pesquisador não se deve limitar apenas às análises estruturais, fator que pode evitar a leitura ancorada nas bases de uma única teoria, sendo que a história consiste em um conjunto de fenômenos que demanda em seu acabamento uma reunião de processos: Atos, ações, façanhas promovidas pelos seres humanos; no qual sua analogia sugere caráter simultâneo ou assíncrono, nos permitindo reconhecer reuniões de fatos promovidos que podem ser integrados ou não, que podem ser planejados ou não, mas que sua relação com a vida resulta nos costumes e nos procedimentos de reação às dificuldades. Assim, o autor aponta a experiência e a cultura enquanto fenômenos da própria vida, que permite reconhecer o papel ativo dos seres humanos na sociedade: trabalho, lutas, movimentos sociais; caracterizando desta forma a condição de sujeito a classe trabalhadora a partir de seus valores e sua participação na história.

Para tanto, é preciso reconhecer que a história não é uma atividade simples ou modulada sob o desígnio do essencial, mas uma estrutura dinâmica do pensamento sobre as questões da vida, assim discorre o autor:

Mas na verdade não podemos lidar com as questões da vida dessa maneira, nem podemos encaminhar as questões do pensamento de qualquer maneira substantiva ou sobre qualquer problema substantivo. Quando deixamos para trás a epistemologia e fazemos perguntas sobre nossos vizinhos, ou sobre a economia, ou a história ou a prática política fica, então algum tipo de suposição (referente àquilo sobre o que estamos pensando) deve ser feito antes mesmo que possamos começar a pensar¹⁵.

Para além da tendência epistemológica clássica, Thompson posiciona-se contra a uniformidade teórica dominante no mundo ocidental do século XX, que, embora composta de ornamentos, contribui com seduções ideológicas que perpetuam os preconceitos e o senso comum. Neste sentido, percebemos que afora a literatura clássica, o retrato social da fome é a configuração material da condição do sertanejo frente ao fenômeno da seca, que essa diáspora cearense pode ser reconhecida como o primeiro ato de luta do homem sertanejo que identifica

¹⁵ THOMPSON, Edward, P. A miséria da Teoria: Uma crítica ao pensamento de Althusser. (1978, p. 45)

no poder público e na estrutura material da capital, sua possibilidade de sobrevivência frente a desorganização do trabalho.

Nesse panorama social, vale ressaltar o crescimento populacional, principalmente no interior, que, na ocasião, demandou o aumento da exploração dos recursos naturais e, com isso, cada vez mais tem-se a escassez de alimentos oriundos da fauna e da flora. A relação do homem com a natureza, nesse processo de ocupação do Brasil, que data a partir do século XVI, diferente da lógica de subsistência dos povos indígenas, baseando-se na exploração contínua dos recursos naturais, no qual teremos como resultado determinante a destruição das florestas nativas e cada vez mais as limitações dos recursos hídricos, “A província tem de todo desprezado um dos pontos mais importantes que se deveria ocupar, e visto com olhos de indiferença suas poucas matas cahirem ao golpe destruidor do machado do agricultor ignorante!¹⁶”. Distintamente, refletir sobre a destruição do meio ambiente como condição potencial que alarga os caminhos da fome, nos envia a um ponto considerável, no qual podemos pensar uma mesma situação sob “formas diferente¹⁷”, reconhecendo a diferenciada geografia cearense e suas mistas composições de solo e limitações em florestas, rios e chuvas, condição que o presidente da província do Ceará em 1847, reconheceu enquanto ponto que fragiliza ainda mais a natureza cearense.

Na experiência de Pacatuba, temos dados importantes que datam da expedição científica de 1859 no Ceará. Naquela oportunidade, o botânico Freire Alemão¹⁸ produziu pesquisas em Pacatuba¹⁹ e naquele período registrou memórias das grandes secas em diversas regiões cearenses por onde andou. O relato de Freire Alemão que segue abaixo, refere-se nesse momento a sua visita à cidade de Meruoca no interior do Ceará, quando também faz registro da memória de uma senhora sobrevivente da seca de 1825, cujo a fala assinala, também, as consequências das mudanças geográficas. Segue a narração:

Diz a velha Cosma, que na sua mocidade era isto tudo coberto de matos, e que havia muita caça, veados, porcos, pacas, macacos, guaribas etc. etc. Ela e outras mulheres que estavam presentes me contaram horrores da seca de 1825 (?) que dizem ela durou 3 anos; tudo secou, secaram os córregos, e só se obtinha água aprofundando muito as cacimbas. As bananas, as laranjeiras e tudo o mais secou e morreu; não havia farinha,

¹⁶ Relatório do Presidente da província do Ceará Sr. Correia de Vasconcelos em 1º de julho de 1847

¹⁷ DEZIN, Norma K. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens / Norma K. Dezin, Yvonna S. Lincoln. ...*Op. Cit.*

¹⁸ Francisco Freire Alemão. Expedição científica do Ceará em 1859.

¹⁹ Na expedição científica de 1859, Freire Alemão aportou em Pacatuba para fazer suas pesquisas no campo da botânica onde também faz em seus manuscritos relatos imemoráveis de remanescentes das secas de 1825 e 1845 no Ceará.

e os pobres morriam de miséria, e de fome; famílias inteiras pereceram de fome. Diz a velha Cosma que não sabe como escapou: andava pelos matos colhendo. Essa era a nutrição do povo, e as capemas das palmas, que se acabaram então. No fim da seca apareceu a peste da diarreia, que matou também muita gente, e elas perderam dela uma sobrinha já mocinha. Logo que apareceu a fartura, diz uma das mulheres, toda a gente engordou muito, estando antes com a pele sobre os ossos.²⁰

A narrativa memorial ao abordar questões de destruição da natureza, nos revela traços significativos de nossa relação com o meio ambiente. A questão disposta lamenta as consequências das perdas dos bens naturais como motivo primário de subsistência naquele período histórico, capaz de nos levar a um novo questionamento a respeito dessa relação homem-natureza: Que fenômenos podem nos alcançar diante dos avanços destrutivos da relação homem-natureza vivenciados na atualidade? Vale dizer que a extinção de muitas espécies da fauna cearense é registrada já no século XIX. Contudo, a medida que a população foi crescendo em toda a província, foi também aumentando os processos de exploração predatório dos recursos naturais, fenômeno que nos leva a pensar sobre extinção da “Paca e do Camarão Aratanha, espécies extintas que atualmente representam a memória da cidade a partir da cultura indígena.

Pacatuba é lugar abundante de paca, de paca e tuba. Lugar abundante, diz o ilustre magistrado, de acordo com Martius e com José de Alencar, que lhe chama canto das pacas. Stuart escreveu: Pacatuba, abundancia de pacas. Que significa paca? Paca (*coelegeris paca*), ensina, é aquele animal de quase dois pés de comprimento, olhos pardos e a ponta do focinho anegrada; é de um ruivo aloirado no lombo e ilhargas. A carne é muito saborosa, assemelha-se ao leitão no gosto no tamanho a lebre.²¹

Assim como a cidade de Meruoca, o território pacatubano, sobretudo a serra da Aratanha, é parte igualitária desse processo de exploração predatória da cultura moderna. Consequentemente, a maior parte das florestas seculares dessa região, da planície a montanha, fora destruída para o manejo de culturas comerciais e de subsistência, o que assegura a compreensão das mudanças drásticas ocorrida nos ecossistemas da serra da Aratanha (extinção de espécies, diminuição dos fluxos dos mananciais, fim de nascentes, mudança na paisagem da flora).

²⁰ ALEMÃO, Francisco Freire. Manuscritos. Anais da biblioteca Nacional. Vol.81. (1961, p. 335)

²¹ AMORA, Manoel Albano. Geografia Sentimental. ...*Op. Cit.* p. 27

Retornando a memória das mulheres que dialogam com Freire Alemão, vale reconhecer que tais acontecimentos são de grande impacto social, o qual oferecem uma visualização das práticas cotidianas da cultura cearense. Mesmo transmitida por meio da escrita, a memória da velha Cosma, hoje, nos leva a uma conexão com os dias vividos em 1825/1827, contribuindo assim com a reprodução do conhecimento, e revela o local da memória social construída socialmente e sua forma de reprodução através do tempo, “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado²²”, exposto a consciência dos indivíduos, esses fenômenos revelam a experiência em si do passado vivido que, nessa condição, se torna parte do processo histórico da cultura povo cearense.

Desses tempos imemoráveis, a história da migração nas terras de Pacatuba, inicialmente, data desse período de estiagem no Ceará. No ano de 1845, os efeitos daquela grande seca devastaram a população interiorana de forma que os sertões ficaram despovoados e os antigos acontecimentos de 1825 se repetiram largamente. “Em 1845 houve outra grande seca, em que os sertões ficaram despovoados; foi quando ajuntando-se alguns sertanejos, aqui em Pacatuba, começou a povoar-se este lugar [...]”²³. A experiência da seca na antiga Pacatuba ao sopé da serra da Aratanha é de proporção extrema, acompanhada de toda sorte de sofrimento. Houve grande número de mortes, doenças e epidemias; porém a condição Geográfica da Serra da Aratanha possibilitou de início a reorganização da vida de muitos retirantes no período daquela seca. Naquele ano, foi assim: entre lágrimas e socorro, fome, morte e vida. O escritor Manoel Albano Amora narra, também, a partir da memória local, a história das primeiras migrações em Pacatuba:

Veio então a seca de 1845, com seu cortejo de horrores, assolar a província inteira. Você era bem criança nesse tempo, por isso pouco há de se lembrar das cenas horripilantes desse lutuoso ano. Pois saiba que ainda hoje sinto calafrios ao recorda-las. Bandos e bandos de mendigos desciam do sertão procurando meios de salvação, e quantos não caíam e expiravam na estrada; quantas donzelas entregavam aos desalmados o tesouro da honra por um punhado de farinha; quantas mães desnaturadas não vendiam os filhos por um bocado que lhes aliviasse as agonias da fome – enfim quanta nudez, e crimes, e calamidades. As criancinhas expiravam coladas aos peitos maternos,

²² NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 18 jun. 2018. (2012, p. 9)

²³ NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. ...*Op. Cit.*, p. 247

procurando debalde uma gota de leite daqueles cálices secos e crestados²⁴.

Analisando a fome nesse estágio apresentado pela memória local escrita por Albano Amora, busca-se compreender o alto estado de vulnerabilidade física que experimentavam os retirantes, provocando reações diversas nos limites de suas forças, reações que podem ser reconhecidas como resultado da aflição e do desespero (crimes, roubos, prostituição). Por outra ótica, Thompson (1998), em seu ensaio sobre “A economia moral da multidão Inglesa no século XVIII²⁵”, discorre sobre a luta dos trabalhadores contra a fome naquele tempo histórico, não se tratava apenas de uma reação a uma condição físico-biológico ou de uma questão impulsionada pela ética ou pela moral do povo frente às elites e o poder político, mas representou o protagonismo dos trabalhadores explorados enquanto agentes de sua própria história, uma vez que fazem resistência à condição miserável imposta pela economia da época, na qual os costumes, a cultura e a razão reagem ativamente marcando uma estratégia de sobrevivência.

Nesse contraste ocorrido em 1845, em Pacatuba, é possível pensar na ação da mãe que vende o filho como um ato lenitivo, uma forma de garantir a vida do infante e a própria vida em tal circunstância, sendo essa oportunidade a condição que lhe parece segura. Essa atitude da mãe que vende o filho, pode ser considerada uma “atitude racional²⁶”, ao reconhecer que o filho vendido terá alimento para viver e, dessa forma, sobreviver às amarras da morte. Assim sendo, reconhecer que o retirante é um ser histórico, é também compreender sua comunicação corporal e sensível. Logo, a mulher que reconhece no próprio corpo a força que pode lhe fazer resistir à morte, traduz também uma atitude racional e cultural que podemos encontrar nos “costumes em comum”²⁷, consistido na base da opressão física provocada pelo fenômeno da fome. Pode-se então dizer, que, mesmo contrariando a moral, muitos retirantes sobreviveram à fome graças às suas formas de resistência postas em prática.

²⁴ AMORA, Manoel Albano. Antologia do Centenário. Editora Henriqueta Galeno. Fortaleza-Ceará (1969, p. 129)

²⁵ THOMPSON, Edward, P. Costumes em comum / E. P. Thompson : revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. - São Paulo: Companhia das Letras. (1998, p. 150)

²⁶ THOMPSON, Edward, P. Costumes em comum. ...*Op. Cit.*, p. 150

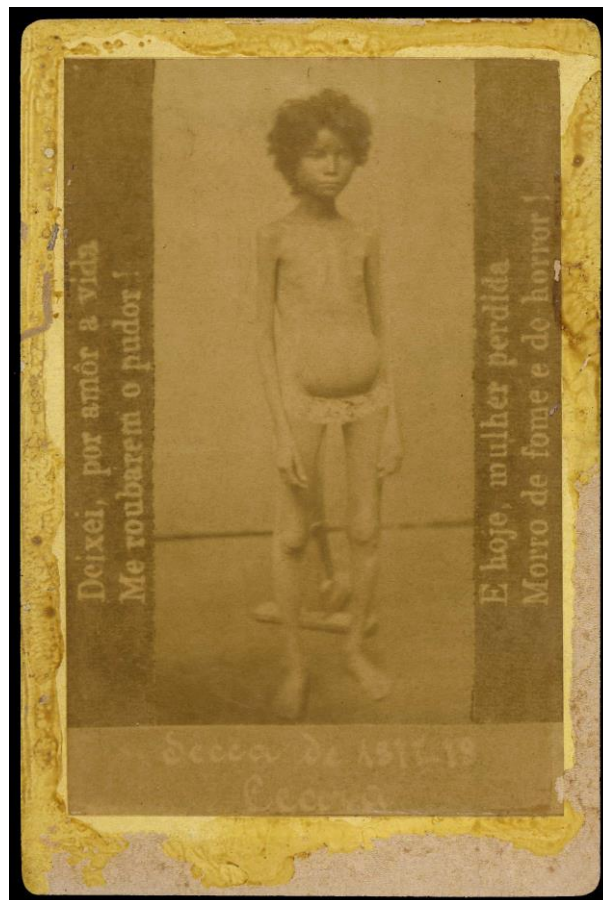
²⁷ THOMPSON, Edward, P. Costumes em comum. ...*Op. ...Cit.*, p. 150

Figura 2 - Crianças retirantes na grande seca cearense 1877-1879



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (RJ)

Figura 3 - Mulher retirante da grande seca no cearense 1877-1879



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. (RJ)

A imagem da mulher despida na fotografia é parte dos registros da grande seca no Ceará. Apesar da fome ser a cena mais pungente da migração, a nudez era outro drama que compunha o cenário, tornando o migrante ainda mais vulnerável ao meio social, principalmente mulheres e crianças. Não obstante, os socorros públicos propiciavam a uma pequena parte dos retirantes: alimentação e trabalho. As vítimas da seca chegavam nas cidades geralmente com poucos pertences: agasalhos e roupas que, com o passar do tempo, esfarrapavam-se no próprio corpo. A caridade pública local sempre buscava colaborar neste sentido, porém as condições se esgotavam frente à grande massa migratória.

Nessa perspectiva, pode-se reconhecer que o êxodo migratório, causado pelas secas, passa a ser mais que um deslocamento regional na busca por trabalho e sobrevivência. Ocupa, nesse caso, uma posição política geradora de diversas demandas sociais. As dificuldades nessa jornada humana projetam imagens de puro sofrimento de natureza material e simbólica que engloba necessidades básicas de vida, identidades, memória, rejeição nos centros urbanos, etc. O fato de pertencermos a uma mesma geografia – língua/terra – não impediu o fenômeno da alteridade vivido repetidas vezes na história da migração do retirante. Os migrantes, que chegam em Pacatuba ou em Fortaleza, são paradoxalmente estranhos, num mesmo dialeto, significação ativa das dificuldades de relações sociais e comunicação. Fontes históricas revelam que tais indiferenças foi um dos grandes desafios vividos pelo retirante da seca.

As perdas de natureza simbólica e material envolvidas nesse processo compreendem: a perda do espaço social de origem; a moradia; a identidade; a produção material da vida, e/ou a família. Tal movimento migratório em si possui caráter extremamente penoso, compõe uma ação que se conclui moldada ao fogo da vulnerabilidade e da decadência que alcança diversos setores sociais, nos quais mulheres, crianças e idosos ocupam os primeiros espaços diante da fome, da violência física, sexual, da doença e da morte.

Adentrando a questão da fome, o experiente sanitarista Rodolfo Teófilo faz menção à psicologia retirante causada pela miséria, quando busca compreender as atrocidades humanas que testemunhou em sua jornada pelas secas do Ceará. Sua caminhada o fez assistir de perto cenas trágicas que o autor descreve ao longo de seu trabalho literário. “Estudei dedicadamente a calamidade e a psicologia do faminto. A observação dos fenômenos me convenceu que a miséria tudo dilui de bom na alma humana²⁸.” Para o autor, há um estágio na fome em que o

²⁸ TEÓFILO, Rodolfo. A seca de 1915. Edições UFC. (1980, p. 63)

ser humano transcende as limitações da moral inserida num corpo social, fenômeno conduzido pela necessidade de sobrevivência. Teófilo, em sua fala, refere-se à capacidade humana de realizar ações incomuns mediante à fome; às atividades sexuais em troca de alimento; às pessoas, que comiam outras espécies de animais, como cavalo, jumento ou roedores peçonhentos. O autor relata ter visto pessoas comerem carne em estado de putrefação pelos caminhos da migração, enquanto outros cometiam práticas de canibalismo, tamanha era os horrores da fome.

Karl Marx, (2004) em seu trabalho *Manuscritos filosóficos e sociológicos*, traz uma concepção ontológica sobre a natureza humana: “o homem é imediatamente um ser natural, como ser natural, e como ser natural vivo, está por um lado munido de forças naturais, de forças vitais, é um ser humano ativo”²⁹. Neste sentido, tratando-se da seca, pode-se reconhecer que para o homem do campo a vida depende tanto da natureza quanto do próprio trabalho, que a terra é reconhecida pelo sertanejo como existência natural, sendo o trabalho o momento de mediação entre o homem e a terra.

Por uma outra extremidade, o homem é também um ser social, um ser de particularidades e de coletividades a partir de seu corpo de sentidos. Segundo o mesmo autor, esse ser corpóreo dotado de vida, necessita de uma natureza fora de si, sendo a fome a genuína revelação da natureza do homem, prossegue:

A fome é uma carência natural; ela necessita, por conseguinte, de uma natureza fora de si, de um objeto fora de si, para se satisfazer, para se saciar. A fome é uma carência confessada do meu corpo por um objeto existente (seiender) fora dele, indispensável à sua integração e externalização essencial³⁰.

No caso do Ceará, a comunicação da época mostrava a fome como um fenômeno próprio do homem do campo, reduzindo categoricamente esses indivíduos à condição de ocioso, mendigo, diferente, doente, miserável, sem reconhecer as circunstâncias e os meios que amarravam o sertanejo a sua infeliz realidade. Nessa dinâmica, a vida em sociedade traz ao homem a ampliação de suas limitações de vida frente às forças das estruturas criadas pela própria sociedade. O homem retirante é esse ser de corpo de sentidos, condicionado e limitado em suas manifestações vitais. É também um ser social que, nos moldes da política do território

²⁹ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos*. Boitempo editorial, 1ª edição. (2004,p.127)

³⁰ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos*. ...*Op. Cit.*, p. 127

nação e da propriedade privada, pode viver a negação da possibilidade de construção de subsistência digna de sua existência.

Diante do exposto, na história pacatubana, é possível afirmar que um dos importantes resultados da resistência do retirante foi o povoamento daquele território, dado histórico que nos traz a memória local e as entrelinhas da história oficial. Nesse contexto, o poeta pacatubano Juvenal Galeno³¹, numa conversa com o botânico Freire Alemão em 1859, relembra a história da seca e os que sobreviveram à calamidade de 1845, que são parte da povoação daquele território:

“Esta povoação de Pacatuba começou em 1845, e foram os sertanejos que acoitados pela grande seca desse ano aqui chegaram, tendo morrido muitos durante a viagem, e procurando lugares frescos se estabeleceram aqui em grande número e em palhoças, sendo estas terras pertencentes ao patrimônio dos índios³²”

A memória de Juvenal Galeno, transcrita por Freire Alemão, é uma representação significativa da memória local, na qual podemos apoiar a história a partir da fala, situando tal fenômeno no conceito de nova história cultural em Peter Burke³³, a qual surge como a expressão da memória, paradigma que contribui na revelação do significado da realidade. A memória presente nesta narrativa é, sobretudo, a herança que constrói parte significativa da história da cidade, auxiliando-nos na compreensão do papel do retirante na formação da população pacatubana, suas identidades e vivências. Em tal processo histórico, o migrante da seca também dispõe de um legado memorável que revela sua capacidade de trabalho e readaptação a uma nova realidade de produção de subsistência ao sopé da Serra da Aratanha. Outrossim, a realidade da seca citada por Juvenal Galeno, que segue de 1845/1846, projeta-se numa dimensão tão cruel quanto outras passadas em toda a província.

Vale destacar que, a partir de 1845, percebe-se uma mobilização pública em torno da promoção do trabalho. Nesse caso, a experiência da realização de obras públicas com mão de obra retirante ganha destaque em matéria de jornal. Em 1846, o jornal *O Cearense*, em seu repertório de avisos, fez uma chamada pública em nome do império que “manda formar a

³¹ Juvenal Galeno da Costa e Silva (Fortaleza, 27 de setembro de 1838 — 7 de março de 1931) foi um escritor brasileiro. Filho de agricultores cafeeiros na encosta da Serra de Aratanha em Pacatuba. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Juvenal_Galeno>. Acesso em 25/05/2018.

³² ALEMÃO, Francisco Freire. Manuscritos. ...*Op. Cit.*, p. 335

³³ BURKE, Peter, 1937 – O que é história cultural? / Peter Burke; Tradução Sérgio Góes de Paula, - 2 ed, rev. e ampl. - Rio de Janeiro; Jorge Zahar. Ed., 2008.

companhia de trabalhadores para se empregar em aberturas de estradas e em qualquer outras obras públicas gerais que a província tenha mais necessidade”³⁴. O apelo do governo da província do Ceará feito ao Império do Brasil tinha como justificativa, naquele momento, a acumulação de migrantes em Fortaleza e áreas subjacentes, seguido da fome que se perpetuava de forma desenfreada e a ociosidade que poderia ocasionar um outro caos social. Prossegue o anúncio:

A construção de açudes³⁵: Publicado o aviso, que acima deixamos transcrito, e que veio a dois vapores, não nos podemos furtar de dirigir ao Exmo. Senhor presidente do império o mais pronunciado agradecimento pelas ordens que acaba de dar a nossa província: compreendendo bem o triste estado a que estamos reduzidos; vendo o perigo na ociosidade a tantos indivíduos aquém a seca lançou no último apuro.

Analisando a publicação do texto político com seus argumentos, no jornal *O Cearense*, é possível perceber que a atitude do poder público é uma tentativa de manter o controle da ordem social frente aos resultados negativos da seca. O perigo da ociosidade destaca-se sobre o motivo humano da fome que causava a dispersão dos povos do interior da província, configurando uma administração de valores morais que reconhecem os riscos sociais impetrados pela migração: fome, roubo, prostituição, morte, violência, doenças, etc. O risco do desequilíbrio do arranjo social conveniente da sociedade que podemos classificar como medidas de contenção das ações da população retirante em Fortaleza e adjacências.

Contudo, ainda desse fenômeno migratório, em que o sertanejo é o personagem principal, surgem outras numerosas complicações de caráter físico e moral que acarretam mudanças de curso na vida de toda sociedade: no governo; nas famílias; nas elites e no trabalhador do campo. A realidade concreta do sertanejo que migra com a seca é de total abandono e carências básicas de subsistência. Nesse caso, o agricultor convencional, o caprincultor, o pequeno pecuarista, dependem diretamente da estação chuvosa para produzir sua subsistência. É o homem que depende de seu próprio meio, seguido de suas aptidões (relação com a terra), sua disposição inclinada às próprias necessidades. Rodolfo Teófilo, descrevendo essa realidade, revela que, para sobreviver, os retirantes “nas cidades apelavam para caridade pública, nas serras viviam da caça, das raízes e frutos silvestres e do furto das

³⁴ Jornal *O Cearense*. Repertório de avisos. Império – Aviso, de 18 de setembro de 1846.

³⁵ Jornal *O Cearense*. Repertório de avisos. Império. ...*Op. Cit.*

lavas”³⁶, condições que, por muitas vezes, levavam os retirantes à morte por envenenamento ou assassinato em terras privadas.

Outrossim, a experiência de Pacatuba em 1845, foi também um espaço de violência, submissão, doença, mortes e horrores. Segundo Neves (2000), quando discorre sobre a residência do retirante na capital ou nos abarracamentos nas periferias de cidades adjacentes: “o relacionamento entre retirante e a população urbana, vai ganhando contornos mais nítidos, que, no entanto revela a formação de um campo de conflito em que se confundem medo e terror, complacência e intolerância, caridade e violência”³⁷ A luta por sobrevivência em terras de outrem passa por toda essa dimensão abordada na literatura. Cândido (2014), também descreve imagens desse campo de conflito:

Entre os retirantes das secas não havia de ser diferente, mesmo porque na sua condição de imigrantes a violência era um dado do cotidiano: nos caminhos pelos sertões secos, nos embarques nos trens e navios, no dia a dia dos abarracamentos, nas portas das pagadorias do governo, no cumprimento das jornadas de trabalho em que homens armados se encontravam sempre em volta³⁸.

Dessa condição penosa, sobram poucas oportunidades de sobrevivência, sendo uma delas o trabalho em obras públicas ofertado pelo governo. As atividades de mão de obra perpassam por diversas situações de limitações técnicas e precariedade logística: caminhar longas distâncias, alojamentos em barracas improvisadas na mata, questões higiênicas, vestimentas, água e alimento. Essa realidade, como veremos em sequência, irá se repetir, ou seja, o poder público não produzia condições de resistência e combate à seca, exceto a evolução da improvisação da política de socorros públicos e a exploração da mão de obra retirante.

Tomando a questão ao ponto da realização de obras públicas, em primeiro momento, essas ações correspondiam aos interesses e às necessidades do poder público provincial em suas instâncias regional e local. O trabalho do retirante, sob circunstâncias árduas e penosa, às vezes sem habilidades diferenciadas para outro tipo de mão de obra diferente do campo, não deixa de produzir um legado em todo território, que se traduz em grandes estruturas públicas e de

³⁶ TEÓFILO, Rodolfo. História da seca do Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 81

³⁷ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, (2000, p. 49)

³⁸ CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Proletariado das secas: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-119) 2014. Tese (Doutorado) em Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História. Programa de pós graduação em História Social. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8993?mode=full>> (2014, p. 297)

natureza social: A construção de açudes, barragens, igrejas, monumentos, estradas, etc. À exemplo desses feitos, entre tantas outras obras realizadas em Pacatuba, destacam-se o prolongamento da estrada de ferro de Baturité, a construção do edifício da cadeia pública e das principais igrejas da cidade, obras edificadas por mãos migrantes da década de 1870.

Se por um lado a realização de obras públicas foi parcialmente positiva em seu caráter pontual; por outro, ela omitiu a possibilidade de um projeto governamental de combate à seca em todo território cearense. Nesse ensejo, partindo da via discursiva da dialética proposta por Marx e Engels (1998)³⁹, pode-se produzir um questionamento sobre os reais objetivos da reação pública diante do fenômeno da seca. Para compreender tais fenômenos é preciso refletir sobre o modelo sociopolítico que corresponde a um aparelho governamental nacional que também é global e se reproduz ao longo do tempo. Assim sendo, a atitude pública frente à disposição de mão de obra migrante na província passa ser uma política de Estado que, no decorrer do tempo, transformam-se em megas projetos da classe política e da elite local, cujos objetivos são os interesses econômicos. Davis (2002), em seus estudos sobre a seca no Ceará do século XIX, reconhece as influências do liberalismo clássico na política brasileira. No Ceará, põe-se em prática posturas adotadas pelos ingleses quando exploravam a mão de obra migrante para o trabalho na grande calamidade indiana do século XIX. A partir desse autor, é possível compreender que a atitude da política cearense se deu sob influência de interesses estrangeiros, a destacar as estruturas ferroviárias que representavam uma nova fase de organização do mercado. Podendo destacar, a construção da estrada de ferro de Baturité, cujo objetivo era o transporte de mercadorias para a capital e para a exportação.

A influência britânica sobre a economia brasileira utilizou novas configurações de ideologia liberal, impulsionando “o utilitarismo britânico e o darwinismo social acima de tudo⁴⁰”. As ideologias liberais e o conservadorismo cristão foram elementos cognitivos que compuseram e nortearam o poder político e econômico da sociedade cearense, realidade que se materializa nas duas principais ações de combate à seca: a caridade pública e a exploração da mão de obra retirante para o trabalho público. Sobretudo, o imperialismo inglês contava com experiência de reconhecer que os períodos de estiagem eram o momento de dispor de mão de obra barata em grande escala, em consequência da fome e da migração. Em Holocaustos

³⁹ Ideologia Alemã. Karl Marx & Friedrich Engels; [Introdução de Jacob Gorender]; tradução Luiz Cláudio de Castro e Costa – São Paulo: Martins Fontes, 1998. - (clássicos).

⁴⁰ DAVIS, Mike. Holocaustos Coloniais. Ed. Record. Rio de Janeiro-São Paulo. (2002, p. 94)

Coloniais, o autor se reporta à seca enquanto fenômeno global, o qual não só o nordeste do Brasil fora atingido mas também outras regiões tropicais, tais como a China, Índia, parte da África, entre outros que compõem o cinturão tropical. Em consonância à narrativa de Mike Davis, o relatório da Rede de Viação Cearense - RCV de 1959, transcreve uma mensagem do conselho de Estado sobre o flagelo da seca de 1877/1879:

Visando tirar vantagem da própria desgraça, empregando em trabalhos uteis tantos braços ociosos, transcrevemos a mensagem (também do livro de Ótávio Memória): “A experiência de outros países que, como essa região do império (Nordeste) estão sujeitos a sêcas periódicas, tem mostrado não haver meio mais eficaz para minorar os efeitos de tais flagelos, como a construção de via-férreas [...]”⁴¹.

Como revela a Rede de Viação Cearense, a seca com seu cortejo de fome e migração em massa já era esperado pelo governo e a ocasião seria propícia para o Ceará aproveitar o acesso à mão de obra abundante e barata. Com essa postura, as frentes de trabalho em obras públicas em tempos de seca eram espaço de penúria e sofrimento, onde se concentravam um grande contingente de migrantes em espaços insalubres, sem estrutura e permeado por doenças e pestes. Desta forma, muitos trabalhadores morriam nas obras, debilitados pela fome e pelas doenças, como ocorreu na ampliação da estrada de ferro de Baturité, obra na qual milhares de retirantes morreram às margens dos trilhos. Tirar proveito da própria desgraça, como afirmou o conselho de Estado no relatório da RVC, é construir empreendimentos com a própria vida, é promover morte em larga escala como se experimentou na grande seca de 1877-1879.

⁴¹ Relatório da RVC de 1959. Arquivo do Museu da RFFSA. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA/AERVC. Fortaleza-Ceará.

**Figura 4 - Linha tronco, Ramal 1. Fortaleza a Pacatuba. Km 34.901/ Pacatuba- Ceará.
Visão Panorâmica da Via Férrea em 1888**



Fonte: Museu da RFFSA. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA/AERVC. Fortaleza-Ceará

Fanon (1968), em seu trabalho “Os condenados da terra”, aborda o descaso imperial com a população trabalhadora, os efeitos avassaladores da colonização ocidental sobre os territórios do sul. Nessa perspectiva política, os condenados da terra enquanto negros, índios, mestiços, brancos pobres, trabalhadores em geral formavam uma categoria excluída de direitos e extremamente explorada pela economia ocidental, cujos efeitos são marcados na vida humana tanto no campo físico, quanto no psíquico; fenômeno social que divide o mundo colonial em dois hemisférios antagônicos: um pelas condições de vida digna e outro pela fome e exploração do trabalho. Neste caso, é relevante reconhecer que no Brasil, tal como em terras africanas, a experiência da colonização foi um legado cruel que pode explicar muitos fenômenos sociais ocorridos do século XIX à atualidade.

Para Fanon (1968), é a herança do mundo dividido entre raças, “o mundo colonizado é um mundo cingido em dois”⁴² sob a ótica do discurso evolucionista que, partindo de uma orientação absoluta, o colonizador diferencia de si mesmo o pobre trabalhador, seja o negro, índio ou mestiços pobres. São os valores brancos ocidentais apoiados na ciência e na religião que, no caso da economia da seca cearense, tem a mão que rege os processos históricos. A partir dessas ideias, podemos pensar a política do Brasil imperial enquanto continuidade de uma série

⁴² FANON, Franz. Os condenados da terra. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de José Laurêncio de Melo. Editora civilização brasileira S.A. (1968, p. 28)

de valores coloniais, prosseguindo uma nova lógica de exploração e, na condição de nação independente, permanece cedendo a interesses externos, nesse caso, os interesses britânicos, em posição de influência sob parte da economia da seca, como mencionado por Davis (2002).

Retornando à ideologia Alemã, os autores discorrem sobre a produção da vida material do homem, sua relação medida pelos meios sociais que estão em primeiro lugar no mundo do trabalho: “A maneira como os homens reproduzem e produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza, dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir”⁴³, ou seja, as circunstâncias dos fenômenos econômicos determinam o que o homem produz e como ele faz essa produção é fator que marca os limites de sua condição de vida. Nesse caso, a produção material da vida corresponde à construção de suprimentos e suas necessidades básicas como, por exemplo, alimentação e moradia, que são ações que ordenam a transformação da natureza e, com essa transformação, o homem se define enquanto ser histórico. Desta forma, se compreende que os meios de subsistência do sertanejo, a partir do trabalho, dependem tanto das condições naturais e seus fenômenos, quanto das condições sociopolíticas. Segundo os autores, as relações de trabalho são manifestações construídas historicamente que determinam a produção da vida.

1.2 Contraste do Sertão Incomum

Sobreposto as imagens pontuais do Ceará seco na trajetória do século XIX, outra imagem bem mais constante contrapõe a paisagem da história cearense, o sertão verde ou dos grandes invernos, das farturas, da grande produção agrícola. Em 1871, o jornal *O Cearense* fez a seguinte narrativa vinda do sertão: “Crato – comunica nos dessa cidade em 12 de junho o seguinte: ‘tudo vai a mil maravilhas nesta terra abençoada: muita fartura de chuvas, excelentes colheitas de todos os gêneros alimentícios, preços mais baratos que a tempo se não viam’⁴⁴”. Com grande entusiasmo a mensagem segue anunciando os festejos do mês de maio no Crato, revelando um sertão para além da colheita, “Acaba de celebra-se a festa do mez mariano com uma pompa e esplendor imenso, de sorte que passa pela primeira que neste gosto se tem feito até hoje”. Seguindo o contraste da paisagem cearense, para Barbosa (2000), o Ceará verde é

⁴³ Ideologia Alemã. Karl Marx & Friedrich Engels. ...*Op. Cit.*, p. 11

⁴⁴ *O Cearense*. ANNO XXV, N° 74, Quinta 29 de junho de 1871

também a paisagem dos “bois gordos, os cavalos roliços, a população forte e as árvores frondosas e centenárias⁴⁵”.

Em consonância a narrativa do jornal, Barbosa propõe uma reflexão sobre a imagem tímida e penosa que se produziu do sertão ao longo do tempo. Sua narrativa revela que a memória do sertão não é apenas a memória da seca e do sofrimento, há sobretudo os tempos normais de inverno que compõe os maiores períodos no que se refere a alternância entre chuvas e estiagens. O tempo das colheitas é também o tempo das festas e das realizações sociais que sempre permitiu a perpetuação da alegria e da vida no campo, sendo esse, um espaço de produção de cultura e valores sociais. Nessa perspectiva, a autora afirma que a experiência da seca não é um fenômeno linear no tempo, definindo, dessa forma, o sertão como um “lugar-incomum”. Por conseguinte, pode-se reconhecer que a seca é um fenômeno pontual que surge sempre depois de períodos regulares de inverno, causando o desequilíbrio da cadeia produtiva no campo. Assim, importa dizer que fome e migração estão intrinsecamente ligados aos fenômenos sociopolíticos.

Tomando a reflexão ao cenário político-econômico a partir da segunda metade do século XIX, o mundo ocidental produziu mudanças significativas do ponto de vista estrutural com os impulsos mercantis causados com a segunda revolução industrial na Europa. No Ceará, essas mudanças ocorrem na relação da produção agrícola, quando se inicia uma organização potencial de um mercado interno e externo. Isso viabiliza a produção da agricultura em toda província, consolidando a gênese de uma agricultura comercial. Segundo Teófilo (1922), nesse processo são os “estrangeiros” a classe que domina a maior parte das relações de comércio interno e externo no Ceará.

A trégua de grandes estiagens, que ocorrem por três décadas consecutivas, entre os anos quarenta e setenta (séc. XIX), possibilitou a província cearense uma larga produção na agricultura que transformou radicalmente as formas de relação da produtividade do campo. Com a Guerra da Secessão Americana, no Ceará dos anos 60 (séc. XIX), a província destaca-se na exportação do algodão e outros gêneros. “A notícia da grande produção de algodão em breve atraiu, de outros pontos do Brasil e da Europa, especuladores que fundaram novas casas comerciais⁴⁶”. Em parte, era o progresso imediato que levava toda província a largar a

⁴⁵ BARBOSA, Ivone Cordeiro. SERTÃO: Um Lugar-Incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado. (2000, p. 192).

⁴⁶ TEÓFILO, Rodolfo. História da seca no Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 23

agricultura familiar e outras produções em torno da “febre do algodão”. Para Rodolfo Teófilo, a “febre do algodão” foi um acometimento que atingiu todos os níveis de produção, ocasionando a ausência de outros gêneros agrícolas em toda província. Seguindo esses fatos, Cândido Tayrone (2014), afirma que tais avanços na produção agrícola, resume-se à organização econômica que propicia condições favoráveis à classe detentora de terras e dinheiro, ao monopólio do comércio:

A mercantilização das relações sertanejas, trouxe consequências nefastas para vida das camadas mais pobres. A alta geral dos preços fazia com que certos produtos, antes consumidos pelas comunidades interioranas, passassem a ser escoados para os centros litorâneos, provocando crises de abastecimentos no interior⁴⁷

A crise de abastecimento, informada pelo autor, inclui desde subsídios alimentícios à diversidade de sementes para o cultivo no campo. Embora o contexto comercial brasileiro estivesse em ascensão, a herança colonial em seus moldes de controle dos meios de produção permanecia perpetuando o cenário de subdesenvolvimento na cultura cearense.

Sobre essa expansão do comércio, Wood (2001) afirma que nessa realidade capitalista, tudo se converte em mercadoria, tudo se produz para o mercado, a força do trabalho passa ser “mercadoria⁴⁸” nesse novo processo de organização do capital, “essa dependência do mercado confere a este um papel sem precedentes nas sociedades capitalistas, não apenas como um simples mecanismo de troca ou distribuição, mas como um determinante da reprodução social”⁴⁹. Nessa perspectiva, a produção dos meios geradores de condições de vida é mediada pela relação de mercado. Logo, a necessidade de sobrevivência imediata, no caso da experiência da “seca” enquanto fenômeno natural, não possuía nenhuma garantia diante desses valores.

Outro fator significativo, que possibilita uma reflexão sobre as condições do sertanejo em períodos de seca, é a Lei de divisão de terras sancionada no Brasil no ano 1850⁵⁰. Foi a Lei que regulamentou a situação fundiária no território brasileiro, assegurando o poder de compra como forma de conseguimento da terra, suprimindo a possibilidade de posse ou doação, excluindo da posse da terra, pessoas pobres, trabalhadores, agentes da agricultura sazonal, ou

⁴⁷ CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Proletariado das secas: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-119). ...*Op. Cit.*, p. 72

⁴⁸ WOOD, Ellen Meiksins. A origem do capitalismo. Tradução Vera Ribeiro; Apresentação Emir Sader – Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. (2001, p. 78)

⁴⁹ WOOD, Ellen Meiksins. A origem do capitalismo. ...*Op.*, *Cit.*, p. 78

⁵⁰ LEI N ° 601, de 18 de setembro de 1850. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm.

seja, a grande massa trabalhadora principalmente do campo. Tal medida agregou valor significativo a terra, favorecendo a política de latifúndio protagonizada pela classe de proprietário de engenho, fazendeiros, estanceiros, comerciantes e outros de posse financeira.

Para Martins (1983), tal política excluiu o trabalhador do campo de sua terra, ou seja, de sua lavoura, de sua vazante. Trata-se de uma exclusão política, que vai definir as condições de vida e trabalho do homem do campo no processo histórico, “[...] a história do Brasil é a história das suas classes dominantes, é uma história de senhores e generais, não é uma história de trabalhadores e rebeldes. A história oficial não costuma registrar feitos de derrotados⁵¹”. No Brasil imperial, a união entre classe política e elite econômica foi o grande impulso da formação do patriarcado, o grande ímpeto que assegurou o controle do poder econômico, dos meios de produção e conseqüentemente do subdesenvolvimento econômico.

Tomando como referência José Murilo de Carvalho⁵², é possível compreender o subdesenvolvimento brasileiro sendo forjado numa via de mão dupla entre coronelismo e Estado na construção de uma modernidade tardia, centralizada e conservadora, cujos interesses comuns são mutuamente considerados. É em meio a tais fenômenos sociais que se encontram os sertanejos que vivem em suas lavouras no território brasileiro, sobretudo na província do Ceará. Tais fenômenos sociopolíticos possibilitam uma reflexão acerca da paisagem social da seca cearense, nos quais se pode localizar o sertanejo migrante em tempos de estiagens. É possível compreender que foi o destino da falta de investimento político e inclusão social que culminou tantas vezes no destino da fome, da peste e da morte em grande escala no território cearense.

Contudo, se a alternância entre períodos de secas e invernos rigorosos já representava um grande desafio ao trabalhador, a concentração fundiária e o estímulo à produção agrícola comercial sacramentou ainda mais a vulnerabilidade dos sertanejos frente às estiagens.

⁵¹ MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, (1983. p. 26)

⁵² CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem: a elite política. Teatro das Sombras: a política imperial. 5ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPITULO II – A grande Seca em Pacatuba- Ceará (1877-1879)

2.1 Cenários da Grande Seca em Pacatuba

“É fogo vivo o sol, as pedras brazas, o vento labareda, ardente pó;
A fome cruciante; e os pobresinhos, não acham de seu mal quem tenha dó,
A sombra de um rochedo ou verde arbusto, onde a fonte encontrou, que mate a sêde,
Na planeira de alastra a pobre gente, tomando por colchão seu ramo verde;
A noite tomam pouso na cidade; onde mais que o dever reina a maldade⁵³”

Em 1877, a Vila de Pacatuba era uma organização social recém-emancipada de Maranguape, em ocasião do dia 8 de outubro de 1869, através da Lei. 1284, de 1869⁵⁴. A pequena vila encontrava-se em pleno gozo de seus afazeres no trabalho do campo, da indústria e do comércio. Seu território é vasto, com “quinhentos e quatro quilômetros quadrados⁵⁵”. O município segue seu curso de desenvolvimento com o privilégio geográfico que lhe favorece à prosperidade. Em maio daquele ano, seu líder político o sr. Capitão Henrique Gonçalves da Justa fez menção a essa condição: “A villa de Pacatuba é um dos pontos já onde mais aflorão as habilidades deste município com os seus produtos agrícolas, que ali são vendidos ou exportados pela via férrea para capital”⁵⁶. Pacatuba desconhecia a improdutividade da seca, a beleza estava presente nas expressões gramaticais de seus líderes políticos e artistas. Parecia indiferente à realidade penosa que, por esse tempo, sufocava os últimos limites do sertanejo cearense.

Quando eclodiu a grande seca, a vila provinciana dispunha de boas condições de produtividade agrícola tanto no cultivo de áreas serranas, quanto nos baixios com roçados, sítios e fazendas que permitiam à sua população a organização do trabalho e da economia. Entre seus principais produtos agrícolas para consumo e circulação, destacam-se: o algodão, o arroz, açúcar, aguardente de cana de açúcar, farinha de mandioca, feijão e frutas. Além do campo da agricultura, a vila produzia minério de pedra, materiais para construção e tinha uma feira de gado. Outro fator que se destaca neste período, é o grande suporte de mobilidade urbana, dado a sua proximidade da capital cearense, Pacatuba já possuía estrada de ferro que lhe oferecia precisão na comunicação com Fortaleza (comércio e tecnologias) por meio do aporte da

⁵³ Homenagem às vítimas da seca. Texto do poeta português Alexandre Herculano. Trecho publicado no Jornal *O Retirante*, órgão das vítimas, das secca. Fortaleza – Domingo, 14 de outubro de 1877

⁵⁴ Revista do Instituto Histórico do Ceará [online] ANNO XIV, 1900, p. 213.

⁵⁵ AMORA, Manoel Albano. Geografia Sentimental. ...*Op. Cit.*, p.21

⁵⁶ Ofício do presidente da Câmara da Villa de Pacatuba. 28 de maio de 1877. APEC, caixa 65

primeira linha férrea do Ceará, Ramal I, inaugurada suas estações ferroviárias em Monguba e no distrito sede no dia “09 de janeiro de 1876”⁵⁷.

Figura 5 - Estação ferroviária de Pacatuba, Inaugurada em 09/01/1876



Fonte: Museu da RFFSA/RVC. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA – AERVC. Fortaleza-Ceará

Sobre as quadras chuvosas no Ceará, sabe-se que o sertanejo espera a chuva até o final do mês de maio, sendo geralmente junho a etapa final do inverno. Segundo Rodolfo Teófilo, “as observações pluviométricas”⁵⁸ feitas durante o período da seca no ano de 1877, observou-se que chovera em 64 dias apenas 473 milímetros em todo o Ceará, durante todo aquele ano, média muito abaixo da precipitação normal. Quando eclodiu a calamidade da seca, que seria uma das maiores tragédias da História do Ceará, a Vila de Pacatuba, considerando o censo demográfico⁵⁹ de 1872, contava 7.067 (sete mil e sessenta e sete) munícipes, distribuídos entre o distrito sede e as demais localidades. Segundo Henrique Gonçalves da Justa, presidente da câmara da Vila de Pacatuba, a agricultura de gêneros alimentícios, o cultivo do algodão e do café eram a “base⁶⁰” econômica da vila provinciana.

⁵⁷ AMORA, Manoel Albano. Geografia Sentimental. ...*Op. Cit.*, p. 16

⁵⁸ TEÓFILO, Rodolfo. História da seca no Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 13

⁵⁹ Censo demográfico de Pacatuba do ano de 1872. Biblioteca digital do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477>. Acesso em 25 de maio de 2018.

⁶⁰ Ofício N° 3, da câmara municipal da Villa de Pacatuba. 12 de Fevereiro de 1878. APEC, caixa 65

Destaca-se no campo das indústria as seguintes categorias: as casas de farinha; a fazenda rio formoso com engenho produtivo; o engenho do sítio Monguba, onde se produzia cachaça, gêneros alimentícios, mel e açúcar; a pedreira da Monguba, de onde havia sido extraído o minério de pedra para construção do ramal I⁶¹, a qual continuava em exploração de minério de pedra sob organização da Rede de Viação Cearense – RVC.

A migração deste período se inicia já no final de abril desse ano, quando até o final do mês as chuvas não alimentaram as plantações no campo. Em abril de 1877, o jornal *O Cearense* divulgava o noticiário sobre a realidade em que se encontrava o interior da província: “Continuam a ser desoladoras as notícias que sobre a seca nos chega de todos os pontos da província. Mais cedo do que supunhamos ostenta-se a miséria no seio das populações e os recursos escasseão ameaçando desaparecer completamente.⁶²” O mesmo periódico divulga a mensagem do Padre, Rvd. Germano Anthenor de Araújo, vindo do sertão:

Meu amigo – é triste e deplorável o Estado do sertão, o terrível flagelo da seca vai fazendo estragos incalculáveis. Estamos em maio o mês das flores e os campos já estão varridos. Todas as plantações perdidas e nada se aproveitou! O desânimo é geral, já morre gente de fome!! Tudo é horror! [...] As estradas estão cheias de migrantes; uns procuram o Piauy, outros essa capital, se não tiver chuva até o mês de junho, todo sertão ficará reduzido a deserto⁶³.

Essas postagens seriam o anúncio da chegada da grande seca que dizimaria grande parte do povo cearense no século XIX. A partir de então, a migração é uma realidade contínua, a fome atinge de forma avassaladora todo interior da província. É possível compreender a realidade complexa do sertanejo que, diante do quadro infortúnio da seca, encontra-se no dilema de ficar ou partir. Enquanto os jornais com o poder público consideravam cedo para se iniciar a migração no final do primeiro semestre. Por outro lado, as autoridades políticas e eclesiásticas do interior anunciavam morte e desespero mesmo antes do final da estação chuvosa. Ficar é grande risco de perder tudo que lhe resta. Partir, sem alimento e sem garantia de moradia, é o outro risco pelo qual o sertanejo é forçado a passar. Visto que, nesse momento, no sertão não existe possibilidade alguma de sobrevivência, é o deserto, é o vazio.

⁶¹ Revista do Instituto Histórico do Ceará [online]. ANNO XIV – 1900, p. 213. Autorização para construção da estrada de ferro de Baturité em 25 de Julho de 1870, onde a primeira etapa seria o ramal I que teve como itinerário o percurso de fortaleza a Pacatuba, quando em 1872 se iniciam a extração de pedra no sítio Monguba para construção da estrada de ferro.

⁶² Jornal *O Cearense*. ANNO XXXI, N° 33. Quarta feira 18, de Abril de 1877

⁶³ Jornal *O Cearense*. ANNO XXXI, N° 09. Domingo 10 de Junho de 1877.

Para se entender o percurso da migração no extenso território cearense, Rodolfo Teófilo escreveu que um retirante chegava a caminhar até 80 léguas, vindo das mais diversas regiões do Ceará. Essas distâncias podem variar desde as proximidades da capital ao extremo divisor territorial do Estado, ou seja, entre 40 a 600 km, conduzindo sobre animais de carga, crianças e utensílios; outros, que não possuíam essa condição, conduziam bagagens no próprio corpo até onde fosse possível, cenas de um percurso que podia variar entre dias, semanas e meses. É esse o aspecto brutal da mobilidade sertaneja, submisso a grandes distâncias, à fome, à sede e ao sol. Compondo a decadência física do migrante nesse trajeto que pode lhe matar pelo caminho, ou lhe aportar semivivo às portas da capital e das cidades adjacentes.

Teófilo, em seu trabalho literário “*A Fome*”, mostra- nos a triste realidade da migração em tempo de seca no Ceará do século XIX, “ à sombra de um cajueiro uma família de retirantes, infelizes que, depois das torturas de uma viagem penosa de cem léguas, vinham aumentar a onda dos famintos.”⁶⁴ A migração do sertanejo foi, desde o início, momentos de agonia seguido de fome e doenças, tanto nas estradas públicas da província, quanto nos alojamentos improvisados pelo poder público.

Em Pacatuba, a migração de fato toma suas proporções já no mês de abril, submetendo a antiga vila às mudanças drásticas em seu cotidiano, quando as condições de vida da comunidade pacatubana é extremamente afetada nesse processo. Nesse período, percebe-se o envolvimento do poder público local numa mobilização contínua em busca de socorro para os retirantes que aportavam nos espaços da pequena vila. Como em demais cidades que acolhera migrantes no Ceará, Pacatuba perturba-se com os mesmos dramas sociais que avassalam a vida em toda província.

⁶⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome: cenas da seca do Ceará* / Rodolfo Teófilo; Organização e notas de Waldemar Rodrigues Pereira Filho; posfácio de Lira Neto – São Paulo, Tordesilhas. (2011, p. 17)

Figura 6 - Criança Órfã na grande seca de 1877-1879



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (RJ)

A imagem da criança órfã retirante da grande seca é um retrato histórico fidedigno da memória da migração no Ceará. À esse respeito, o poder público local narrou com precisão o estado em que os retirantes chegavam em Pacatuba, semivivos, esqueléticos, magros, despídos e de aparência doentia. Cenas que o presidente da câmara considerou, por muitas vezes, difícil de ver e aceitar tamanha decadência da figura humana, digna de sensibilidade e compaixão.

Por conseguinte, em 14 de abril de 1877, a Comissão de Socorros Públicos relatava os primeiros passos da migração e seus efeitos nas terras da Serra da Aratanha, comunicando por meio de ofício ao presidente da província do Ceará, o início da grande calamidade em Pacatuba:

O povo geralmente augura uma grande secca e infelizmente já vai desanimando, os pequenos agricultores, os jornalistas e algumas pessoas que tem vindo de fora do município, procuram trabalho e não encontram, por que os agricultores mais abastados limitam o número de seus trabalhadores e tratam de reduzir suas despesas a fim de resistir o flagelo de que estamos ameaçados. [...] essa classe de trabalhadores, vendo-se privada absolutamente do jornal, único meio que lhe pode dar uma sub existência regular, impellida pelo horror da fome por certo recorrera ao furto e roubo, crimes estes que lhe trazem tão funestas consequências. A caridade das pessoas mais abastadas do município não tardará a esgotar-se; pois que todos os dias mulheres e

crianças não cessam de pedir esmolas. Os gêneros alimentícios vão desaparecendo do mercado e seus preços cada vez mais se elevando⁶⁵.

Ao aportarem em Pacatuba em condições de miséria, os retirantes não viam alternativa de sobrevivência senão mendigar nas ruas por esmolas. Como cita o ofício municipal, eram mulheres e crianças que faziam esse percurso na tentativa de sensibilizar os moradores de sua sorte desgraçada. Para Neves (2000), a esmola “podia ser considerada uma espécie de dever social para com os pobres⁶⁶”, um dever cristão, cujo significado tinha mais representação para o doador que se sentia um praticante da caridade que a própria vítima da fome.

Nessa conjuntura, a criação das comissões de socorros surgem como uma mão caridosa do governo frente à miséria que assolava toda a província, sendo a Vila de Pacatuba uma das primeiras representações a receber apoio da política de socorros públicos do governo do Ceará. A Comissão de Socorros e Obras Públicas foram agências criadas pelo governo em forma de “aparato administrativo centralizado em Fortaleza⁶⁷” para gerenciar ações de combate à seca em toda a província do Ceará.

Iniciando suas atividades em Pacatuba, a comissão de socorros elege membros locais no distrito sede onde destaca-se o Sr. Henrique Gonçalves da Justa, responsável pela distribuição de ajudas e ordenação das obras públicas. Entre as principais atividades desenvolvidas pelo presidente da comissão de socorros, tinha como ofício elaborar uma “relação nominal das pessoas emigradas” residentes naquela província para onde o governo ordenava os socorros públicos, o recrutamento dos trabalhadores, o pagamento da mão de obra e também a comunicação dos relatórios das ações. Dessa forma, todo o trabalho com os retirantes eram mediados por orientação administrativa do governo da província do Ceará, que regia as ações por meios de ofícios à comissão de socorros, orientando e ordenando as ações sobre o território pacatubano, “Em cumprimento das instruções de V. Ex^a, narradas na circular de 17 de Abril e 19 de maio últimos, executamos nesta Villa para socorro dos indigentes as seguintes obras [...]”⁶⁸. A partir de então, as ações públicas se consolidam nas terras da Serra da Aratanha.

⁶⁵ Ofício de 14 de abril de 1877. Comissão de socorros públicos de Pacatuba, APEC, CX 09

⁶⁶ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história. ...*Op. Cit.*, p. 94

⁶⁷ WEYNE, José de Freitas. Seca e Socorros no Ceará. Revista Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, jan. abr. (2015 p. 187)

⁶⁸ Ofício de 17 de agosto de 1877. Comissão de socorros públicos de Pacatuba, APEC, CX 09

Assim sendo, as ajudas não tardaram a chegar e logo o poder público local tratou de construir centenas de choupanas de palha para abrigar os migrantes que se alojavam nas ruas da cidade e distribuir alimentos para os refugiados. Entre abril e dezembro do ano de 1877, foram dezenas de ofícios do presidente da câmara municipal e do presidente da comissão de socorros, narrando os horrores da fome ao sopé da Serra da Aratanha, ao tempo que pediam clemência em nome da vida dos retirantes e da paz dos pacatubanos.

Diante dos investimentos públicos, a cidade tornou-se um verdadeiro canteiro de obras, onde igrejas⁶⁹ são edificadas, açudes são construídos, estradas são abertas, pedreiras reativadas, entre outras ações que, simultaneamente, aconteceram movidas a pena da grande disponibilidade de mão de obra retirante às sombras da fome, da doença e da morte. Nesse espaço de tempo, algumas obras, que se encontravam em andamento em Pacatuba, foram aceleradas e concluídas, outras foram iniciadas e todas realizadas sob o trabalho dos sertanejos que eram recrutados para o serviço nas obras públicas para trabalharem por pequenos salários ou em troca de alimentação.

A extensão da migração em Pacatuba, frente sua estrutura, deu-se de tal forma que suas distâncias foram ocupadas por “choupanas e abarracamentos de palhas”, destacando-se grande ocupação na sede do município onde “foram construídas umas cento e trinta que se acham todas ocupadas por migrantes”⁷⁰. No grande abarracamento da povoação de Guaiúba; seguida das localidades de Baú e Água Verde nos serviços da estrada de ferro; em torno da construção do açude da Pavuna e nas obras do açude e pedreira da Monguba. Nesse horizonte hostil, a mão de obra retirante tanto beneficiou o poder público, quanto o interesse privado na gestão da comissão de socorros e obras públicas na Vila de Pacatuba, recebendo reconhecimento da produtividade dos trabalhadores pelo presidente da comissão de socorros por meio de seu relatório de obras ao governo do Ceará: “Capella do Carmo, esta obra que foi iniciada sob as auspícia dos fiéis desta villa, recebeu auxílio desta comissão de tal forma que já foi inaugurada e nela funcionam o culto divino, sendo pequena porém linda a Igreja⁷¹”.

⁶⁹ Ofício de 10 de novembro de 1877. Comissão de Socorros Públicos, APEC, CX 09

⁷⁰ Ofício de 10 de novembro de 1877. Comissão de Socorros Públicos. APEC. CX 09

⁷¹ Ofício de 10 de novembro de 1877. Comissão de Socorros públicos. APEC, CX 09

Figura 7 - Capela do Carmo. Concluída com mão de obra retirante em 1877



Fonte: Biblioteca IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca>

Figura 8 - Igreja Matriz de Pacatuba concluída em 1880



Fonte: Biblioteca IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca>

Após a capela igreja do Carmo ser concluída, a comissão de socorros públicos concentrou grande força de serviços retirantes na construção da Igreja Matriz, edificação de grande porte, que foi posteriormente construída no final da seca com a mão de obra de trabalhadores e trabalhadoras migrantes. As igrejas construídas no período daquela estiagem, hoje compõe parte do patrimônio histórico arquitetônico da cidade e deve representar, também, a memória do período da migração na grande seca 1877-1879 em Pacatuba.

Retomando a questão da condição do retirante em Pacatuba, o trabalho público nas obras de edificação compreendia a fabricação de tijolos e telhas em olarias; o carregamento de materiais como pedras, madeira, barro, telhas e tijolos; serviço de pedreiro, carpintaria e aterramento⁷² das estruturas. Assim como esses, o trabalho na escavação de cacimbas, construção de açudes e nas pedreiras eram de tamanha dureza. Fome, sede, nudez, doenças, injustiças, entre outras fatalidades, são cenas que por meio das fontes históricas compõem as imagens do cotidiano do retirante da grande seca em Pacatuba.

Nesse processo, os investimentos do governo cearense na Vila de Pacatuba foram notáveis. O jornal *O retirante* em novembro de 1877 fez críticas a esse fato quando se refere a grandes quantias financeiras empregadas na jovem “Pacatuba”⁷³ comparada aos dramas enfrentados na populosa cidade de Sobral no interior da província. Com tais investimentos, o desenvolvimento do trabalho no território pacatubano recrutava milhares de trabalhadores em diversos espaços espalhados e em distintas localidades. Vale dizer que, da série de abarracamentos espalhados em Fortaleza e adjacências, a estrutura de Pacatuba concentrava o segundo maior número de migrantes, reunindo “4. 395 famílias com 14.836 pessoas⁷⁴”.

Dos investimentos em obras públicas no segundo semestre do ano de 1877, contam os seguintes serviços e equipamentos: curral do matadouro público; construção de barragens; açudes; igrejas; cadeia pública; roçados; estradas de chão; cacimbas; extração de pedras e enfermaria pública. Contudo, as obras públicas também eram realizadas em fazendas particulares e sítios de pessoas influentes, muitas vezes os retirantes trabalhavam em troca de alimentação.

⁷² Ofício de 10 de novembro de 1877. Comissão de Socorros públicos. APEC, CX 09

⁷³ Jornal *O Retirante*. Nº 21, 14 de novembro de 1877

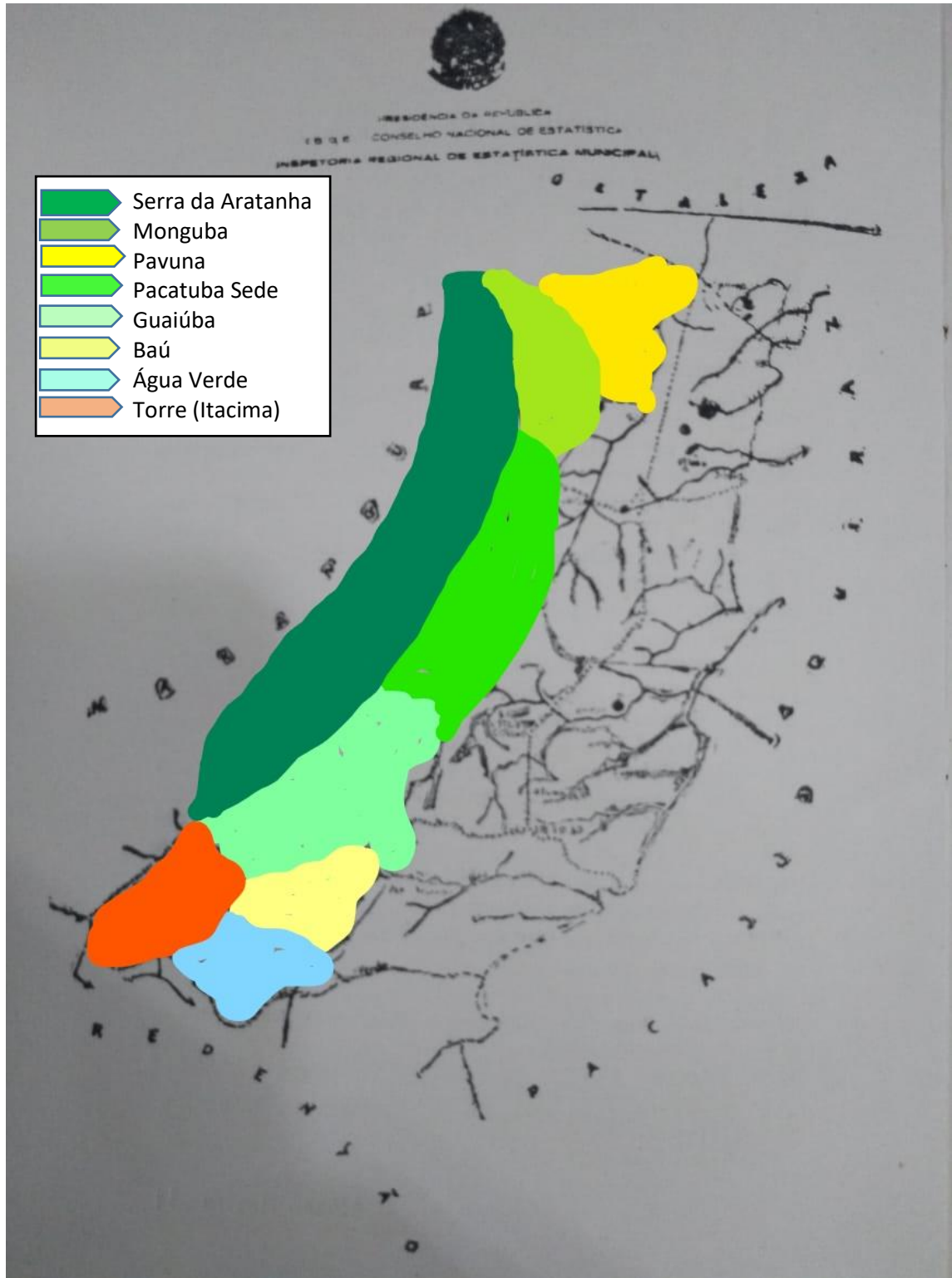
⁷⁴ TEÓFILO, Rodolfo. História da Seca no Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 270)

Figura 9 - Antiga cadeia pública de Pacatuba concluída em 1880 . Atualmente sede da escola municipal Crispiana de Albuquerque



Fonte: Biblioteca IBGE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca>

Figura 10 - Mapa das localidades ocupadas em Pacatuba – 1877-1880



Fonte: AMORA, Manoel Albano. Geografia Sentimental. Editora Henriqueta Galeno 1972

Nesta organização, Pacatuba intermediava a gestão das comissões de socorros na sede e nas localidades de Pavuna e Monguba. A povoação de Guaiúba intermediava as localidades de Água Verde, Baú e Torres (Itacima). As obras públicas recrutavam os migrantes da seca para os mais diversos serviços disponíveis na Vila, o alistamento era feito por meio de um cadastro com nome completo, idade, estado civil, “procedência”⁷⁵ e números de famílias, possibilitando dessa forma a divisão do trabalho por idade, sexo e estado físico.

Tais informações identificam, em Pacatuba, populações de diversas regiões do Ceará e de Estados vizinhos, com idades correspondentes a toda faixa etária. O Representante da comissão de socorros escreveu no dia 3 de setembro de 1877 que havia mais de “mil migrantes empregados diariamente nas obras⁷⁶”; porém, outros inúmeros padeciam por serem desempregados com a falta de recurso: “V. Ex^a portanto digne-a mandar algum recurso hoje, pois do contrário nós seremos forçados a remetter esse povo amanhã para essa capital, para não morrer de fome”.⁷⁷ Sabe-se que, por esse tempo, a capital encontrava-se diante das mesmas cenas e ainda em quantidades maiores, pois a migração tinha como ponto de partida Fortaleza, que representava o principal centro político e econômico do Ceará. Segundo o Senhor Henrique da Justa, em Pacatuba, “todos os dias morrem migrantes” nas ruas, era comum essas cenas, pessoas doentes, desfiguradas, mendigando por toda parte.

⁷⁵ Ofício de 30 de setembro de 1877. Comissão de socorros públicos de Pacatuba. APEC, CX 09

⁷⁶ Ofício de 3 de setembro de 1877. Comissão de Socorros Públicos de Pacatuba. APEC, CX 09

⁷⁷ Ofício de 3 de setembro de 1877. Comissão de Socorros Públicos de Pacatuba. APEC, CX 09

Figura 11 - Mulher retirante despida, vítima da fome na seca de 1877-1879



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (RJ)

Retornando ao contraste do Ceará dos bons tempos a partir de Barbosa (2000), pode-se relembrar a imagem da mulher retirante que agoniza na fome com o que ela já fora anteriormente na paisagem do Ceará nos bons invernos, quando sua figura feminina traduzia a imagem da beleza e da força. Com isso, tudo que já possuía se perdera em tão pouco tempo com a seca. Diante de tais circunstância, no contraste da seca, muitos retirantes desejavam a morte. Chegavam, inclusive, a cometer suicídio, como narra o jornal *O Retirante*:

O estado misero em que se acha a população do centro dessa província é tão atemorador, que já se prefere o suicídio a fome! Foi assim que o desventurado Fortunato de Araújo Frazão, morador nos arrabaldes da telha, antes de ver sua infeliz família succumbir á fome poz termo em sua existência enforcando-se.⁷⁸

Enquanto alguns assistem de perto a família morrer de fome: filhos, pais, mãe, irmãos, parentes, outros não esperavam essa triste sorte como mostra o jornal. A morte por suicídio

⁷⁸ *O Retirante*. ANNO I, Nº22. Fortaleza - Quarta feira, 21 de novembro de 1877

surge como consequência do sofrimento insuportável que é composto pela decadência do corpo, pela fome, pela nudez, pelas doenças, pela opressão física e por outras situações dolorosas.

Voltando às obras públicas, os trabalhadores que construíam barragens e açudes, viviam também no intenso esforço físico, cavando o chão com picareta. Enquanto que animais como jumentos e burros transportavam esses materiais. Os trabalhadores para se alimentar dependiam dos socorros públicos, que muitas vezes atrasavam, eram mal alimentados e também viviam em espaços improvisados com suas famílias. Nesse cenário, todas as obras empreendidas eram consideradas de interesse público, mesmo as que eram construídas em propriedades privadas, sendo essas também consideradas como em benefício de toda a comunidade, condição essa que, posteriormente, não possuíam garantias.

Sobre a distribuição dos socorros, as autorizações para divisão dos suprimentos chegavam à vila pacatubana sob orientação de distribuição por abarracamento e conforme suas localidades. As mercadorias vinham da capital por meio de grandes carregamentos conduzidos pelo trem de ferro até a estação de Monguba e Pacatuba, onde eram distribuídas também para outras cidades que esperavam as ajudas conforme orientação escrita. Abaixo segue “Relação numeral das pessoas empregadas nas obras públicas que se acham em construção nesta Villa de Pacatuba em novembro de 1877⁷⁹”

Tabela 2 - Relação de trabalhadores na seca de 1877 em Pacatuba

OBRAS	TRABALHADORES
AÇUDE	377
ROÇADO = QUANDÚ	80
ROÇADO = FLORESTA	36
ROÇADO FORQUILHA	52
ROÇADO DA FAZENDA	28
CADEIA	66
CONSTRUÇÃO DE BARRACAS	255

⁷⁹ Ofício de 20 de novembro de 1877. Comissão de socorros Públicos de Pacatuba. APEC, CX 09

IGREJA E OLARIA	75
DESTOCAMENTO D' ESTRADA	30
EMPREGADOS DO ARMAZÉM	3
CURRAL DO AÇOUGUE	7
TOTAL	1.053

Fonte: APEC, Ofício de 20 de novembro de 1877. Comissão de socorros Públicos de Pacatuba. CX 09

O relatório da comissão de socorros no final do mês de setembro⁸⁰ de 1877 aponta um número de mais de 3.900 migrantes residentes na Vila de Pacatuba dos quais apenas pouco mais de um mil se encontravam em atividades laborais. Com isso, declara-se que as ajudas da comissão de socorros eram insuficientes para a grande demanda que se alargava a cada dia, as cenas de repulsão pelas ruas da cidade se perpetuavam cada vez mais. Em outubro do mesmo ano, o presidente da câmara municipal, através de um ofício ao presidente da província do Ceará, narrou as cenas desta lastimosa realidade, quando a cidade recebia todos os dias inúmeros retirantes em seu território:

Nesta vila vê-se todos os dias o quadro mais compungente da fome e da miséria com todos os seus horrores, consequência da calamidade da secca que devasta a província. Famílias e bandos de emigrantes do sertão, que depois de atravessar o solo árido dos sertões queimados pelos raios do sol abrasador que tem feito desaparecer quase todas as águas. Derramasse pelas estradas e serras desta villa esmolando a caridade pública [...] uns chegam trazendo em bois ou cavalos de extrema magreza a pouca bagagem que lhe resta, a qual vão deixando pelo caminho a proporção que esses animais vão morrendo. Outros conduzindo as costas desfalecidas creanças que já não podem caminhar⁸¹.

Na peregrinação da seca morreram o gado, as criações, os animais domésticos, os homens, as mulheres e as crianças. A fome fragilizava as defesas imunológicas dos peregrinos, a insalubridade das águas e alimentos emergenciais pelo caminho contagiavam uma série de doenças que se tornavam peste nos abarracamentos e espaços de concentração. Henrique da Justa afirma que no início do flagelo (1877) em Pacatuba “se morrem todos os dias de duas a oito pessoas acometidas dessas moléstias⁸²”. Em seus escritos ao presidente da província do Ceará, o Sr. Justa se recente do crescente número de migrantes na Vila de Pacatuba,

⁸⁰ Ofício de 20 de novembro de 1877. Comissão de socorros Públicos de Pacatuba. APEC, CX 09

⁸¹ Ofício N° 22, 31 de outubro de 1877, da câmara municipal de Pacatuba. APEC, CX 65

⁸² Ofício N° 22, 31 de outubro de 1877, da câmara municipal de Pacatuba. APEC, CX 65

ocasionando a falta de segurança alimentar e hídrica, a epidemia de varíola e a insegurança pública.

O jornal intitulado *O Retirante - Organ das Victimias da Secca*, uma iniciativa particular sediada em Fortaleza, que surge na gênese dessa calamidade, propõe-se declaradamente em suas publicações a denunciar todas as injustiças ocorridas com as vítimas da seca: crianças que choram com fome pelas ruas das cidades; os aluviões de morte em estradas públicas; as atitudes do governos frente a esse quadro. A essa situação o jornal faz duras críticas ao poder público e econômico da província do Ceará e a monarquia do Brasil:

Pouco vos importa o sofrimento do povo, d'esse inditoso povo, que em bons tempos, enche com produto do suor de sua fronte, vossos vorazes cofres. Por que fazei-vos surdos aos gemidos angustiosos e dilacerantes das victimias que se debatem n'um leito de horrores? Vampiros do suor do povo. Cumprí o vosso dever⁸³.

De fato, nos anos predecessores, o Ceará dos bons invernos gozava de sua larga produtividade agrícola. Independente dos investimentos do império, a produção do campo viveu a todo vapor como vimos anteriormente. A denúncia consciente na expressão jornalística citada acima, remete aos direitos do povo, a desorganização que se produziu nas relações de trabalho que ascendeu de forma unilateral, fortalecendo comerciantes ricos e outros setores econômicos da província. Assim sendo, vê-se que a imagem do mendigo nu e descarnado que vagueia pelas ruas é um novo retrato daquele mesmo trabalhador da lavoura que produziu riquezas e que ora sofre os danos da estiagem e das ações políticas.

Outrossim, no panorama hostil assentado na grande seca em Pacatuba, as contribuições da comissão de socorros públicos não puderam conter a desgraça planificada no processo de migração e assentamento na pequena vila provinciana. Sabe-se que a experiência da comissão de socorros foi sobretudo uma rede de solidariedade, mas também uma rede de exploração do retirante, no sentido de controlar principalmente os homens que se sentiam na obrigação de promover o sustento de suas famílias. Com isso, eram confinados a duras condições de trabalho em troca de donativos ou salários miseráveis que representavam sua sobrevivência, “essas comissões funcionavam mal devido ao enorme quadro de desvalidos, aos desvios de recursos e ao predomínio do autoritarismo e do paternalismo dos responsáveis, que se utilizavam da

⁸³ Jornal *O Retirante*. Nº 2, ANNO I. 1º de Julho de 1877

função de chefia para tirar proveito dos retirantes, sobretudo das mulheres e meninas⁸⁴”. Nas publicações do jornal *O Retirante*, encontra-se em diversos momentos cenas como essas serem denunciadas a público, como escândalos praticados por encarregados de diversas frentes de trabalho na capital cearense e adjacências:

Redobra-se agora os mesmos brados, entre os desvalidos retirantes, que cansados pelo saturado trabalho nas pedreiras do Mucuripe e na condução de pedras na cabeça, percorrem à distância de cinco léguas em duas viagens que fazem, sem a paga de seu trabalho. Em jejum vão como soldados arregimentados às pedreiras, voltam sofrendo aos ardentes raios do sol, passando fome todo dia e parte da noite. Quando vão receber seus salários são despedidos deshumanamente pelos pagadores que se recusam a pagar-lhes sob o frívolo pretexto de não terem accudido a chamada.⁸⁵

Diante dessas circunstâncias, as publicações do periódico denunciavam a tirania dos líderes do governo e suas práticas de rapinagem e injustiça, dando voz ao trabalhador e suas lutas diárias por direitos. Na pedreira da Monguba, administrada pelo governo da Província do Ceará no território de Pacatuba, as condições de vida e trabalho eram sub-humanas, os trabalhadores viviam em estado de pura miséria, desnudados e famintos. Entretanto, encarregados das frentes de trabalho reagiam sob pressão dessas massas, reclamando em favor dos desvalidos e geralmente eram respondidos: “Que façam entregar ao engenheiro Adolpho Herbster, sessenta rações de víveres para os trabalhadores indigentes ocupados sob sua direção, na extração de pedras na Monguba⁸⁶”. Igualmente nesta ocasião, encarregados também aproveitavam o quadro lastimável da vida e do trabalho, como justificativa para atender interesses pessoais, com a ampliação da captação de recursos financeiros e donativos.

Rodolfo Teófilo em seu romance *A Fome* refere-se ao trabalho nas pedreiras como espaço de enganação da população retirante, espaço vergonhoso, onde até “mulheres grávidas”⁸⁷ trabalhavam seminuas, velhos doentes trabalhavam a “morrer de fome e fadiga”⁸⁸ para receber farinha e carne seca duas vezes por semana. É possível compreender que os serviços da pedreira se referem a duas frentes de trabalho, sendo a primeira na extração de pedras em Monguba, na qual a produção era transportada por trens para Fortaleza, onde existiam depósitos administrados pela RVC; e com a outra frente de trabalho se recrutavam

⁸⁴ WEYNE, José de Freitas. *Seca e Socorros no Ceará*. Revista Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, jan.-Abr. (2015, p.188)

⁸⁵ Jornal *O Retirante* ANNO I, edição 24. Fortaleza 7 de dezembro de 1877.

⁸⁶ Jornal *Mercantil*, Organ dos interesses industriais, ANNO III, Nº 55. Fortaleza, 22 de agosto, de 1877.

⁸⁷ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. ...*Op. Cit.*, p. 254

⁸⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. ...*Op. Cit.*, p. 254

homens, mulheres e idosos para condução desse material que levavam nos braços ou sobre os ombros a diversos canteiros de obras espalhadas pela capital.

Sobre a dieta dos trabalhadores, havia ocasiões em que o governo enviava às comissões a denominada “ração” que era basicamente farinha, carne seca ou peixe salgado, em outros momentos havia arroz e feijão como parte dos suprimentos alimentícios. Segundo a direção da comissão de socorros da povoação de Guaiúba, ocorriam situações em que os alimentos eram de “péssima qualidade⁸⁹” chegando estragados e em estado de putrefação, realidade que, por vezes, resultou na suspensão das obras do cemitério e da capela de Guaiúba.

Outro espaço de concentração retirante foi o trabalho na continuação do ramal I, da primeira estrada de ferro cearense que em “Julho de 1878⁹⁰” recebeu a autorização do governo do Império do Brasil para seguir prolongamento no percurso de Pacatuba a Baturité. Era chegada a hora para ampliação da estrada de ferro, antes prevista por engenheiros ingleses e assimilada por políticos cearenses, ou seja, milhares de trabalhadores disponíveis com a migração na seca. Neste sentido, o cenário hostil e mórbido seguia itinerante os passos da estrada de ferro. Havia vários setores em movimento em Pacatuba, na pedreira da Monguba os retirantes alargavam a produção da mineração de pedra para atender as obras de Fortaleza e a grande demanda da estrada de ferro. Em Pacatuba, Alto do Bode, Guaiúba, Baú e Água Verde homens cortavam as matas, abriam estrada, escavavam troncos, cavavam cacimbas para suprimento de água, carregavam dormentes e montavam trilhos. É possível que mulheres e crianças tenham sido recrutadas para o trabalho do prolongamento da estrada de ferro, na condução de materiais como lenha, tijolos e pedras, além da preparação de alimentos que, nesse caso, ficava a cargo dos retirantes cozinhar os víveres nas frentes de serviços.

A fome e a epidemia de varíola seguiam assombrando os abarracamentos itinerantes. Aos poucos, muitos que chegavam com saúde no campo de trabalho iam se debilitando pela fome e sendo acometidos pela doença. Narra o jornal *O Cearense* que do mês de setembro ao mês de dezembro de 1878, nas enfermarias do trecho de serviço de Pacatuba, havia mais de 700 pacientes internados acometidos com a varíola, “nos diversos hospitais da estrada de ferro de Baturité, desde o alto do Bode até Água Verde⁹¹” centenas de retirantes faleceram nos

⁸⁹ Ofício de 16 de fevereiro de 1879, Fortaleza, caixa 12, Comissão de Socorros públicos da povoação de Guaiúba, APEC. CX 12

⁹⁰ Relatório da RVC de 1959. ...*Op. Cit.*, p. 6

⁹¹ *O Cearense*. ANNO XXXIII. Quinta-Feira 9 de janeiro de 1879.

lazarentos improvisados, homens, mulheres e crianças, morriam as margens da estrada de ferro enquanto os trilhos seguiam destino a Baturité.

Em novembro de 1879, o jornal *Echo do Povo* afirmou que a estrada de ferro era uma instituição “a margem da qual vivem à custa de penoso e mortificante trabalho cerca de 8.000 operários que reunidos a suas famílias sobem ao elevado algarismo de 30.000 brasileiros⁹²”. Tal número de trabalhadores refere-se à extensão de várias frentes de trabalho em cidades e localidades entre Pacatuba e Baturité. Como havia previsto o poder público, conforme o relatório de RVC de 1859 e também a narrativa de Davis (2002) sobre a experiência o império inglês na construção desse tipo de empreendimento, a migração com a seca e seu cortejo de horrores disponibilizava excedente mão de obra para a conclusão da tão esperada estrada de ferro de Baturité.

Como se percebe, habitar as frescuras do território da serra da Aratanha na grande seca não foi para o retirante simplesmente acomodar-se às sombras da geografia serrana e saciar a sede nas águas da nascente do Rio Cocó. Foi, sobretudo, lutar por espaço de vida por meio do trabalho forçado num campo minado por disputas em amplos sentidos – Fome, violência, doenças, opressão física e psíquica. Tal espaço de luta se compõe e chega ao retirante desenhado na dupla face dura do governo – de um lado a exploração do trabalho sob condições desumanas e de outro as limitações da administração pública que não chegava a solucionar o problema da fome, da doença e da morte trágica nesse cenário hostil. Perpetuando assim o caos, a violência o crime, o roubo, entre outras ações humanas que se vivenciou na antiga vila como resultado do estado da miséria material de milhares de pessoas nos abarracamentos gerenciados pelas comissões de socorros públicos.

Nessa conjuntura, os trabalhadores também reagiam de diversas formas, buscando os meios de comunicação para denunciar as injustiças sofridas, com reuniões de grupo e motins em frente as pagadorias, fatos que muitas vezes culminavam em violência e morte dos retirantes vítimas do autoritarismo da ação policial. Quando os suprimentos não chegavam por meio das comissões locais, grupos de retirantes dos abarracamentos de Pacatuba se dirigiam à capital na tentativa de “receber suas rações”⁹³. Nesse caso, exercer funções de trabalhado e capacidade de dialogar com a reclamação de seus direitos ao pagamento de salário, alimentação e vestimenta,

⁹² *Echo do Povo*. Anno I. Fortaleza, Sexta-Feira, 28de novembro de 1879

⁹³ *Jornal O Monitor* – Propriedade de uma Associação. ANNO III, Nº 76 – Bahia 3 de setembro de 1878

confere ao retirante sua natureza de sujeito ativo, tanto na condição de adaptação a um novo espaço, quanto à resistência à nova realidade social que os fenômenos lhe determinaram. A partir das contribuições de James Scoot,⁹⁴ é possível pensar as reações do retirante enquanto elementos que compõem as formas “cotidianas de resistência”, sendo a reunião dos retirantes um corpo que reage contra as ações do poder público – o outro corpo. No caso de Pacatuba, os grandes abarracamentos na sede e na povoação de Guaiúba foram espaços que concentraram multidões de pessoas de diferentes localidades e experiências de vida (adultos, jovens, crianças, mulheres, idosos, pardos, brancos, negros, caboclos), configurando um espaço de conflito interno, um espaço de luta e resistência ao poder público.

Partindo dos fundamentos da história social em Thompson (1998), podemos compreender a resistência da classe trabalhadora cearense no período da seca enquanto resultado da cultura, ou seja, dos “costumes” que são elementos contidos na base das práticas cotidianas, cujos atos se apoiam em fatos e experiências úteis, proveitosas e materializadas pela cultura à condição de direito. No caso da seca, as reações do retirante frente à mudança radical das relações sociais (condições de vida), configuram lutas por direito – ao trabalho, à alimentação e à inclusão social e, sobretudo, por dignidade. Foram os “motins da fome⁹⁵”, através dos quais os efeitos dessas ações expõem seus atores à condição de sujeitos históricos.

No início do ano de 1878, segundo ano da seca, a pequena vila encontrava-se em meio a um enorme caos social, regido por doenças, desespero e morte de milhares de seres humanos que seguem reagindo aos laços trágicos do flagelo. A câmara municipal anunciava à administração pública da província do Ceará a seguinte mensagem:

Em consequência da grande calamidade da seca, que assola esta província. Tem se aglomerado neste município uma população adventícia que calculamos para mais de 14.000 emigrantes, o roubo e furto tem se desenvolvido de um modo espantoso. O direito da propriedade agrícola parece que já não existe. Os agricultores de braços cruzados veem os ladrões devastar suas propriedades, destruindo-lhes até os frutos verdes e roças novas. Ultimamente os ladrões já não encontram mais frutas, passaram-se para as madeiras que vão furtando ousadamente. Agora porém, que se aproxima o inverno, que já tem caído alguma chuva, e que os agricultores já estão fazendo algumas plantações de cereais, convém que se tome alguma providência, como manda a lei de 10 de outubro de 1828 no final do 1º artigo título 3º, tanto para garantir e animar os agricultores nas continuações de seus trabalhos, como para obrigar os malfeitores a procurarem um trabalho regular, evitando-se, também assim conflitos e crimes de funestas consequências.⁹⁶

⁹⁴ SCOTT, James. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

⁹⁵ THOMPSON, Edward, P. *Costumes em comum. ...Op. Cit.*, p. 152

⁹⁶ Ofício N. 3. Câmara municipal de Pacatuba em 07 de fevereiro de 1878, APEC, CX 65.

Nesse processo, Pacatuba com pouco mais de sete mil habitantes, em fevereiro de 1878, computava aos seus cuidados mais de 14.000 retirantes, num espaço de pura tensão orquestrada pela fome, pelo controle social, pela doença, pela escassez de trabalho e pela luta por sobrevivência. Para melhor compreensão desses fatos, Neves (2000) afirma que “a chegada de retirantes a uma cidade era, assim, além de um espetáculo contristador, um momento de preocupação, pois, junto a ele um conjunto de outros problemas iriam abalar o cotidiano dos moradores: criminalidade, mendicância, prostituição, doenças⁹⁷...”. A migração nas terras da Serra da Aratanha foi também um apanhado composto dessa triste realidade social à que se refere Frederico de Castro Neves.

Diante dos fatos, a análise das ações dos retirantes, feita pelo presidente da câmara de Pacatuba, representa uma posição regida passivamente pelos aspectos morais da tradição, no qual o “[...]bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a vingança⁹⁸”. Essa é a clássica concepção da moral na qual se pode encontrar, a partir da narrativa, as diferenças de classe econômica, sendo a classe dos pobres submetida à indiferença, mesmo compondo a tônica de uma mesma moral, cujas partes se diferenciam de um lado pelas condições de poder político e de outro pela realidade da pobreza extrema.

Para Thompson (1998), há um importante princípio para compreensão do processo histórico, é entender as reações que o homem manifesta frente a determinadas circunstâncias vividas no meio social, sendo a cultura o corpo principal dessas manifestações, “elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valor⁹⁹ [...]”. A partir do autor, é possível compreender as ações dos retirantes em Pacatuba como um “comportamento modificado pelo costume, pela cultura e pela razão¹⁰⁰”, pois estando diante da fome e sem certezas de dias melhores, homens e mulheres reagem a partir de suas possibilidades e de seus valores, sendo a fome o vapor que move a negação da dignidade humana, da vida da família e da paz social.

⁹⁷ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a História. ...*Op. Cit.*, p. 30

⁹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral: Uma polêmica. Friedrich Nietzsche: Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras. (1998, p. 37)

⁹⁹ THOMPSON, Edward, P. A miséria da Teoria. ...*Op. Cit.*, p. 187

¹⁰⁰ THOMPSON, Edward P. Costumes em Comum. ...*Op. Cit.*, p. 151

No caso da grande seca, o roubo tornou-se um problema de segurança pública em toda a província do Ceará, principalmente nas cidades do interior. E à despeito dessa realidade o Estado se posicionava da seguinte forma “sob o pretexto da fome, os crimes de furto e roubo tem se desenvolvido em longa escala, especialmente nas comarcas do sertão onde os meios de viver são mais escassos¹⁰¹”. Analisando fontes que narram a realidade de Pacatuba, é possível entender que o roubo foi movido pelo desespero da fome que naquela realidade não foi algo simples, porém foi uma prática realmente ocorrida em meio à miséria eminente. Sendo, muitas vezes, possibilidade de resistência na qual possivelmente alguns retirantes não considerassem crime diante de sua consciência, visto os acontecimentos sucessivos que arremessou sua vida a extrema miséria, ou seja, a necessidade de sobreviver e garantir a sobrevivência de sua família.

Por outro lado, a insatisfação de proprietários pacatubanos contra a prática de roubos, saques e furtos mobilizou o poder público em torno de seus interesses, buscando garantir a proteção de suas lavouras, pois nesse cenário o trabalhador “se vê quase sem garantia alguma¹⁰²”. Dessa forma, a câmara municipal da Vila de Pacatuba reagiu solicitando do governo da província do Ceará a aprovação imediata de um artigo provisório, em caráter único, para que, por meio de uma lei específica, se pudesse prender e punir os retirantes praticantes de roubos e saques no período da grande fome:

[...] Vem respeitosamente pedir a V. Ex.^a para que se digne de aprovar provisoriamente e ordenar que se ponha logo em execução até que seja definitivamente convertido em lei pela assemblea provincial o seguinte Artigo de postura municipal - Qualquer indivíduo que for encontrado furtando nos sítios, campos de criação, roçados e quintais, ou apanhando com algum objeto que tenha furtado, sofrerá 15 dias de prisão e 15\$000rs de multa além das penas criminais em que incorrer. Se o infractor for preso em flagrante será recolhido a ordem do juiz de paz¹⁰³. [...]

Segundo o presidente da câmara de Pacatuba, o roubo gerava outra situação de risco a seus praticantes, mesmo diante da fome eram ações indesejadas por toda comunidade pacatubana, as tentações eram seguidas de ameaça de morte e outras práticas de violência. Segundo os jornais da época, muitos retirantes foram assassinados na prática de roubo no período da grande seca no Ceará. Portanto, a ação pública comunicada no ofício municipal tinha

¹⁰¹ Relatório do presidente da província do Ceará, em 22 de fevereiro de 1878.

¹⁰² Ofício N. 3. Câmara municipal de Pacatuba em 12 de Fevereiro de 1878, APEC, CX 65.

¹⁰³ Ofício N. 3. Câmara municipal de Pacatuba em 12 de Fevereiro de 1878, APEC, CX 65.

por objetivo conter a prática de roubo e também evitar a exposição do refugiado à violência nas propriedades da pequena vila, evitando-se outras tragédias.

Continuando a reflexão sobre as consequências do flagelo em Pacatuba, para melhor compreender o mapa da tragédia, é preciso reunir os dados oficiais citados anteriormente em torno da conjuntura que envolve a população local, a migração e as ações de combate à seca. Assim sendo, no início de 1878, o número de migrantes passava de quatorze mil refugiados habitando nos abarracamentos. Com o início do prolongamento da estrada de ferro de Baturité, outros milhares se fixaram nos abarracamentos às margens dos trilhos, de forma que no início do ano de 1879, o número de refugiados passava de vinte mil.

Era um cenário propício ao caos social, no qual a elevação do preço dos alimentos; falta trabalho; doenças; peste e a escassez dos gêneros alimentícios eram os principais dramas que compunham o quadro geral da colônia mortífera que se tornou a Vila de Pacatuba nesse processo, dado às condições de vida sub-humanas que culminaram em um palco de horrores maior que a experiência de 1845.

Dessa demanda, o resultado de todo o processo é a vulnerabilidade extrema do corpo humano frente às limitações de recursos e salubridade; propiciando, assim, o protagonismo da doença de forma avassaladora. Mesmos os munícipes, que tinham acesso à alimentação e à higiene, não ficaram imunes à peste ceifadora da vida de milhares de pessoas. Rodolfo Teófilo afirma que “foi no abarracamento de Pacatuba que se deram os primeiros casos de varíola¹⁰⁴”. Além da varíola, outras doenças como úlceras e febres também estavam presentes nos abarracamentos. Com isso, além da fome, as doenças alargavam o quadro de mortos sobre a terra pacatubana, de forma que com uma grande quantidade de óbitos, tornava-se impossível fazer o sepultamento de tantos cadáveres, que nessa situação, por dias apodreciam pelas ruas da pequena vila, “na vizinhança dos abarracamentos de Pacatuba e alto da Pimenta era tal viciamento da atmosphera que não só impedia o trânsito público, como attrahia grande quantidade de urubus¹⁰⁵”

Diante dessa triste realidade, o poeta pacatubano Juvenal Galeno lamentou a decadência social em que se encontrav os férteis campos da Serra da Aratanha e o território cearense na qualidade de celeiro da morte a céu aberto, onde cambaleava o corpo do sertanejo que migrou

¹⁰⁴ TEÓFILO, Rodolfo. História da seca no Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 221

¹⁰⁵ TEÓFILO, Rodolfo. História da seca no Ceará. ...*Op. Cit.*, p. 243

em busca de sobrevivência. Ao presenciar a força devastadora do flagelo, o poeta figura tais imagens no poema “A seca do Ceará¹⁰⁶” de 1878, em seu trabalho lendas e canções populares:

Minha pátria! Lar querido...
 Que imensa desolação!
 Cai-me o pranto dolorido
 No luto do coração;
 Que minha terra adorada,
 Por fera seca assolada,
 Ora vejo amortalhada
 Na amargura, na aflição
 Meu Deus!... que cenas d’horror !
 Misericórdia, ó senhor

Das selvas onde a verdura,
 Onde os prados do sertão?
 A vertente d’água pura
 Que banhava a viração?
 Eis tudo seco, e mirrado!
 Nem mais selva, nem mais prados
 Sobre o solo requeimado
 Por sol de infando verão!
 Meu Deus!... que cenas d’horror !

Misericórdia, ó senhor
 E sobem vistas cansadas
 Se embebem no céu sem fim,
 As chuvas, sempre esperadas,
 Procuram...suplicam, sim!
 Mas, volvem do firmamento,
 Só trazendo o desalento...
 Que as nuvens varrera o vento,
 Varrendo a esperança assim!
 Meu Deus! ... que cenas d’horror!
 Misericórdia, ó senhor

O gado que nédio outrora
 Urrava escavando o pó
 É múmia que geme e chora...
 Nos ossos a pele só!
 De sede e fome expirando,
 Penoso a vista espraçando
 Vai a campina lastrando ...
 Em vão de seu dono o dó!
 Meu Deus! ... que cenas d’horror!
 Misericórdia, ó senhor
 [...]

A lavoura desaparece,
 Como foge a criação;
 Já o abastado empobrece,
 O pobre suplica o pão;
 E todos nivelam a sorte...
 Vem a peste surge a morte,

¹⁰⁶ GALENO, Juvenal. (Obra Completa) Lendas e Canções Populares. 5ª edição. / Raymundo Netto [organização]; Revisão Crítica por Dimas Macedo. - Fortaleza: Secult, (2010. p. 496)

ninguém se julga mais forte...
É tudo – consternação! [...]

As imagens do flagelo da seca, desenhadas no belo poema de Juvenal Galeno, revelam, em sua melodia trágica, o cenário mórbido contemplado pelo autor, a identidade local, a sua intimidade com as paisagens, com o mundo do trabalho e com a religiosidade. A situação em que se encontra o homem sertanejo é de tamanha dor nas palavras do poeta que vê seu povo padecer pela fome e pela sede.

À despeito da vida do homem sertanejo, Capistrano de Abreu, em *Capítulos de História Colonial*, lembra que por “muito tempo viveu esta gente entregue a si mesma, sem figura de ordem ou organização. Como eram católicos a igreja obrigava a frequência dos sacramentos¹⁰⁷”. Logo, não se pode esquecer que grande parte dos retirantes eram pessoas simples, sujeitos não letrados guiados à luz da fé em que muitos compreendiam o fenômeno da seca enquanto castigo de Deus sobre a terra, um ato de punição para a vida humana que deve padecer para alcançar sua regeneração. Assim, sua esperança está sobretudo em Deus, na fé de seus atos benevolentes que possam lhe permitir dias melhores, o retorno das chuvas até “19 de março¹⁰⁸”. Levando à compreensão de que ocupava o papel de culpar os homens por seus maus atos, tirando da linha de frente o entendimento da responsabilidade política.

Santos (2012), em seu conceito de espaço híbrido, afirma que na “realização concreta da história não se separa o natural e o artificial, o natural e o político¹⁰⁹”. O hibridismo do espaço geográfico é resultado concreto da modernidade. Partindo dessa compreensão, a seca no território cearense funde-se nessa composição de caráter híbrido, sendo a relação do homem com a natureza um fenômeno político que representa o núcleo principal dessa composição. Nessa perspectiva, o autor nos auxilia na interpretação da geografia da seca cearense como resultado íntegro do comportamento da natureza e do homem que se convertem numa esfera de ações temporais da matéria humana sobre seu espaço de vida, a partir do qual o poder político com seus interesses é o eixo principal.

Nessa perspectiva, é possível retornar a Fanon (2008) e compreender a condenação do sertanejo a partir de seu papel bem definido nos campos de obras públicas e no confinamento dos abarracamentos improvisados pelo governo para os migrantes da seca. Pode-se refletir na

¹⁰⁷ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história Colonial: 1500-1800* / José Capistrano de Abreu – Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 226 p. (Biblioteca básica brasileira). (1998 p. 138)

¹⁰⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *História da Seca no Ceará. ...Op. Cit.*, p. 80

¹⁰⁹ SANTOS, Milton. 1926-2001. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* / Milton Santos. - 4 ed. 7. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. - (Coleção Milton Santos:1) (2012, p. 101)

política maniqueísta do governo cearense, a partir da relação com o espaço no qual posicionam o agricultor a condições de pobre, faminto e mendigo, migrado na cidade grande e suas adjacências. Dessa forma, com da leitura de Fanon (2008)¹¹⁰ é possível compreender que o retirante representa o corpo não letrado, o bárbaro faminto, designado em características inferiores ao ideal de humanidade da classe dominante. O autor compreende que, na modernidade pós-colonial, o racismo é um fenômeno perpétuo que ideologicamente divide a sociedade em hierarquia de homens superiores e inferiores. Sob esse aspecto, tem-se em nosso imaginário uma definição obscura do que é ser humano. A partir dessa narrativa, ele discorre sobre a cultura negra numa indagação à respeito da própria humanidade. Bem assim, encontra-se nas relações vivenciadas na grande seca, o maniqueísmo linguístico na averbação oficial da conjuntura política cearense do século XIX e nos meios de comunicação que nos leva a refletir sobre o grau de humanidade dos retirantes refugiados da seca, num cenário em pleno desenvolvimento de caráter economicamente contraditório.

Adentrando a essa concepção social da seca, Rodolfo Teófilo reconhece nesse fenômeno a real incompetência do Estado em não ser capaz de produzir inteligências governamentais preparadas para superar as limitações dos períodos de estiagem, “Entregue a sua habitual incúria, não pensou o governo em estudar os meios de atenuar os efeitos de futuras seccas. No período de 1846 á 1877, o Ceará progrediu extraordinariamente, embora entregue a seus próprios recursos”¹¹¹. Tal vulnerabilidade social do povo cearense, enquanto resultado da negligência política, a que se refere a crítica de Rodolfo Teófilo, remete-se à falta de aplicação contínua de investimentos no campo, cujos resultados negativos têm seu ponto mais alto na repetição do flagelo motivado pelo fenômeno da seca, ou seja, na fome, na instabilidade das condições básicas de vida – água, alimento e trabalho. Em Pacatuba, a realidade do flagelo ceifou vida de milhares de migrantes refugiados da fome em tempo que as ações improvisadas da esfera pública não corresponderam às necessidades da grande demanda de povos lutando por sobrevivência.

¹¹⁰ FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

¹¹¹ TEÓFILO, Rodolfo. *História da Seca no Ceará. ...Op. Cit.*, p. 72

2.2 O ciclo da incúria nas estações da tragédia

Para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, na teoria do eterno retorno, nas estações da existência “tudo vai, tudo torna”¹¹². Pode-se pensar, a partir de Nietzsche, o retorno dos fatos como representação das atitudes e escolhas do homem, o que o torna responsável por suas atitudes. Dessa forma, cabe ao homem decidir sobre a vida da melhor forma possível, visto que o mundo não é uma determinação divina, mas resultados das ações humanas, o que nos daria um ponto de ligação entre a ética e a tragédia. A incúria apontada por Rodolfo Teófilo é também o reconhecimento do retorno dos fatos – retorno da migração em massa, da fome, da doença e da morte. Para Nietzsche, a concepção de tragédia diz respeito a um fenômeno para além das forças humanas e próprio de sua existência, é aquilo que não se pode evitar (seca) uma realidade desgraciosa da condição do homem que pode nos levar a afirmação do valor da vida por excelência.

Nesse caso, a seca enquanto fenômeno natural é a tragédia, a fome é o resultado da ação do homem, com isso não se atribui à questão do destino do povo cearense. Logo, é possível compreender que o homem é moralmente responsabilizado pelos fatos, diferente da moral dominante que levava o sertanejo a pensar no flagelo como castigo divino. Pode-se então reconhecer a fome em períodos de seca como uma negligência política caracterizada pela falta de valor à vida humana.

Para esse fim, Nietzsche entende que tradições e conceitos são fenômenos que constroem a moral dos homens no processo histórico¹¹³. Assim, como o lugar dos valores morais que norteiam a sociedade moderna do século XIX, a política e sua falta de escrúpulos é também resultado dessa criação histórica. Portanto, não admitir a tragédia como parte fundamental que compõe a existência humana, é banalizar a vida ou colocá-la em risco, enquanto assumir uma (consciência trágica)¹¹⁴ seria, sobretudo, assumir a condição material que devolve à vida humana seu lugar único no mundo e no tempo. Para o autor, o espírito empreendedor do Estado age conforme sua moral, confundindo seus valores morais com vontade de poder¹¹⁵. Por essa concepção dialógica contida na formação do homem enquanto

¹¹² NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falava Zaratustra. Ebooks Brasil. Le livros.net. (2002 p. 168)

¹¹³ (NIETZSCHE 1998)

¹¹⁴ (NIETZSCHE 1994)

¹¹⁵ (NIETZSCHE 1998)

sujeito temporal, pode-se associar a repetição dos fatos “flagelo da seca” ao que Rodolfo Teófilo chamou de incúria do Estado.

Em síntese, com o final da seca no início de 1880, o bom inverno retornou, muitos sobreviventes que residiam em Pacatuba durante o flagelo retornaram às suas vidas no interior da província, porém Rodolfo Teófilo (1922) afirmou que muitos permaneceram na cidade. Segundo presidente da câmara municipal da Villa de Pacatuba, poucos Pacatubanos emigraram para fora da Villa, e, com o fim da seca, estes retornaram, “Com tudo a Serra da Aratanha é tão fresca e fértil que vários agricultores tiveram sempre, durante os três anos de seca, farinha de mandioca para a família”¹¹⁶. Para as autoridades da época, o grande drama social que assolou a cidade no período da grande seca foi a migração que concentrou milhares de pessoas aos cuidados da pequena vila. Depois de todo o flagelo terminar seu curso de morte na terra pacatubana, muitas obras foram concluídas com mão de obra retirante.

¹¹⁶ Paço da comarca municipal da Villa de Pacatuba. 7 maio de 1881. APEC, caixa 65.

CAPITULO III – PAISAGENS DA SECA EM PACATUBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

3.1 Seca e migração em Pacatuba na seca de 1915

A partir do século XX, o flagelo da seca no território cearense e região norte (atual nordeste) ocupou novas dimensões no cenário nacional. Sobre o processo de migração ocorrido com as secas no final do século XIX, José Weyne em seu trabalho “Secas e socorros públicos no Ceará – doença pobreza e violência (1877-1932)”, explica o propósito político desenhado para o desenvolvimento do Ceará com base no fenômeno da seca. Para Weyne (2015), a fragilidade da geografia cearense, sujeita a constantes estiagens, ganha significativa notoriedade no sentido público com a grande seca 1877-1879, quando o projeto Pompeu-Sinimbu, naquela oportunidade, destaca-se nas ações de socorros públicos, nas quais a construção de obras públicas foram as principais ações do governo frente às últimas secas daquele século. Tal projeto foi uma ação organizada para obter proveito do trabalho em período de seca, “Esse projeto pretendeu corrigir o desequilíbrio econômico entre o Norte e o Sul a partir da proposta de aproveitar a força de trabalho disponível durante as secas para realizar obras públicas, haja vista que elas significavam progresso material”¹¹⁷. Em resumo, o projeto Pompeu-Sinimbu foi um plano que visava o desenvolvimento econômico do Ceará, com vista no recrutamento de trabalhadores vítimas das estiagens, dado o presente nome, o projeto identifica o sobrenome de seu autor o Senador Tomas Pompeu de Sousa Brasil e seu apoiador o presidente de conselho de Estado da coroa o Senhor João Lins Vieira.

Segundo Weyne (2015), no início do século XX, a política de socorros públicos foi institucionalizada, “Essa política de socorros evoluiu junto com o projeto de progresso, posto que ambos estavam interligados”¹¹⁸. Com isso, inicialmente a estrutura de atendimento as vítimas da seca foram organizadas em torno das Comissões de Socorros e Obras Públicas entre as secas de 1877-79 e 1900.” Prossegue o autor:

Mas, de 1906 a 1932 a assistência ao sertanejo retirante foi feita por instituições criadas pelo Governo da República. Em 1906 teve início a institucionalização dos socorros públicos com a fundação de diversos órgãos como a Secretaria de Estudos e

¹¹⁷ WEYNE, José de Freitas. Seca e Socorros no Ceará. ...*Op. Cit.*, p.179

¹¹⁸ WEYNE, José de Freitas. Seca e Socorros no Ceará. ...*Op. Cit.*, p.179

Obras Contra as Secas (SEOCS), a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) em 1909 e a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) em 1919.¹¹⁹

Para o autor, a atitude do Estado de aproveitar a mão de obra de retirantes para a realização de obras públicas foi um grande incentivo para a migração em massa de povos do interior do Estado para a capital e região metropolitana em busca de trabalho e socorros públicos. A exemplo desse fato, temos na grande seca de 1877/1879 e outras, quando ocorreu em Pacatuba a exploração de mão de obra de retirantes na extração de pedras para ampliação da ferrovia de Baturité, na construção de açudes, prédios públicos, igrejas, etc. Se por um lado pessoas vulneráveis à fome, às doenças e a outros dramas migram em busca de sobrevivência; por outro lado, o poder público se organizou em torno dessa realidade para gerenciar interesses econômicos e políticos.

No entanto, Weyne (2015) revela que, com a “criação do Iocs”¹²⁰ em 1909, o projeto toma novos rumos quando a elite local resolve produzir obras fora do período da seca, fator que diminuiu a oferta de trabalho aos retirantes no período de estiagem. Contudo, a falta de inteligências capazes de produzir ações que amenizassem os efeitos da seca revelavam que o trabalho do Iocs (posteriormente Dnocs) caminhou muito lento frente aos seus desafios. Nesse novo cenário, o poder público se organiza passivamente para o período da seca e sua comitiva de horrores. Assim foi a realidade sofrida na tão conhecida pelo povo brasileiro como “seca do quinze” que montaria uma nova experiência para o sertanejo que acreditava nos socorros públicos no tempo da calamidade.

Em relação à luta contra as secas do Ceará, Rodolfo Teófilo (1980) afirma que nesse período a migração foi auxiliada pelo trem de ferro que reduziu a pena outrora vivida pelos sertanejos em busca da capital. De fato, em algumas regiões do Estado o trem evitou o desgaste físico e a mortalidade dos retirantes pelas estradas secas. Contudo, a fome, a morte e a mendicância foram, mais uma vez, a triste realidade do trabalhador do sertão em seu curso migratório.

¹¹⁹ WEYNE, José de Freitas. *Seca e Socorros no Ceará. ...Op. Cit.*, p.179

¹²⁰ IOCS – Inspetoria de Obras contra as Secas – foi criado em 1909 com o objetivo de promover ações de combate à seca. Em 1919, o decreto nº 13.687, de 07 de abril, transformou o órgão em IFOCS - Inspetoria Federal de Obras contra as Secas, onde no Ceará tinha sob sua administração a Rede de Viação Cearense.

Outro fator que marcou o novo tempo da migração retirante foi a experiência do campo de concentração, espaço público no qual o governo propôs isolar a população vítima da seca do convívio na cidade. Teófilo (1980), em seu trabalho *A Seca de 1915*, apresenta o que mudou de imediato no cenário da miséria e da fome tragada pela seca: “Os retirantes estiveram no passeio público até preparar no alagadiço o futuro ‘abarracamento’, o qual tomou, não sei por quê, o nome de “campo de concentração” e o povo batizou de “curral”. O retirante perdeu seu antigo e expressivo nome e começou a chamar-se ‘flagelado’”¹²¹. O ano de 1915 foi muito difícil para o povo cearense, os dramas da migração foram penosos. Fome, doença e morte também compunham esse quadro da triste história do homem do campo. A atitude do governo de criar o campo de concentração para substituir os abarracamentos representou a proibição do retirante no meio social. Dessa forma, é possível pensar no campo enquanto espaço de extrema dificuldade de convivência entre diferentes grupos sociais e diferentes faixas etárias em um ambiente de grande concentração de pessoas. A primeira experiência ocorrida em Fortaleza no campo do alagadiço foi reproduzida na importante obra de Rodolfo Teófilo *A seca de 1915* e Raquel de Queiroz *O Quinze*. Ambas obras afirmam a dura realidade da miséria, falta de segurança e falta de higiene no espaço improvisado pelo Estado.

No que tange à historiografia, Lee Goff (1990) afirma que “a história é a ciência do tempo”¹²² e são os seres humanos que a constroem com suas ações no tempo e no espaço. O autor refere-se à memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças das quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que a ele representa como passadas”.¹²³ Nesse sentido, valorizar a memória local (Pacatuba-Ceará) como fonte importante para reunião e interpretação dos fatos históricos torna-se fundamental. Bem assim, as lembranças da família de Dona Lourdes Pereira oferecem registros autênticos de parte da memória coletiva em questão. Nessa perspectiva, Lee Goff (1990) assegura que a memória representa conhecimentos que, em especial, são capazes de ampliar os conceitos da memória social.

¹²¹ TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1915*. Edições UFC, 1980. p. 54-55

¹²² LE GOFF, Jacques. 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios) (p. 42)

¹²³ LE GOFF, Jacques. 1924 História e memória. ...*Op. Cit.*, p. 423

Tratando da memória local, sob os aspectos pessoais do que foi 1915, Dona Lourdes Pereira¹²⁴ (2018) transmite, ao trabalho de pesquisa, uma comovente história dos dias sofridos na seca, quando famílias inteiras migravam do interior do Estado rumo a capital e outros Estados, ora caminhadas a pé, ora sobre o trem de ferro. A interlocutora narra a história de seus pais na luta por sobrevivência nos dias secos daquele ano no interior do Ceará. Segundo narradora, as lembranças em pauta foram resultado da história contada por sua genitora, a Senhora Virginia Pereira de Souza¹²⁵, uma história que, continuamente, percorreu sua vida ao lado de seus irmãos, que por vezes, e, em determinado tempo, recebera a transmissão daqueles fatos, que fora narrado aos filhos como parte lamentável de um passado cruel e traumático, vivenciado pela protagonista sobrevivente da apavorante seca de 1915:

Naquele tem tempo não tinha estudo, minha mãe não sabia a idade dela, nem quando nasceu, tinha perdido os documentos nessas andanças. Para se aposentar ela contou histórias que viveu para o seu Rui, ele deu a idade para ela, fez o documento para ela. Meu pai disse que na seca do quinze, no Quixeramobim, cavava muitos buracos e não dava água, quanto mais cavava mais seco era. Minha mãe não queria sair de lá por que nunca tinha andado na cidade, nunca tinha andado de trem. Aí o compadre dela disse – comadre vai para não morrer de sede com seus filhos que eu dou uma carta para vocês não entrar no curral [...]. Minha mãe disse que a irmã dela mais velha tinha ido e tinham botado ela no curral e ela morreu, e do curral era para ir para a Amazônia. O Patrão dele era muito bom e fez uma carta recomendando minha mãe, meu pai e seus quatro filhos ao chefe da estação. Fez uma carta com letras bem grandes para meu pai e disse – cada estação que passar ele rasgasse uma letra daquela quando rasgasse a última letra ele podia descer. Ele pegou a carta botou no bolso e vieram do interior de Quixeramobim. Ela dizia que para chegar na estação andaram 12 léguas a pé. As crianças com fome e com sede não tinham nada. Quando chegou no meio do caminho ela disse que era muita gente, todos com trouxas na cabeça para ir pro mundo, pra Amazônia. No caminho encontraram “Canapum”¹²⁶ maduro foi a sorte dada por Deus para as crianças. Quando chegaram à estação meu pai não soube tirar a letra e não soube onde estava, e aí, pegaram eles e puseram no curral. Minha mãe não comia nem bebia, só chorava. Ela disse que os bois chegavam, eles colocavam naqueles tambores de ferro para cozinhar sem lavar sem nada. Ela me disse que quando estava chorando já fazia três dias, o guarda chegou e disse - Quem é João Pereira de Sousa? Aqui! Essa família sai, seus patrões de Quixeramobim ligaram nesse instante. Dali levaram ela para Maranguape para trabalhar, meu pai cortava cardeiros e ela tirava os espinhos. Eram muitas mulheres trabalhando para dar comida ao gado. Depois de Maranguape eles vieram aqui para Pacatuba, e aqui eu nasci (Guaiúba) e estou até hoje.

¹²⁴ Interlocutora: Maria de Lourdes Pereira da Silva. Trabalhadora do campo aposentada. Nascida em Guaiúba antigo distrito de Pacatuba em 02 de junho de 1936. Moradora da Fazenda Rio Novo – Guaiúba, (antiga fazenda pacatubana do século XIX anteriormente denominada Rio Formoso).

¹²⁵ Mãe da interlocutora falecida em 1985. Segundo a filha, sua mãe falecera com uma idade aproximada a cem anos, de acordo com suas memórias, pois a mesma não possuía registro de nascimento.

¹²⁶ Canapum é uma pequena fruta conhecida entre os agricultores como fruta do mato que consegue produzir seu pequeno fruto mesmo na seca. Outros interlocutores desta pesquisa também citaram a fruta como alimento encontrado no campo de trabalho ou na migração pelas estradas. Outras sementes também foram citadas como o fruto do juazeiro, o caroço da mutamba e o miolo do cardeiro (cacto), sendo, que, esse último seria usado no sertão em tempos difíceis para fazer mingau para crianças. Segundo os entrevistados, tais sementes, assim como o mingau de cacto nunca se ouviu falar em doenças causadas com o uso desses alimentos pelos sertanejos.

A história da família de Dona Lourdes Pereira, contada em depoimento para presente pesquisa, revela o sentimento da migração ocasionada na grande seca em 1915 e relata a própria experiência em detalhes por menores ocorridos na fuga contra a sede no interior de Quixeramobim. Em consonância com a narrativa exposta, também existem fontes oficiais nas quais tais fenômenos foram registrados em documentos da administração pública cearense. Em junho de 1915, o presidente do Estado do Ceará alertava sobre a situação da seca por meio de uma mensagem, na qual parte da escrita traz o seguinte conteúdo: “Actos de desesperos de chefes de famílias, recorrendo ao suicídio já são registrados, homens, mulheres e crianças esqueléticos já se alimentam com cardos silvestres, outros procuram as matas de palmeiras do visinho Estado do Piauhy [...]”¹²⁷. Como se vê, já em junho daquele ano, os efeitos da seca mobilizavam os sertões rumo à migração e às ações do poder público em torno da infeliz realidade da população cearense.

Voltando às contribuições da interlocutora, sua fala inicial apresenta seus pais como pessoas simples e humildes, retrato simbólico que sempre constituiu a imagem do trabalhador do sertão. Porém, a personagem que narra a própria história nos transfere em suas palavras o conhecimento e a resistência no protagonismo pela vida, revelando a ideia de que se tinha do campo de concentração (curral) do governo, onde as famílias eram isoladas do meio social e também incentivadas pelo poder público a deixarem o Ceará. O fato de Dona Virginia Pereira mostrar-se contrária a habitar o campo de concentração do governo, compõe um estado de consciência que reconhece o Curral como lugar de morte a partir da perda de uma parente. Em sua fala, também pode-se refletir o reconhecimento da falta de higiene, falta de alimentação, bem como reconhecer as intenções do governo em transferir os retirantes para o Amazonas, revela, pois, que mesmo sendo uma pessoa simples e não letrada, como apresentada anteriormente, constrói opinião própria e contrária à posição da política pública que conduzia a crise econômica e social cearense em 1915.

¹²⁷ Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de junho de 1915 pelo presidente do Estado coronel Benjamim Liberato Barroso.

Figura 12 - Canapum, espécie frutífera própria de regiões tropicais.



Fonte: Natureza Bela. <http://www.naturezabela.com.br>.

Na narrativa apresentada por Dona Lourdes Pereira, referente à trajetória migrante de seus pais e irmãos, existem cenas semelhantes na história contada no romance “*O Quinze*” de Raquel de Queiroz, retrato da dura e triste realidade do migrante que deixa sua terra em busca de sobrevivência. Relembrando “*O Quinze*”, podemos reconhecer as semelhanças dos fatos presentes entre a narrativa oral e a escrita, mesmo compostas por ângulos antagônicos, representam cenas de um mesmo processo construídos em paradigmas diferentes. Entre uma e outra história, o cenário reflete cenas em um trajeto marcado pela sede, pela fome e pela morte. Há encontros presentes em ambos os textos que refletem a imagem do patrão também atingido pela seca, cujas estruturas lhes são comprometidas a ponto de dispensar seus trabalhadores para tentar outra sorte na migração. Nesse cenário, há caminhos e descaminhos na busca de sobrevivência, enquanto Dona Virginia Pereira relembra que o canapum foi a salvação para os irmãos. No romance, a família de Chico Bento e Cardulina com seus três filhos não dispõem da mesma sorte. Nesse contexto, Rachel de Queiroz nos lembra que o alimento desconhecido pelos caminhos da migração era um risco de morte presente na trilha do retirante. Em seu trabalho, Rachel apresenta a morte de um rebento devido a um envenenamento, numa cena dramática, na qual a fome leva uma criança consumir mandioca:

"Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada

afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz."¹²⁸

A morte de um dos filhos da família Chico Bento e Cardulina é também a imagem da fome circunstancial em que viveu o retirante. Vale ressaltar que, em seu trabalho, Rachel também narra a perversa estrutura do Campo de Concentração do Alagadiço em Fortaleza, corroborando com a experiência de Dona Virgínia Pereira quando revela seu medo de habitar com os filhos no conhecido curral devido aos riscos de vida e sofrimento. Sobreposto às narrativas, Teófilo (1980), em sua posição de sanitarista e pesquisador da seca, afirma ter visitado o espaço onde presenciou a miséria, a violência, a injustiça acompanhada da insalubridade, espaço propício à doenças e à morte dos retirantes, “a primeira visita que fiz ao “campo de concentração” deu-me a certeza que em breve teríamos um campo santo”¹²⁹. O autor prossegue sua avaliação confirmando ser o campo um espaço restrito e com privações gerenciado pelo governo, onde ali, reunia mais de sete mil refugiados da seca. A expressão “campo santo”, remete à péssima qualidade de vida e higiene onde habitavam, inclusive, um grande número de crianças que seriam as vítimas mais vulneráveis à proliferação de doenças.

Figura 13 - Fazenda devastada. Ceará 1915



Fonte: Jornal *o Malho* (RJ) 1915. ANNO XIV, Edição 0675.

¹²⁸ QUEIROZ, R de. *O Quinze*. Edição integral. Copyright 1937. p. 27.

¹²⁹ TEÓFILO, Rodolfo. *A Seca de 1915*. ... Op. Cit., p. 57

Redesenhando o panorama do trabalhador no sertão, a imagem da fazenda morta classifica as limitações da vida e do trabalho, pois não havia outra opção de produzir subsistência. Contudo, o trabalho nas terras dos patrões correspondia basicamente à manutenção da fazenda e aos interesses comerciais do proprietário. Dessa forma, o trabalhador não possuía reservas de alimento e nem tampouco auxílio governamental em tempos de estiagem. Relembrando a lei de terras de 1850, esta foi a sacralização do monopólio da mão de obra barata que confirmou ao trabalhador a certeza de não haver saída para salvar sua lavoura e, conseqüentemente, a perda de sua produção para a política de exportação. Todavia, percebe-se que os tempos de seca iam e vinham com aluviões de males, sem deixar ou produzir inteligências nos governantes capazes de modificar as relações de trabalho e os meios de produção de subsistência no campo, incluindo a classe trabalhadora num plano econômico inclusivo e eficiente.

No panorama hostil da condição retirante, Teófilo (1980) destaca que além da política de campo de concentração que visava afastar o retirante do convívio social, o incentivo à migração para outros Estados, também foi uma ação pública que representou o desinteresse político pela questão social e econômica local, por parte dos governantes e da elite, “Era preciso evacuar a cidade, reinternar os famintos, ou manda-los para fora do Estado. Eles preferiam embarcar a voltar para o sertão¹³⁰”. Paradoxalmente, o presidente do Estado, na posição de autoridade máxima no Ceará, lamenta amargamente a condição a que se submeteram as famílias cearenses migrantes da seca, “[...] os retirantes cearenses foram atirados, sem conforto, sem carinho, ao abandono, e sofrem tanto, quase a toca o extermínio, foi pois, improfícua tal medida que de nada valeu, nem aos cearenses nem aos Estados que os receberam”¹³¹. O ressentimento explícito na fala do Presidente do Ceará se deu ao fato de que a migração levou o trabalhador a serviços ainda piores que a condição local, a exploração total das forças de trabalhos e até mesmo a morte dos braços que outrora representava a força produtiva cearense.

¹³⁰ TEÓFILO, Rodolfo. A Seca de 1915. ... *Op. Cit.*, p. 83

¹³¹ Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de junho de 1915 pelo presidente do Estado do Ceará coronel Benjamim Liberato Barroso.

Figura 14 - Retirantes da seca de 1915 aguardando embarque no antigo Porto de Fortaleza.



Fonte: Fortaleza Nobre. <http://www.fortalezanobre.com.br>

Para tanto, mesmo com a migração externa e o confinamento de retirantes no campo de concentração, a realização de obras também foi uma ação presente na seca de 1915. O período da seca foi mais uma oportunidade para explorar mão de obra retirante para construção de açudes, praças, estradas e outros equipamentos de infraestrutura de interesse do governo, revela o Presidente do Estado, “Trabalhos de açudagem, irrigação, estrada de rodagem, já estudados, perfuração de poços e prolongamento de ferrovias se impõem como medidas salvadoras”¹³². Nessa revelação, pode-se pensar, mais uma vez, que a ocasião dispõe de estudos planejados, nos quais entra em cena a captação de recursos imediatos prolongando os ideais do projeto Pompeu-Sinimbu como medida imediata de promoção de socorros.

Em Pacatuba, no ano de 1915, produziu-se subsistência agrícola nas áreas serranas e nos baixios, Teófilo (1980) afirma que “nas serras e no litoral”¹³³, mesmo com poucas chuvas foi possível produzir alimentos, realidade que se explica a partir das diferenças climáticas entre essas áreas e as regiões variadas dos sertões, onde a seca adentrou cruelmente. Porém, com a

¹³² Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de junho de 1915 pelo presidente do Estado coronel Benjamim Liberato Barroso.

¹³³ TEÓFILO, Rodolfo. A Seca de 1915. ...*Op. Cit.*, p. 52

migração, muitas ações foram implementadas em Pacatuba, destacando-se a construção do açude Guaiúba sob o leito do riacho Mata Fresca. Muitas vítimas da seca foram recrutadas para os trabalhos incluídos no projeto de socorros públicos para essa região. A construção da represa demandou limpeza da área, a escavação e construção da barreira que foram feitas com as forças braçais dos trabalhadores e também com a tração animal, dezenas de burros e jumentos conduziram todo material de carga da construção da parede do reservatório. Segundo o relatório de 1915 do Ministério da Aviação e Obras Públicas, instituição pública federal responsável pelos investimentos, a barragem do açude “Guayuba” foi construído com objetivo de atender à população daquela comunidade e representou para o governo mais uma obra de combate à seca no município de Pacatuba. No entanto, foram poucos açudes construídos no Ceará na seca de 1915, “os poucos açudes mandados construir pelo governo Federal absolutamente não accomoda a vigésima parte dessa população faminta e deslocada de seus lares”¹³⁴. Em 1915, as obras de socorros públicos do governo foram poucas frente ao grande contingente migrante espalhados pela capital e cidades adjacentes, com a falta de trabalho mais uma vez o desequilíbrio social entra em cena na história da seca no Ceará. À despeito da migração pelo percurso da linha sul, estrada de ferro de Baturité, “segundo dados prováveis, à margem das duas ferro-vias do Estado estão aglomeradas cem mil pessoas! Dali se meça a extensão de nossas aperturas”¹³⁵. O trecho exposto refere-se às linhas férreas da estrada de ferro de Baturité e de Sobral. Posto às principais geografias da migração, o Município de Pacatuba, situado em parte entre a Serra da Aratanha e a estrada de ferro de Baturité, mais uma vez foi alvo de milhares de retirantes ao suplício da fome. Sobre a migração em Pacatuba, o Jornal *Gazeta de Notícias* dispõe de uma importante matéria que apresenta importantes dados desse processo histórico:

O correspondente da *folha do Povo*, de Fortaleza, escreveu, da cidade de Pacatuba, o seguinte, em data de 15 do corrente mez.: "Estão absolutamente exgottadas as forças deste município. Suas fontes de receita feneceram do mesmo modo que seccaram as águas da serra, outrora verdejante e bella e hoje preta, resequida e triste. A miséria campeia por todos os lados, famintos aos bandos, andrajosos, quasi nus, descansam pelas calçadas, extenuados de fadiga e succumbindo aos furos da fome. Grupos formados em todas as praças, supplicam esmolas e caridade publica, que já nada mais tem para dar. O que será de nós, se para o anno for secco? Onde buscar socorros para milhares de familias que ainda com sacrificio não abamdonaram os lares? E' a pergunta que todos mutuamente se fazem. O açude de Guayuba não comporta mais ninguém. Alli estão tarabalhando 457 flagellados que sustentam 2355 pessoas de família, segundo as notas que tomámos por occasião do último pagamento. Entre os operários que trabalham alli, vimos um homem completamente cego; cego de

¹³⁴ ANNAES da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro, 1915.

¹³⁵ ANNAES da Câmara dos Deputados. ...*Op. Cit.*

nascença que é um dos melhores da obra. Vai para o serviço pela manhã, guiado por um filho, em lugar marcado recebe a picareta e escava a terra tão bem como qualquer pessoa que enxergue [...]”.¹³⁶

Diante do exposto, destaca-se a fala do correspondente do jornal que apresenta sua narrativa a partir de uma visita à cidade de Pacatuba, de onde sua comunicação emitiu as vozes do poder público, dos retirantes e da organização da obra do açude Guaiúba. Tais diálogos revelam parte da realidade do município frente à migração e seus efeitos, tanto na população local, quanto nas condições de vida dos retirantes abrigados ali. Nesse cenário, destaca-se os trabalhadores seminus, sob uma dieta de fome no açude Guaiúba, que representavam com suas famílias mais de duas mil pessoas, é possível pensar também nas condições de vida do contingente que não tiveram acesso ao trabalho. Desprovidos de condições materiais, os retirantes em Pacatuba abrigavam-se em diversos pontos de apoio improvisados – em baixo das árvores, nas praças, em barracas arranjadas com palhas, em baixo dos bueiros da estrada de ferro, nas calçadas de espaços públicos como igrejas, estações ferroviárias, mercado, etc. Para tanto, aos que não tinham trabalho restavam-lhes mendigar por alimento todos os dias. Dessas cenas, milhares de famílias maltrapilhas acompanhadas de crianças famintas e doentes faziam mais uma vez o contraste do Ceará seco nas terras da Serra da Aratanha.

¹³⁶ *Gazeta de Notícias* (RJ). ANNO III, Domingo, 18 de novembro de 1915.

Figura 15 - Fotografia de Crianças Retirantes na Seca de 1915

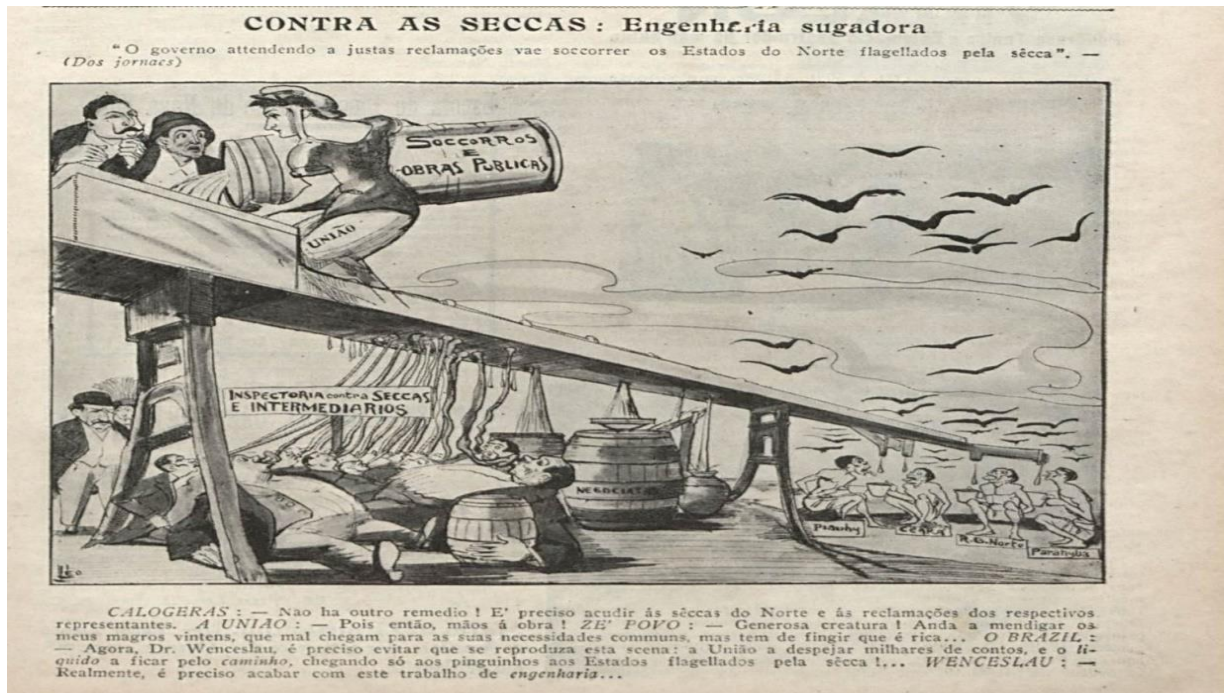


Fonte: Jornal *o Malho* (RJ) 1915, ANNO XIV. Edição 0672.

A fotografia exposta da edição do jornal é um importante registro da frágil condição socioeconômica do Ceará de 1915. Sabe-se que a prática de doar esmolos foi um ato de piedade com base nos princípios da moralidade cristã, que levava a população cearense a tal prática, visando a recompensa celeste mais que o ato humanitário de contribuir com a promoção da vida. As crianças magras, despidas e com aparência doentia figurada no jornal, é a imagem real de parte de uma família do flagelo da seca, ocupando a posição de escória social. Importante lembrar que, nesse cenário de mendicância, geralmente a mãe assumia a comunicação da esmola, e, geralmente, a fazia acompanhada com criança na tentativa de sensibilizar a população. Sendo assim, é possível que a presente imagem retrate de uma família de órfãos, que representam a vida humana migrante em Fortaleza, Pacatuba e demais municípios que foram campos migratórios.

Dado esse quadro pungente da paisagem da seca no Ceará, a repercussão nacional ganha notoriedade também na imprensa. Nessa perspectiva, os jornais mais uma vez passam a acompanhar as ocorrências da seca no Ceará e outros Estados, revelando e denunciando ao país a realidade em que viviam o povo frente às ações públicas.

Figura 16 - Corrupção no Gerenciamento dos Recursos Públicos de Combate a Seca



Fonte: Jornal *O Malho* (RJ). ANNO XIV. 1915, Edição 0665.

O desenho satírico na ilustração do periódico *O Malho* anuncia duras críticas à corrupção da administração pública no tocante aos recursos destinados ao combate aos efeitos devastadores da seca, denunciando crime e injustiça dos responsáveis pela aplicação dos socorros nos Estados atingidos pela estiagem de 1915. Contudo, é possível reconhecer que, além da limitação dos investimentos nos Estados do Norte (atual Nordeste), os desvios de recursos financeiros e gêneros alimentícios sempre foram os pontos fracos da política de socorros públicos. Como já foi dito, a visão piedosa e preconceituosa do poder político e da elite local foram também um inimigo dessas populações interioranas, ao lado da incapacidade de produzir meios eficazes de combate à seca, partindo de uma economia global cearense para que o homem do campo pudesse resistir ao flagelo da seca em seus postos de trabalho.

O poeta sertanejo Patativa do Assaré, conhecedor da vida e da cultura do sertão, por meio de sua arte poética, posiciona-se de forma crítica frente à relação política entre Estado e sertão. Patativa representa para o povo cearense um sujeito simples do interior com geniais habilidades de comunicação, um poeta de ciência que defende o sertão como lugar da beleza, da produção da vida material e de luta, “E por capricho da sorte, eu sertanejo nasci, até chegar minha morte eu hei de viver aqui”¹³⁷. O poeta se considera feliz por ser sertanejo e dessa

¹³⁷ ASSARÉ, Patativa. Antologia poética. 5. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007. p. 100

condição revela sua identidade por meio do apego à terra e ao espaço de vida, “O mais puro amor dedico ao meu sertão caro e rico de belezas naturais”¹³⁸. No tocante à migração, a realidade do semiárido cearense, o poeta assume posição social no tom de sua ode que reivindica o direito à inclusão social:

Mas não é o Pai Celeste
 Que faz sair do Nordeste
 Legiões de retirantes
 Os grandes martírios seus
 Não é permissão de Deus
 É culpa dos governantes
 Já sabemos muito bem
 De onde nasce e de onde vem
 A raiz do grande mal
 Vem da situação crítica
 Desigualdade política
 Econômica e social. ¹³⁹

Em seu poema “A raiz do grande mal”, Patativa aponta uma crítica política revelando ser conhecedor da história do homem sertanejo que defende. Para o autor, a migração é resultado da desigualdade social, da econômica imposta pelos governos políticos que protagonizam com suas ações o grande martírio do homem do campo. Relembrando o processo histórico na paisagem da seca, a história da família cearense é profundamente marcada pelo grande êxodo, destacando o século XIX como uma experiência profunda que se perpetuou fortemente até meados do século XX, como se pode constatar nos versos do poeta Patativa.

Voltando à imprensa de 1915, vários jornais assinalam também sobre a postura de brasileiros ricos frente à miséria da seca e às suas campanhas humanitárias.

¹³⁸ ASSARÉ, Patativa. Antologia poética. ...Op. Cit., p. 99

¹³⁹ ASSARÉ, Patativa. Antologia poética. ...Op. Cit., p. 209

Figura 17 - Ilustração Crítica Sobre a Indiferença Social a Realidade da Seca.



Fonte: Jornal *O Malho* (RJ). ANNO XIV. 1915, Edição 0668.

Em várias publicações do jornal *O Malho*, pode-se encontrar denúncias quanto à causa da seca do Norte. Em relação à esse tempo, percebe-se que os meios de comunicação no Brasil estão constantemente apontando para o drama da fome e o sofrimento das populações desta região do país, produzindo informações, denunciando o poder público e anunciando campanhas solidárias à causa. A crítica que segue na presente figura possibilita reflexões nas quais a identidade destaca-se como principal elemento de análise. A sátira figurada no jornal revela a indiferença da sociedade rica do Rio de Janeiro frente aos dramas sociais que acometem à realidade local por meio do fenômeno da fome. Revela, pois, uma sociedade que vive de costas para o norte do país e de frente para a Europa, cuja preocupação volta-se para os distantes sofrimentos das vítimas da Primeira Guerra Mundial, ao ponto de não reconhecer a condição da cultura local.

Tal fato histórico, é relevante para reconhecer as permanências da cultura elitista brasileira na atualidade. Nesse contexto, Jessé Souza em seu trabalho “A elite do atraso: da escravidão a lava Jato”, explica as relações de classe no Brasil a partir do escravismo, sendo a escravidão a instituição que orientou as relações sociais no Brasil a partir de 1530. Segundo o autor, a escravidão naturalizou o fato do homem viver como sub-humano, segregando a

sociedade em duas categorias, a composta de gente da primeira categoria e a segunda composta por gente da segunda categoria. Com isso, Souza (2017) apresenta sua ideia de racismo de classe, relação pela qual se naturaliza a desigualdade social, posto que, nessa representação, o homem dominante não se sensibiliza com a dor do outro. Nessa perspectiva, a reflexão de Jessé Souza, contribui para uma melhor compreensão da relação excludente das vítimas da seca cearense, na qual a política e a elite local trataram com indiferença sua população sertaneja. Prosseguindo sua narrativa, o autor explica que a mudança do trabalho escravizado para o trabalho livre “manteve todas as virtualidades do escravismo na nova situação”¹⁴⁰. Assim, o autor compreende que “a grande questão social, econômica e política do Brasil é a existência continuada dessa ralé de novos escravos”¹⁴¹. Seu trabalho denuncia a pobreza secular no Brasil, que agora, além da pele negra, inclui-se todas as cores de pele, formando o contraste da exclusão social e do abandono. Jessé Souza afirma que, com essa postura elitista da classe média e da classe rica brasileira, assume-se outra agenda política que não a local como mostrou a figura acima.

Nesse sentido, vale relembrar a posição do Brasil enquanto ex-colônia europeia e toda sua conjuntura sociopolítica que, mesmo depois da independência, segue seu curso sob influência cultural e econômica de impérios ocidentais. Mignolo (2008), ao abordar o significado de identidade em política, revela que os fundamentos da dominação colonial construiu categorias e formas identitárias de concepção superior e inferior, “Uma das realizações da razão imperial foi a de afirmar-se como uma identidade superior ao construir construtos inferiores (raciais, nacionais, religiosos, sexuais, de gênero), e de expeli-los para fora da esfera normativa do ‘real’”¹⁴², não se atribuindo valor à vida humana subjugada inferior. Compreendendo o ambiente da seca, pessoas feitas pobres, caboclos, mestiços, etc., estão fora da avaliação do valor da vida, fenômeno que o autor identifica por colonialidade, sendo resultado das identidades criadas pelo discurso europeu sob uma posição jurídica (colonização) e posteriormente no controle das relações econômicas (colonialismo).

Bem assim, Quijano (2005) revela que o colonialismo é uma ideologia de dominação cultural como parte fundamental do prolongamento do imperialismo ocidental sobre os países do Sul, “A América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de

¹⁴⁰ SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017. p. 102

¹⁴¹ SOUZA, Jessé. A elite do atraso. ...*Op. Cit.*, p. 106

¹⁴² MIGNOLO, Walter D. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008. p. 291

vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira *identidade* da modernidade”¹⁴³. Nessa perspectiva, é possível pensar ainda nas categorias – política e elite cearense, como parte conexas do discurso global hegemônico de dominação europeia a partir de suas posturas frente à realidade climática do Ceará, que foi sempre de segregação e improvisos estruturais. O flagelo da seca, sobretudo, relembra, além disso, o descaso da vida no período colonial, o desumano massacre europeu sobre os povos indígenas e a escravidão com seu cortejo de horrores. Dessa forma, entende-se que a seca foi uma perda irreparável em diversos setores da cultura cearense – famílias perdidas, modos de vida, culturas extintas, povos dizimados, humanidades reduzidas ao pó. Para os autores em pauta, a perda de humanidade sob a ideologia do colonialismo é a perpetuação do ideal europeu de dominação cultural, política e econômica.

Em síntese, compreende-se que, com o fim da colonização no século XIX, permanece outro julgo na política nacional brasileira com novas formas de dominação. Nesse caso, a nova forma de dominação passa ser a colonialidade do poder, enraizado nas estruturas e representações existentes nos países de periferia industrial ou ex-colônias europeias. O conceito de colonialidade apresentado por Quijano (2005), denuncia a continuidade da exploração dos povos e culturas a partir da política econômica do capitalismo ocidental, que se traduz em forma de modelos de relações sociais prontos, padronizados e sistematizados para dominar o mundo. Assim sendo, a partir das ideias de Mignolo (2008); Quijano (2005), pode-se pensar identidade cultural forjada a partir de valores externos à cultura local, comportamento que se pode explicar também questões de preconceito tão arraigadas na cultura brasileira até os dias atuais, como o racismo, preconceito contra nordestinos, indígenas, mulheres, homossexuais, etc.

3.2 Seca e Migração em Pacatuba a Partir de 1932

¹⁴³ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. En: Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Editorial/Editor 2005, Colección Colonialismo; Modernidad; Capitalismo; Poder Político; Sociedad; Historia; Eurocentrismo; America Latina; Capítulo de Libro. Tipo de documento http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf U. p. 117

*Quando a sêca é tremenda e o calor impiedoso? Como o cearense, emigra, A' essa época oportuna abre as asas e part...e, buscando outro poiso, faz que o trêmulo canto a nostalgia se una. No exílio, a evocar os longínquos recantos, mergulhada num sonho, a clara voz desata. Ora alegre e feliz, ora cheia de prantos...E a cantar, sob o azul de nimbos se veste, na vertigem do som, que nos prende e arreбата. É a alma sentimental dos sertões do Nordeste.*¹⁴⁴

Depois de um século de sofrimento, a imprensa cearense continuava a lamentar a repetição do flagelo da seca, anunciando e denunciando o suplício da fome e o caos da desordem social. O suplício faz o pobre trabalhador rogar a Deus por dias melhores, por um bom inverno que possa produzir alimento para sua família. Nessa jornada, para os famintos que migram para capital e áreas adjacentes, o deserto escuro da fome estende-se por dias, meses e até anos, “Povo mártir, o povo cearense. Condenado ao martírio pela fome, assiste impassível a destruição de seu lar, pelo vendaval da miséria que, furiosamente o acoita periodicamente”¹⁴⁵. No cenário de 1932, muito permanece das experiências já vivenciadas: doenças, morte, crimes, roubos, fome, miséria, migração e trabalho pesado, são cenas que montam a paisagem cearense mais uma vez.

O ano de 1931 foi um ano de poucas chuvas em todo território cearense. Com isso, houve uma baixa geral na produção de alimentos, principalmente na agricultura sazonal. Em 1932, o povo esperou com fé o inverno até o dia mais sagrado, segundo a tradição, 19 de março, dia de São José, data limite que se podia acreditar num bom inverno, porém não choveu. Logo, o quadro geral do interior do Estado era lastimável, a fome não poupava ninguém, principalmente crianças, como cita o *Jornal Nação*¹⁴⁶, “Sem exagero, homens, mulheres, e crianças principalmente estão morrendo de fome”. O desespero do trabalhador do campo consiste em saber que a terra não produzirá o alimento. A falta de água afeta não só a lavoura, mas os animais e toda condição de vida no campo impulsionando a migração já nos meses iniciais daquele ano.

Frente à cruel paisagem da seca, em 1932 a migração do sertanejo foi também marcada fortemente pelo trem de ferro que se tornara a principal mobilidade do migrante das regiões do

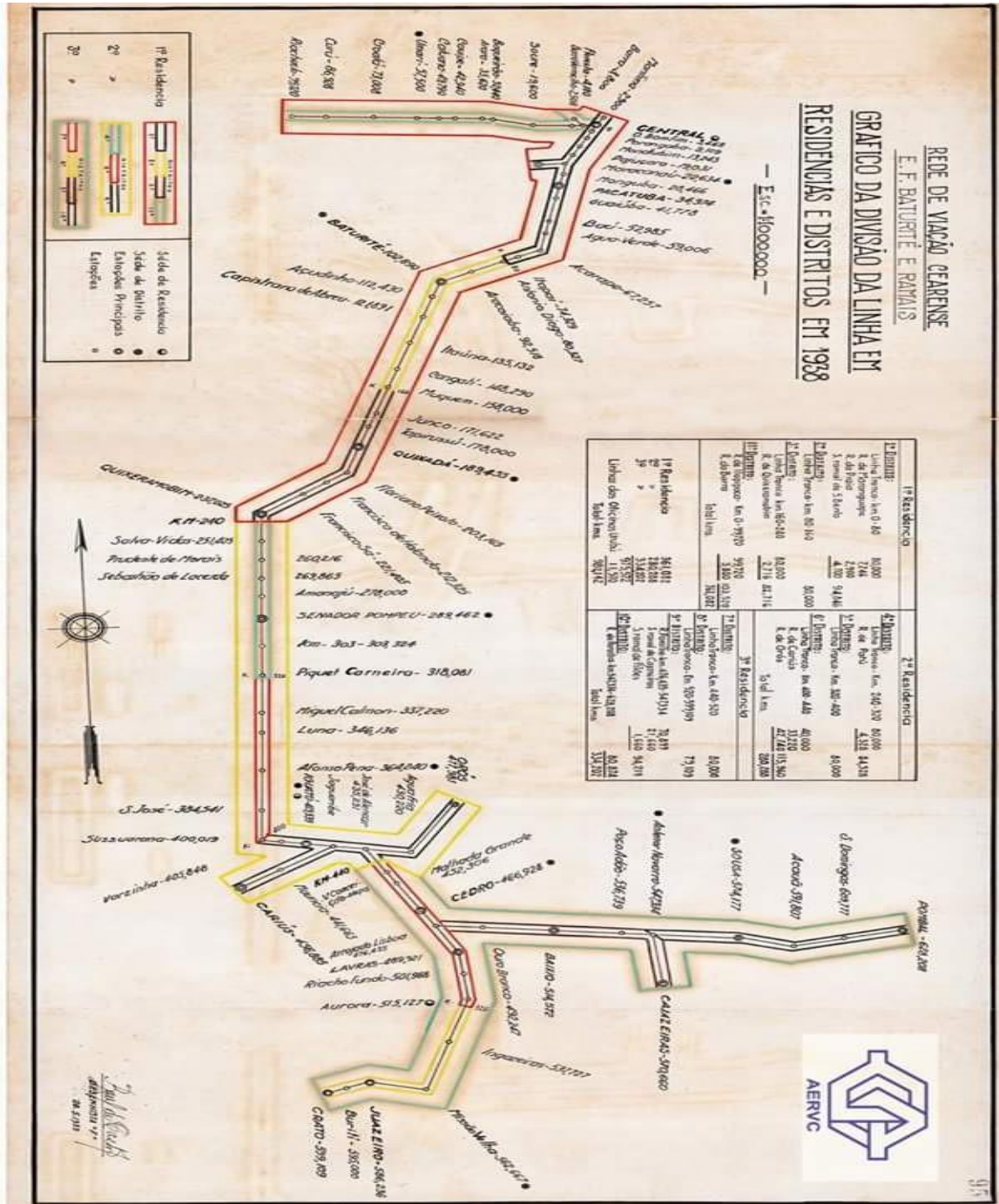
¹⁴⁴ Trecho do poema Graúna de Otacílio de Azevedo. *O jornal*, Ano I – Nº 10, Ceará – Sobral, 5 de fevereiro de 1933.

¹⁴⁵ *O Jornal*. Ano I Ceará – Sobral. 1º de janeiro de 1933.

¹⁴⁶ *Jornal Nação*. Ano I – Nº 216, Fortaleza, sexta-feira, 22 de janeiro de 1932.

Cariri, Sertão Central e circunvizinhanças nessa grande mobilização, amenizando os dramas da retirada.

Figura 18 - Gráfico Residencial da linha Sul – RVC. 1938



Fonte: Arquivo RVC. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA - AERVC. Fortaleza-Ceará.

No tocante a via férrea, “a estrada de ferro de Baturité cortava o Ceará de norte a sul, partindo de Fortaleza, sua principal via atingia as maiores cidades do Sertão Central, chegando

até o Vale do Cariri, onde se localizavam os Municípios de Juazeiro do Norte e Crato.”¹⁴⁷ Com a nova geografia da migração, as estações ferroviárias tornaram-se os primeiros alvos de acesso nesse novo período, muitas cidades distritos do eixo: Cariri, Sertão Central e Baturité possuíam estações, amenizando as distâncias de caminho por terra.

Vale dizer que, embora esse processo de migração seja violento e submisso à vulnerabilidade social e à manipulação política, o migrante é esse sujeito de luta e trabalho por sobrevivência. Relembrando Weyne (2015), o processo de migração, mais uma vez, tornou-se ferramenta política de fomento da gravidade da própria seca com objetivo de realizar construções de obras públicas, captação de recursos e outros interesses econômicos das elites e políticos cearenses. Vale ressaltar que na grande seca de 1932, com o início das obras do Porto do Mucuripe, segundo Espínola (2010)¹⁴⁸, em Fortaleza, a construção de um novo ramal de linha férrea da estação João Felipe ao Mucuripe recrutava 600 homens que, com suas famílias, representavam 2400 pessoas. Eram homens fragilizados pela fome frente a um trabalho muito pesado, cujo pagamento chegava a atrasar até nove meses.

No que se refere à Pacatuba, na Seca de 1932, iniciou-se uma série de fenômenos sociais que aconteceram com essa calamidade pública, cujas consequências reconfiguram-se e repletam-se por décadas no início do século XX. Rios (2006), em seu trabalho “Campos de concentração no Ceará, Isolamento e poder na seca de 1932”, revela que, mais uma vez, e desta vez com mais investimentos, o poder público reproduziu a política de contenção da migração sertaneja em espaços isolados a relembrar aqui 1915, como medida de segregação entre o retirante oriundo da seca e a população da capital cearense, “Em 1932, os campos de concentração e várias frentes de serviços procuravam prender o flagelado no sertão. Entretanto, muitos retirantes conseguiram chegar à capital, onde eram recolhidos e alocados em obras como a construção de calçamentos e prédios¹⁴⁹”. No tocante às experiências da seca no Ceará, é notório que a ocasião da estiagem sempre reúne forças de interesse tanto do poder público, quanto da iniciativa privada, no sentido de aproveitar o trabalhador para a realização de obras. Isso porque a migração sempre dispunha de uma grande concentração de trabalhadores vulneráveis com mão

¹⁴⁷ RIOS, Kênia Sousa. Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932 - 2ª edição / Kênia Rios – Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p.11-12

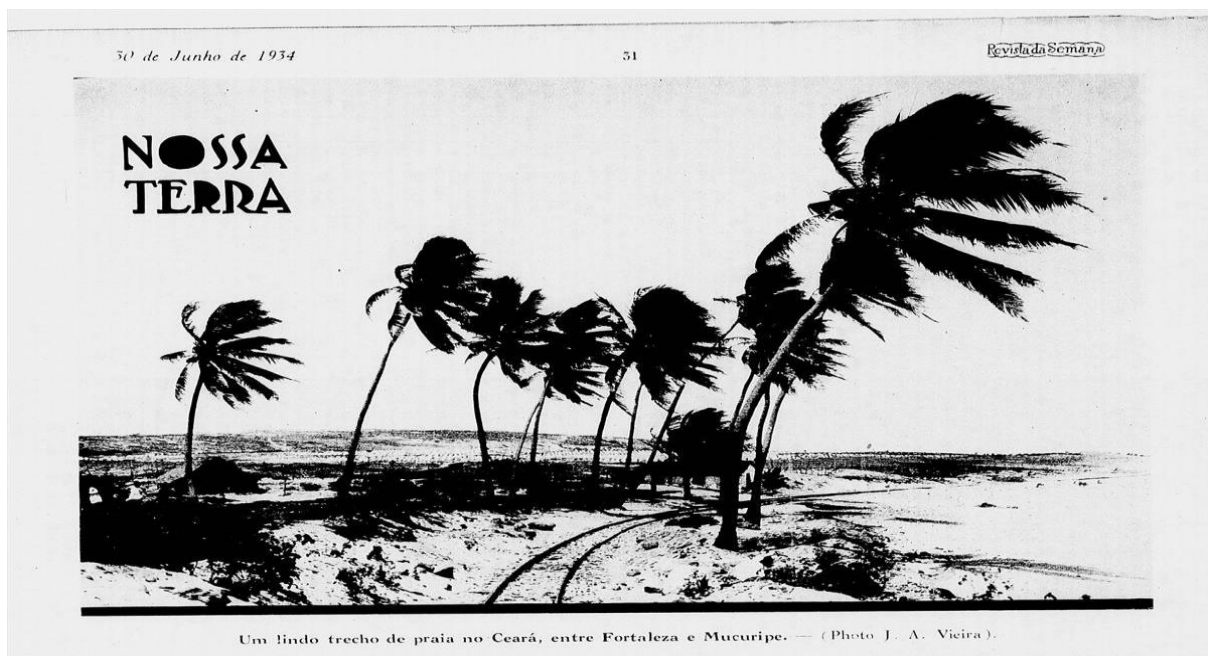
¹⁴⁸ ESPÍNOLA, Rodolfo. Caravelas, jangadas e navios: História do Ceará- resgates e contrastes. 2. ed. Rev. e ampl./ Rodolfo Espínola. – Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

¹⁴⁹ ESPÍNOLA, Rodolfo. Caravelas, jangadas e navios. ...*Op. Cit.*, p.23

de obra disponíveis, fator que sempre motivava a construção a partir da mão de obra abundante e barata.

Em Pacatuba, a pedreira da Monguba, onde desde século XIX explorou-se a extração do minério de pedra, mais uma vez entrou em cena recrutando os sertanejos ao sopé da Serra da Aratanha. A matéria prima para pavimentação de Fortaleza, para o molde de proteção das praias e para estrada de ferro, continuava sendo da exploração da pedreira da Monguba. No caso da seca de 1932, houve uma grande movimentação de trabalhadores retirantes em torno da extração de pedras produzindo matéria prima para as obras supracitadas.

Figura 19 - Linha férrea Fortaleza-Mucuripe concluída em 1933



Fonte: Revista da semana – ANNO XXXV, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1934.

Narra Espínola (2010), que das obras públicas realizadas na capital, destaca-se a construção da ferrovia Fortaleza-Mucuripe “iniciada em julho de 1932 e concluída em outubro de 1933”. Naquela ocasião, muitos retirantes foram recrutados para o trabalho na pedreira e na ferrovia, “Centenas de flagelados foram contratados para limpar a área da pedreira a fim de garantir um melhor acesso e manobras dos trens”. Além dos espaços da pedreira, muitos retirantes trabalharam na conservação da ferrovia Fortaleza-Monguba que se encontrava sem manutenção. Nessas frentes de serviços, os trabalhadores “Faziam de tudo: escavavam a terra,

recolhiam as pedras pequenas, limpavam as áreas de acesso, mantinham a vigilância do lugar e pintavam suas poucas máquinas¹⁵⁰”.

O periódico *O Jornal* (RJ), em 1932, publicou importantes dados referentes à migração sertaneja na seca cearense e os investimentos do governo central. Segue a matéria:

Tem sido gigantesca as actividades desenvolvidas no sentido de proporcionar a assistência aos flagellados. A 51.000 delles foi distribuído trabalho pela inspetoria das secas e 10.000 se acham em serviço na rede de viação cearense. Nos campos de concentração, localizados em diversos municípios, existe, ainda, sem ocupação, cerca de 73.000 pessoas. Faz-se mister considerar que os 61.000 supracitados, aos quaes o governo conseguiu dar emprego, têm, individualmente, uma média de quatro a cinco pessoas sob sua dependência.¹⁵¹

Como se pode ver, a seca de 1932 foi mais uma vez uma grande mobilização sertaneja em busca de sobrevivência. A partir dos números apresentados pelo jornal, pode-se reconhecer novamente que a quantidade de desassistidos é mais uma vez superior aos de assistidos. Sobreposto os campos de concentração, sua ampliação servia para reter o controle dos desassistidos, evitando dispersão retirante pelas ruas da capital.

Outros destaques neste cenário do mundo do trabalho, são as obras para construção do Porto do Mucuripe priorizadas pelo Ministério da Aviação. Segundo o periódico *O Jornal*, o Ministro da Aviação, o paraibano senhor José Américo, proporcionou grandes investimentos ao Ceará, tanto para os trabalhos emergentes, como para auxílio e manutenção dos campos de concentração. O ministro foi um grande defensor da causa da seca em todo nordeste, seu trabalho é reconhecido pela sociedade da época por ser um político presente nas frentes de trabalhos públicos.

Sobre a experiência de trabalho em Monguba, especificamente nos serviços de extração de pedras, um importante jornal registrou a luta dos trabalhadores retirantes por sobrevivência e dignidade, *Jornal Legionário*, que foi uma representação sindical a favor da luta pelos direitos dos trabalhadores cearenses. Além de suas publicações nos anos de 1933-1934, os legionários faziam visitas e reuniões com operários nos espaços de trabalho, sendo também um importante

¹⁵⁰ ESPÍNOLA, Rodolfo. Caravelas, jangadas e navios. ...*Op. Cit.*, p. 164 -165

¹⁵¹ *O Jornal*. ANNO XIV. Rio de Janeiro – Quarta Feira, 6 de julho de 1932

meio de comunicação para o trabalhador. Em sua edição número 19, o Jornal publica uma matéria com as seguintes informações:

Inquérito nas oficinas da fiscalização dos portos, rios e canais. A situação do operariado. – O atraso de seis meses no pagamento. – Falta de justiça nos salários. – Péssimo estado higiênico. Assistência médica e pharmacia. – Fornecimento. – Cumpridas as leis do ministério do trabalho. – Outras notas.”¹⁵²

É interessante observar a motivação feita aos operários pelo presente periódico na luta por direitos e cumprimento das leis, ao passo que denuncia com depoimentos e críticas sugeridas por seus adeptos ou filiados. A redação do *Legionário*, quando refere-se aos retirantes da seca que encontravam-se trabalhando em obras públicas ou privadas, identificam-os como os “que entraram nas obras de emergências como trabalhador flagelado¹⁵³”, cujas denúncias referem-se aos baixos salários e à desvalorização de mão de obra, como por exemplo ofícios de retirantes que tinham habilidades específicas como artistas e outros, recebiam os mesmos salários das atividades mais simples, enquanto trabalhadores não retirantes tinham salários diferenciados e, para esses últimos, os salários não atrasavam. O jornal prossegue com a seguinte narrativa:

Tudo isso é muito horrível! Mas, ao menos se os operários recebessem seus salários! Nem sequer isto...estão atrasados em seis mezes, muito embora estejam em dias o pessoal do escritório: - Falta de equidade e de justiça. Não pagam os salários e mandam recebê-los em gêneros no fornecimento officializado pela repartição. E’ o cumulo. E o fornecimento presta? Já o dissemos em outro local. Até há poucos dias um caso de higiene em relação a carne [...].¹⁵⁴

O texto refere-se à condição de vida do retirante da seca situados nas atividades do porto, na construção do ramal da estrada de ferro Fortaleza-Mucuripe e da pedreira da Monguba, que foram gerenciados pelo poder público cearense. As injustiças cometidas com os trabalhadores migrantes na pedreira da Monguba tomaram corpo nas postagens do presente jornal. O abandono, a fome, o alimento estragado que causava doenças, a morte, tudo se agrupam num ambiente de pura hostilidade, tudo se opunha à vida. Sendo o trabalho de tamanha

¹⁵² Jornal *Legionário* – Semanário Nacional Sindicalista. ANNO 1. Num 19. Fortaleza, 8 de julho de 1933. Ceará – Brasil.

¹⁵³ Jornal *Legionário* – Semanário Nacional Sindicalista. ...*Op. Cit.*

¹⁵⁴ Jornal *Legionário* – Semanário Nacional Sindicalista. ...*Op. Cit.*

dureza, as ajudas eram de péssima qualidade e ainda atrasavam. Nessa condição a fome e o sofrimento perpetuavam-se por meses e anos.

Podemos pensar, nesse momento, a repercussão causada no cenário político com a exposição das injustiças praticadas entre fornecedores de alimento e poder público local, como no século XIX, na seca de 1932, ocorreram desvios de donativos, exploração da mão de obra retirante e problemas de saúde pública. Nesse caso, com a erradicação da varíola no início do século XX, a falta de higiene nos espaços de trabalho e a péssima qualidade da alimentação causaram os índices de mortalidade tanto pela fome quanto por intoxicação de alimentos como cita o *Legionário*: “Tivemos ocasião de examinar de perto a qualidade dos generos alimentícios que este fornecimento possui e que tão usuhariamente vende aos operários, envenenando-os por intoxicação, tal sua imprestabilidade”¹⁵⁵. Nesse cenário hostil em que se encontra o trabalhador migrante, a fome é o pior tormento que as famílias enfrentam, ao ponto de se sujeitarem a consumir alimentos impróprios ao consumo humano. Segundo o Jornal *A Ordem*, à espera pelos socorros públicos do governo, sujeita-se “os horrores da fome e também a falta de roupas”¹⁵⁶

Sobre os trabalhadores emergentes do flagelo na pedreira da Monguba, o *Legionário* faz significativas considerações e intervenções que contribuem com os trabalhadores para a sua qualidade de vida. Nesse caso, destacam-se citações das relações comerciais entre o governo e a empresa que fornecia os gêneros alimentícios:

Alliás, é regra geral. Esses fornecimentos com que se illude a fome de milhares de operários são todos de um mesmo quilate. Allí se vende o sobejo dos armazens de generos. O feijão, a farinha a carne seca que as classes medias e burguezia não compram e não queriam embora que dados, os donos de fornecimento vendem aos pobres operários famintos! Esse de Monguba, pertencem a Lord & Cia, está nestas condições: farinha côr de barro, carne em via de putrefação feijão misturado com o que em Fortaleza é vendido a \$200! etc. etc.¹⁵⁷

Tomando a reflexão sobre o sistema econômico capitalista, podemos identificar a relação fome, mercado e trabalho sob a perspectiva de Marx quando se refere ao trabalhador submetido às questões de salário e exploração física, afirma que: “[...] a consequência necessária para ele é, portanto, sobretrabalho e morte prematura, descer a [condição de] máquina de servo

¹⁵⁵ Jornal *Legionário*, semanário nacional sindicalista – Fortaleza 21 de Outubro de 1933. Ceará-Brasil

¹⁵⁶ *A Ordem*: Trabalho e Justiça (CE). ANO XVI – NUM 996. Sobral, abril de 1932.

¹⁵⁷ Jornal *Legionário*, semanário nacional sindicalista – Fortaleza 21 de Outubro de 1933. Ceará-Brasil

do capital que se acumula perigosamente diante dele, nova ocorrência, morte por fome ou mendicância de uma parte dos trabalhadores”¹⁵⁸. A citação de Marx refere-se às condições de vida do trabalhador em fábricas europeias no século XIX, vidas entregues à miséria plena em que os operários eram vistos como máquinas de produzir mercadorias excedentes.

No tocante à seca, percebe-se que, desde o século XIX, o retirante que busca sobrevivência por meio do trabalho não é reconhecido enquanto ser humano, a exploração e o descaso com a vida de homens, mulheres e crianças foram uma constante no processo de migração. Porém, havia os que lucravam muito com a exploração do pobre retirante. Na pedreira da Monguba, engenheiros e serviçais técnicos viveram outra realidade, recebiam bons salários em dia e tinham alimentação adequada. Bem assim, comerciantes ricos que vendiam alimentos estragados a preço de alimentos bons engordaram suas riquezas com o fornecimento de víveres.

Dessa forma, pode-se reconhecer quão legítima foi a intervenção feita pelos legionários em favor dos operários da pedreira da Monguba, onde muitos morreram por descaso do poder público e pelas duras penas impostas com a ganância e mesquinhez de comerciantes e atravessadores ambiciosos.

Por esse tempo, o Jornal sindicalista “*Legionário*”¹⁵⁹ acompanhando esses fatos fez a presente denúncia:

Companheiros da redação do “*Legionário*”, saudações. Sendo eu um legionário e vendo os absurdos que correm nos serviços dos portos que existem na Monguba, além dos desgraçados que não vem um tostão, sujeitos a um fornecimento dos mais ruins, pois a mercadoria é pior possível, levo ao conhecimento do nosso “*LEGIONÁRIO*” pois é o único que pode fazer conhecimento ao público.

A denúncia exposta no jornal narra a participação de um trabalhador do Porto que teve acesso à realidade dos operários da pedreira da Monguba e, na condição de legionário, escreve ao jornal pedindo apoio em defesa de seus iguais. Interessante saber que os operários refugiados da seca que trabalhavam em condições sub-humanas se organizaram na pedreira com apoio de legionários e fundaram o sindicato local. O apoio concedido aos operários possuiu relevância jurídica e garantiu apoio de todos os sindicalistas legionários, sejam trabalhadores ou líderes

¹⁵⁸ MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos. ...*Op. Cit.* p. 27

¹⁵⁹ Jornal *Legionário*, semanário nacional sindicalista – Fortaleza 14 de Outubro de 1933. Ceará-Brasil

sindicais. Segundo o presente jornal, no dia 8 de outubro de 1933, os trabalhadores da pedreira da Monguba receberam a comissão legionária, “composta de companheiros do sindicato das obras do porto”¹⁶⁰, sendo recebidos com entusiasmo pela causa comum a todos. Naquela mesma ocasião, foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores da Monguba, “Realizou-se pouco tempo depois magna sessão, cujo fim principal era eleger os membros da diretoria que deveria reger os destinos do sindicato já alli organizado anteriormente”¹⁶¹. O texto final da sessão solene define, em suas últimas palavras, seus objetivos com a seguinte narrativa, “Pelo que vemos, o operariado de Monguba organizou-se dentro do ideal Legionário para defesa dos seus direitos [...]”¹⁶². Podemos compreender a atitude dos trabalhadores que, geralmente eram pessoas simples de pouca escolaridade, enquanto resultado de experiência coletiva, os mesmos fatos reunidos (seca, migração, fome, trabalho) produzem as mesmas demandas e interesses comuns.

Thompson (1981) em seu trabalho “A Miséria da Teoria” propõe uma reflexão à respeito do comportamento humano a partir da experiência, nesse caso, o trabalho. Ao referir-se à classe trabalhadora inglesa, Thompson aborda a experiência como forma de explicar a transformação de determinado setor social, sendo ela determinante para produzir mudanças no comportamento dos seres humanos, “e essa experiência é determinante no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente”.¹⁶³ Nesse sentido, a experiência dos trabalhadores da pedreira em meio às condições de vida sub-humanas, é também a consciência de si no meio social, das próprias dificuldades e, de forma coletiva, a ser reconhecida na formação do sindicato local. “A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo”¹⁶⁴, O diálogo produzido entre Legionários e trabalhadores retirantes na Monguba representa uma ação social própria da racionalidade humana.

Contudo, a mão de obra retirante, mais uma vez, havia concluído um ciclo de construções de obras públicas sobre o enredo da fome, da morte, da opressão e da injustiça. Com o fim da seca muitos retirantes permaneceram nos trabalhos da pedreira e nas pequenas obras que ensaiavam o que seria posteriormente o grande complexo do Porto do Mucuripe. Dos

¹⁶⁰ Jornal *Legionário*, semanário nacional sindicalista – Fortaleza 21 de Outubro de 1933. Ceará-Brasil

¹⁶¹ Jornal *Legionário*, semanário nacional sindicalista. ...*Op. Cit.*

¹⁶² Jornal *Legionário*, semanário nacional sindicalista. ...*Op. Cit.*

¹⁶³ THOMPSON, Edward, P. A miséria da Teoria. ... *Op. Cit.* p. 16

¹⁶⁴ THOMPSON, Edward, P. A miséria da Teoria. ... *Op. Cit.* p. 16

retirantes que trabalharam em obras públicas em 1932, “nem todos retornaram ao sertão¹⁶⁵”, muitos permaneceram em suas atividades. No caso da pedreira, havia a notícia da grande obra de construção do Porto do Mucuripe, espaço de trabalho que iria concentrar muitos operários por longo tempo.

3.3 Monguba Abarracamento de Imigrantes em torno da Indústria da Pedra

*A seca é um negócio terrível e de muito amargo!
A seca realmente faz a gente sair do lugar de origem!*¹⁶⁶

Entre os grandes fenômenos sociais da modernidade, configura-se como impregnação imaginária do homem os ideais de progresso, civilização e modernização. No Ceará, o processo de desenvolvimento urbano e econômico se dá muito fortemente interligado aos fenômenos naturais e sociais ocasionados pelo ciclo das secas. Nessa perspectiva, Neves¹⁶⁷, revela-nos que, para esse processo de modernização cearense, a seca foi um importante fator de integração política, social e econômica que se desenvolveu gradualmente. Num primeiro momento (séc. XIX), tinha-se uma forte atuação na agricultura, relações paternalistas de ocupação de terras como forma de agregação de mão de obra em períodos de estiagem. No segundo momento, ainda no século XIX, na perspectiva do Estado, a ação política de auxílio às vítimas das secas representou arrebanhar a população migrante para o exercício do trabalho em obras públicas.

Diante da paisagem das secas, tem-se por um lado a oportunidade de sempre captar recursos públicos e, por outro, tem-se o retrato imediato da fome e desequilíbrio da ordem social em meio à desorganização do trabalho. No tocante ao trabalho nas pedreiras de Pacatuba, as formas dessa atividade eram bem diferentes da realidade do campo (sertão) de onde migravam os trabalhadores, isso tanto no século XIX quanto no século XX. A seca de 1932, foi também um espaço de organização política e planejamento da infraestrutura do Ceará. As pequenas obras referentes ao Porto do Mucuripe simbolizavam um importante passo para sua efetivação posteriormente, afinal foi construído o ramal ferroviário Fortaleza-

¹⁶⁵ RIOS, Kênia Sousa. Campos de concentração no Ceará. ...*Op. Cit.*, p.17

¹⁶⁶ Depoente: Hercílio Luiz de Sousa. Minerador; Agricultor; Poeta popular e Violeiro. Nascido em Iguatu em 1938. Migrou para Monguba na estiagem de 1943.

¹⁶⁷ NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de. (org). Uma nova História do Ceará.

Mucuripe; A pedreira havia sido reestruturada e a estrada de ferro Fortaleza-Monguba recebeu reparos.

Tomando a reflexão para história local, a possibilidade de conhecer e dialogar com remanescente da migração, muito fortaleceu a compreensão do trabalho e das condições de vida em torno das pedreiras a partir das secas. Assim, Cabral Filho¹⁶⁸, nascido em 1918 em Riacho do Sangue - Solonópole, relembra os dias vividos em 1932 no campo de concentração de Senador Pompeu:

Eu tinha 14 anos, meu pai era vigia do campo de concentração. A gente morava em senador Pompeu. O campo era perto da barragem do Patu. Era muita gente no campo de concentração, nós moramos lá na barraquinha que tinha lá. O Governo mandava carne seca, farinha, açúcar preto. [...] morria pessoas lá. Ficava todo mundo lá e o governo mandava ajuda para as pessoas que vinham da seca. Tinha família de todo canto. Trabalhador, mulher, jovem, menino, criança. Depois de lá trabalhei com meu pai no açude do Cedro em Quixadá em 1932, todo sábado a gente vinha pra casa. Aqui na Monguba eu cheguei em 1937, para trabalhar na pedreira do Mucuripe. Trabalhei de toqueiro no começo e meu pai, cavouqueiro, eu segurava e ele batia o aço, para furar a mina de alevante. Fizemos o primeiro fogo foi 17 palmos, um alevante. Ai a pedreira foi levantando, levando e botaram os guindastes, os trilhos e a maria fumaça começou a carregar as pedras. A firma aqui era a Hidráulica, pagava bem e não atrasava. Foi muito trabalho, morreu muita gente lá de acidente.

Efetivamente, Cabral filho é um dos poucos viventes que experimentou seca de 1932 no Ceará. Sua fala revela os dias difíceis na seca cearense no campo de concentração e no trabalho em obras públicas como a construção do açude do Cedro em Quixadá, onde trabalhou com seu pai na condição de retirante e ainda adolescente. O ano de 1932 foi um dos poucos anos que o açude do Cedro chegou a secar, nesse período, o governo fez obras de reparo e melhorias no açude reconhecendo uma nova fase de luta contra as secas dando novas condições ao açude do Cedro.

A partir da narrativa, percebe-se que a desorganização do trabalho, motivado pela seca, faz o trabalhador do sertão permanecer em constante movimentos migratórios em busca de melhores condições de vida, visto que a seca é uma realidade constante que pode surgir repentinamente no território cearense como força desorganizadora do trabalho e da vida do sertanejo. O trabalho na empresa, identificada pelos operários por Hidráulica, marca uma nova fase do trabalho no Ceará com seu processo de industrialização. A então empresa que realizou

¹⁶⁸ Depoente: Pedro Cabral Filho (2018). Nascido no dia 24 de abril de 1918, em Riacho do Sangue-Solonópole-Ceará. Migrou para Monguba no ano de 1937. Funcionário aposentado do DNER – Departamento Nacional de Estradas e Rodagem.

as obras do porto na pedreira da Monguba e no Mucuripe, foi uma empresa privada, a “Companhia de Construções Cíveis e Obras Hidráulicas¹⁶⁹ – CIVILHIDRO. A relação do setor privado com o trabalhador marca, nesse momento, uma outra comunicação diferente do trabalho em obras públicas, em que o governo gerenciava as ações de trabalho com base em baixos salários ou se trabalhava em troca de roupas e alimentos. No caso do trabalho do porto, foi um grande complexo industrial que recrutou centenas de trabalhadores para sua construção.

A interlocução feita com Cabral Filho é parte dessa importante História ocorrida com a migração em Monguba-Pacatuba dos anos 30 aos anos 50 do século XX. Neste contexto, pode-se compreender as narrativas presentes no trabalho do historiador Le Goff (1990), qualificando o valor da memória individual para construção da história, sendo ela parte da memória coletiva, na condição de fonte para ser observada e estudada. Assim, logo se tem a seca, a migração e o trabalho como lugares de memória, como parte de um fenômeno coletivo, fator fundamental para composição do conhecimento historiográfico. Para o autor, “A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”. Desta forma, compreende-se que o depoimento de Cabral filho e de outros trabalhadores são importantes no processo histórico da cultura cearense. Nessa concepção, prossegue o autor afirmando que, “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.¹⁷⁰ A história contada por Cabral Filho, leva-nos a refletir o passado e pensar sobre as possibilidades da cultura local e da identidade dos indivíduos postos nesse cenário histórico e nos tempos atuais.

¹⁶⁹ *Gazeta de Notícias*, (RJ) ANO 69, Nº 146. Sexta-Feira 25 de Junho de 1943

¹⁷⁰ LE GOFF, Jacques. 1924 História e memória. ...*Op. Cit.*, p. 410-411

Figura 20 - Pedreira da Monguba nas obras do Mucuripe - Anos 40



Fonte: Arquivo RVC. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA – AERVC. Fortaleza-Ceará.

Continuando a dialogar com os trabalhadores migrantes em Monguba, no período de 1932 a 1958, as memórias revelaram importantes acontecimentos desse novo período de migração, suas particularidades subjetivas provocadas pelo fenômeno da seca ou outras questões, em particular na cidade de Pacatuba enquanto ponto residencial de retirantes – pessoas, famílias, trabalhadores, que deixaram para trás suas histórias iniciais de vida, cruzaram fronteiras e abriram novos caminhos em busca de novas formas de sobrevivência. É um novo tempo de migração inaugurado com a indústria da pedra, que, apesar das dificuldades estruturais, o refugiado teve o trabalho assalariado e a geografia serrana úmida que, de certo modo, contribuiu para a acomodação desses migrantes no espaço atual de Monguba. Assim, conta sua história o minerador Hercílio Luiz¹⁷¹:

Nasci em Iguatu, mais meu documento é de Santana do Cariri. Meu pai teve muita dificuldade nessa região, mas em 32 houve uma seca pesada e o papai trabalhou no Crato fazendo barraca para aquelas pessoas que vinham, aquelas pessoas que estavam passando fome. A coisa muito errada que achava é que papai dizia que o governo do estado daqui não deu muita bola, não; quem sustentou o povo do Cariri foi o governo da Paraíba – José Américo, eu não estou lembrado, mas acho que era da Paraíba ou do Rio do Grande do Norte. Ele mandava farinha, ele mandava leite para os bebês de colo, farinha para as pessoas adultas – farinha, carne e sal. Papai era chefe de uma turma; o trabalho do povo era fazer barraca para os desabrigados que vinham. Chegava

¹⁷¹ Depoente: Hercílio Luiz (2018).

uma pessoa com fome, ia lá no barracão, pegava farinha, dizia os filhos que tinha e era alimentado. O leite para o bebê. A carne, a farinha, o sal e outras coisas que compõem para os adultos, né. Papai falava que esse homem, José Américo, foi quem segurou o agricultor da região do Cariri. Os que chegavam primeiro iam fazendo barracas para os que chegavam depois. Morriam muitas crianças; minha mãe dizia que morria muita criança. Meu pai era de 1896. A seca é um negócio terrível e de muito amargo, muita gente naquele tempo não tinha trabalho, não tinha nada, né. Então o trabalho do interior infelizmente tem essas dores para o operário, o agricultor. Quando é bom, é bom mesmo, mas, quando é seco, o agricultor sofre muito. Vou lhe contar uma história: o papai em época de seca ele trabalhava, já com um bocado de filho pequeno, por um litro de farinha, e o papai porque era bom (na capinagem) e o fraco não tinha um litro de farinha. Chegava em casa, minha mãe fazia aquele caldo, os meninos bebiam e iam dormir.

O relato do Senhor Hercílio Luiz, traduz a experiência crucial da família sertaneja no período de seca em busca de sobrevivência. Como já visto, os campos de concentração eram espaços de sofrimento e de alta vulnerabilidade, a baixa qualidade dos alimentos ao lado da insalubridade eram uma ameaça a vida humana, principalmente nos setores infantis como narra o minerador. Outro fator que propõe uma reflexão sobre tal dificuldade, é que as famílias migrantes eram bastante numerosas, fator que sempre alargava a dificuldade de produzir alimentação com a desorganização do trabalho. A seca sempre foi uma grande força que sujeitou a migração de povos de diversas regiões do Ceará em busca de sobrevivência, a falta de atividade remunerada e a escassez de alimentos eram os principais desafios que o trabalhador do campo enfrentava. Continuando a história de sua família, o minerador se reporta à seca de 1942/1943, quando os sertões, mais uma vez, sofriam com os tormentos da fome e da sede no território cearense. Nesse mesmo ano, o governo apresentava em lamentos uma mensagem à Assembleia Legislativa (CE)¹⁷² retratando a situação econômica e financeira do Estado em decorrência da seca.

Retornando ao depoente, os movimentos migratórios de sua família não paravam desde de 1932, sempre migrando à procura de melhores condições de vida e sobrevivência, mas foi com a seca 1943 que o destino arremessou toda sua família a Monguba, onde fizeram seu lugar de vida. Prossegue a narrativa:

Saindo do Cariri em 1932, meu pai veio para cá, para Fortaleza, quando chegou aqui o homem olhou para nossa família e os meninos, mas a vista dos daqui de Fortaleza estavam saudáveis, estavam limpos, aí o homem disse assim como é o nome do senhor: Antônio! Seu Antônio não fique aqui não, aqui tem muita doença, muita pulga de

¹⁷² Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do Ceará (1936-1960), Ano 1943.

bicho, aqui no acampamento e seria melhor, eu dou uma ajuda ao senhor e o senhor volta para sua terra, que aqui está muito difícil. Papai voltou, para terra dele, “a seca realmente obriga a pessoa sair, sair do lugar de origem”. Como saiu do lugar de origem e não tinha emprego onde tinha um lugarzinho melhor a gente ficava. Então papai morou em Senador Pompeu, no Iguatu, Quixeramobim, um lugarzinho chamado, e outro lugar que não recorde o nome, Quixadá, de Quixadá viemos pra Capistrano. Mas tudo isso se não fosse a seca, papai tinha ficado lá, por que lá era bom, havendo inverno era bom, o sertão tendo inverno né o que o agricultor produz dá para sustentar a família e ainda sobra um pouquinho. A gente morava em Capistrano de Abreu, papai sempre como agricultor e a família muito grande, nós éramos doze pessoas, meus irmãos mais velhos José, João, todos ajudavam o papai, então ele não se conformava com aquele ganho pouco e ele sempre saía, então ele ouviu falar que aqui na Monguba (Pacatuba) tinha uma companhia chamada Hidráulica tirando pedra grande para o Cais do Porto, a construção do Cais do porto em Fortaleza, ele pegou veio bater aqui. Lá onde nós estava, um operário ganhava um mil reis nos patrões, não era Real era uma moeda chamada assim – Reis, papai ganhava um reis por dia era o salário do trabalhador do sertão. Essa empresa pagava o salário de sete mil e trezentos. Aí meu irmão trabalhou aqui uns tempos, quando foi para casa levou uma ajuda muito boa, papai vamos pra lá, lá a vida é muito melhor, meu irmão falou isso pra que meu pai se interessasse e viemos pra cá né. Chegamos aqui em setembro de 43 na seca, eu não tô lembrado a data, eu era muito criança eu não recorde a data. Nós fomos morar no pé da serra numa choupanazinha de palha. Aí meu irmão estava empregado né, pouco tempo depois papai também e meus irmãos, aí as coisas melhorou. Eu era muito pequeno mas me lembro que aqui na Monguba, as casas populares eram muito poucas, agora tinha muito era casa das pessoas que vinham para trabalhar, os imigrantes, palhoça por todo canto. Barraquinha de palha, o povo ia chegando, chegando, iam fazendo casa de palha iam morando trabalhando e dando continuidade a vida. Na Serra tinha muito coqueiros, os coqueiros eram muito forte na época né. Tinha um negócio que não era muito agradável, devido as máquinas serem a fogo e água soltavam faíscas e muitas vezes as casas incendiavam só via vezes casas pegando fogo, mas com o tempo foi desenvolvendo melhorando a situação. Depois, chega uma fase que a gente precisa de companhia para conviver junto, 1958 foi uma seca muito ruim, muito difícil, a minha mulher era de uma família muito pobre de Maranguape, naquela época quando os patrões tinham dificuldades às vezes dispensavam seus moradores, aqui tinha condição melhor de viver, a seca foi muito dura e eles migraram pra cá e eu acabei casando com ela. Aqui era bom, tinha fruta na serra, a serra era cheia de nascente de água, a nascente era permanente. Toda Monguba era abastecida da serra.

Então é assim que a comunidade cresce, entre o pé da Serra da Aratanha e a linha férrea, num amontoado de barracas de palha de coqueiro catolé, sobre pedras, riachos, desfiladeiros e morros, condição desfavorável a uma vida digna, mas que remete a um tempo de luta e resistência a fenômenos naturais e sociais. Seguindo a reflexão dos oradores entre os pontos em comum presente em suas narrativas, destaca-se a Serra da Aratanha com sua capacidade de produzir alimentos, sua terra rica em água potável e fértil na agricultura, “Aqui na Monguba, vi plantio em que os pés de arroz eram da altura de um homem, dava de tudo que plantasse, tanto em cima da serra como nos baixios, era uma fartura, olho d’água por tudo que é canto, no pé da serra e em cima, agora acabaram com tudo”¹⁷³. Outro ponto que se reproduz, por diferentes

¹⁷³ Cabral Filho (2018)

interlocutores, é a destruição da natureza, representada por suas riquezas naturais, o solo e água que os trabalhadores viram em abundância e hoje reconhecem não haver mais. Destaca-se, também, em memória comum, a dureza do trabalho nas pedreiras e os acidentes de trabalho ocorridos nesse período.

Figura 21 - Família retirante da seca na construção da Estrada de Ferro de Umari - Itapipoca. 1920.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Ampliando a imagem com tecnologia digital é possível identificar no alojamento retirante cinco crianças entre meninos e meninas, uma mulher de aparência jovem, uma senhora idosa e um homem, totalizando oito pessoas no pequeno espaço improvisado. A barraca feita na mata com varas, paus e coberta com palhas de carnaúba, é um pequeno abrigo que representa parte da arte do retirante em seu contato com a natureza regional, que, com precisão, amenizava os efeitos do sol sobre sua família durante o dia, ao passo que também reunia todos num mesmo espaço durante a noite. Sabe-se que o trabalho na linha férrea era itinerante, fazendo-se necessário uma nova construção de barraca, seguindo as atividades da estrada de ferro. A presente fotografia é um documento histórico importante que, entre outras informações, facilita pensar sobre os abarracamentos em torno da indústria da pedra em Monguba. Em situação oposta, as condições dos migrantes nos abarracamentos ao sopé da Serra da Aratanha foram

menos penosas, tendo em vista a condição de não ser itinerante e a condição de uma outra vegetação com acesso a água nas nascentes da Serra.

Recorrendo à historiografia em Pollak (1998)¹⁷⁴, suas contribuições remetem também ao valor da memória para produção da história, no caso dos trabalhadores da pedreira do Porto em Monguba, compreende-se que a memória e o sentimento de pertencimento enquanto resultado dos fenômenos sociais que pode se manifestar de forma individual, coletiva e que existe muitas vezes no campo do esquecimento, no qual precisa-se atentar para tantas lembranças pormenorizadas e esquecidas na História que podem fundamentalmente construir e uniformizar a memória nacional, a memorial local. Nesse caso, a presente pesquisa busca de forma dissonante trazer vozes que experimentaram os acontecimentos em pauta. Assim sendo, pode-se vincular a memória dos depoentes a uma experiência social, de forma a reconhecer que a voz presente configura a memória de Pacatuba, seu legado cultural construído pelos povos migrantes. Assim sendo, a degradação ambiental ocasionada na Serra da Aratanha, no processo de ocupação e exploração da Serra da Monguba, convida-nos a uma reflexão atual que pode apontar para um futuro ainda mais difícil numa perspectiva passiva da convência atual com os bens naturais. É preciso fazer diferente e, a partir da história, produzir uma reflexão crítica sobre as consequências da ação do homem no meio ambiente.

Tomando o diálogo em relação à questão identitária do retirante, a migração é uma ruptura com seu lugar de origem, é a perda de diversos universos sociais e naturais que constituem a memória do homem. Para (HALL 2006), nesse processo de migração o homem torna-se um sujeito híbrido que, nessa ocasião de deslocamento, necessita adaptar-se a uma nova perspectiva, partindo de uma nova possibilidade cultural de sua formação e da assimilação de novos símbolos, cujos resultados é a fusão de culturas. Tratando-se da seca, problemática inserida profundamente na história do povo cearense, a migração, em certo tempo, tornou-se uma obrigação, ou condição única para sobrevivência, um ato de luta, esperança e resistência à calamidade pública e à fome enquanto forças que ameaçavam a vida.

Graciliano Ramos¹⁷⁵ em sua obra “Vidas Secas”, narra os problemas do sertanejo no semiárido, apresentando por meio de seus personagens a tragédia da migração em terras áridas, por onde se busca um local de moradia e trabalho para sobreviver à sede, à fome. Sua narrativa

¹⁷⁴ POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: Estudos Históricos, n.3, Rio de Janeiro, 1998.

¹⁷⁵ RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 106. Editora Rio de Janeiro: Record, 2008.

aponta a realidade dessa migração partindo da fome, pobreza e da dificuldade estrutural do acesso à terra. Dessa forma, não se pode esquecer a ausência de uma reforma agrária no Brasil, política nunca implementada que ao longo do tempo perpetuou as consequências da Lei de Terra de 1850, citada anteriormente, como resultado de uma política de exclusão social e de ausência de inovações da relação do homem com terra, bem como a precariedade da própria administração pública na gestão de políticas públicas e de suas intervenções.

Assim sendo, reconhece-se que a condição do retirante da seca foi uma condição lastimosa, que se traduz em dor e sofrimento, em perda não só de forças físicas, mas de subjetividades da própria identidade frente à sua condição existencial miserável. Partindo desse pressuposto, não se pode pensar no retirante de forma simplificada, pois o homem enquanto sujeito é um ser inacabado que se reconstrói ao longo de sua vida. Nesse caso, para Morin (1998)¹⁷⁶, é, pois, aqui ampliar o pensamento sobre vida, para além de fenômeno social e climático, rompendo com pensamento simplificado que é segregador por excelência, ou seja, a seca em si, representa um conjunto de fenômenos sociais e climáticos que é preciso analisar de forma associada para uma visualização coerente dos problemas da migração no sertão.

E quem é o flagelado da seca?

É o homem do campo que conhece a terra! Que produz seu alimento, que também é um artesão, que mantém criações de animais, que vive num meio social com pactuação política e que em dado momento e repentinamente tem tudo isso tirado de si. No caso da política e das elites cearenses, esses viam o retirante apenas como um faminto condutor de doenças e atrocidades sociais, o que ocasionou as medidas de segregação.

Retornando a migração em Pacatuba, os próprios trabalhadores da pedreira da Monguba transmitem suas vivências pelos caminhos de luta e de trabalho sobre o novo lugar de vida:

Naquele tempo devido às dificuldades a gente começa a trabalhar menino, criança mesmo, quebrando brita um (1) e dois (2). Não tinha escola aqui. Era uma zuada muito grande, os portes muito altos com lâmpadas muito grandes, todo maquinário a vapor – tinha compressores de ar, tinha casa de força, tinha marteleta e perfuratriz tudo no ar [...] Era muito difícil, os homens não tinham experiência para trabalhar com pedra, morria muita gente, tinha muito acidente. Os cabos que seguravam os homens em cima da pedreira eram cordas, quando quebrava eles caíam lá de cima, era muito triste, perdemos muitos amigos nesse tempo.¹⁷⁷

¹⁷⁶ MORIN, E. *Ciência com Consciência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1998

¹⁷⁷ Hercílio Luiz (2018)

A partir dessa fala, pode-se pensar as difíceis condições de trabalho de homens sem experiência com a mineração, suas condições físicas e adequação a uma nova atividade bem diferente do campo. Consideravelmente, em geral o trabalho na pedreira compreendia escavação; rebentar pedra, perfurar minas; abrir estradas e construir ramais da estrada de ferro. Segundos os interlocutores, o trabalho na pedreira da Monguba durou mais de quatro décadas e sempre foi um local de constante acidente e morte de muitos trabalhadores.

James Scoot (2002)¹⁷⁸ traz uma interessante reflexão para se pensar sobre as formas de vida e trabalho do retirante da seca no Ceará, diante das dificuldades também havia formas de resistência e estas estavam inseridas nas ações do cotidiano, nos pactos de solidariedade, na luta pelos interesses comuns entre grupos de retirantes, na religiosidade. Para tanto, a memória local revela parte desse processo com interlocução do senhor Cabral Filho¹⁷⁹, lembra o interesse que companheiros de trabalho tiveram na formação da primeira capela da comunidade:

Eu lembro que em 1939, quando a Hidráulica¹⁸⁰ chegou, tivemos que ir lá pra cima, onde foi instalada a nova pedreira, pois aqui não comportava dez novos guindastes. Tinha o bebedor de água no almoxarifado onde hoje é a igreja. Quando a pedreira se mudou o Barbosa falou para fazer a capelinha no local, o Padre veio e deu certo. A capela de Nossa Senhora das Vitórias era o almoxarifado da antiga pedreira. Parece que foi em 1940¹⁸¹.

Partindo de um sentido metafísico, a presença da igreja dispõe de uma série de representações – as questões da fé que motivam o homem sertanejo na luta, a sociabilidade, o lazer, os eventos culturais e as novenas. Há também a presença da arte sacra, a música e outro elementos que podem simbolizar e caracterizar o processo de construção das identidades. No tocante à história da migração e trabalho na pedreira, existe uma forte aproximação da narrativa oral com os fatos relatados pelos meios de comunicação acadêmicos e culturais, fator que possibilita uma narrativa interdisciplinar para a construção do processo histórico em questão.

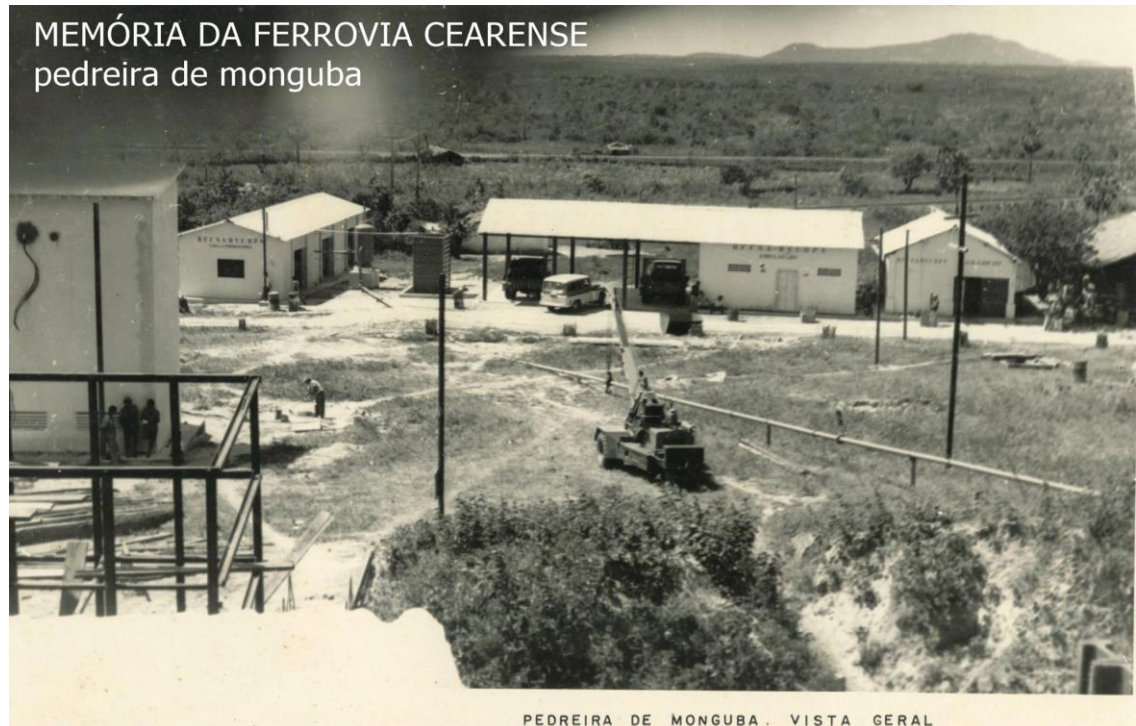
¹⁷⁸ SCOOT, James C. Formas cotidianas de resistência camponesa. Raízes, Vol.21, nº 1, jan-jun. 2002

¹⁷⁹ Companhia Nacional de Construções Cíveis e Hidráulicas - CIVILHIDRO. Empresa Responsável pelas novas instalações das Obras de construção do Porto do Mucuripe de 1939. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=774672>. Acesso em 21 de julho de 2017.

¹⁸⁰ Cabral Filho (2018)

¹⁸¹ Idem

Figura 22 - Base da Antiga pedreira São Bento ao pé da Serra da Aratanha. Fotografia dos anos 1960.



Fonte: Arquivo RVC. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA – AERVC. Fortaleza-Ceará.

Percebe-se que, nesse processo de transformação que acontecem em Fortaleza, com a construção do cais do porto, iniciado na primeira metade do século XX, ocorrem mudanças em Pacatuba, as quais nos chama atenção a questão ambiental. Ocorrem também mudanças no processo de migração referente ao fenômeno seca e também ao trabalho. Assim, o que foi conhecido como grandes acampamentos de barracas de palha espalhados nos distritos sede e Guaiúba, onde os refugiados se abrigavam nas grandes secas do século XIX - XX, agora nos anos trinta, quarenta e cinquenta, são acampamentos ao redor da indústria da pedra no sopé da Serra da Aratanha. É possível pensar, a partir dos fatos narrados, a continuação da formação social da cidade a partir da diáspora da seca que arremessou povos distintos em busca de convivência social e econômica, com o exílio de diferentes comunidades na caminhada por uma melhor qualidade de vida sobre o território pacatubano. Cabe a reflexão, a partir desses elementos históricos, uma cidade de dezenas de povoados com visões de mundo, crenças, técnicas e valores bem diversificados que se destacam desde o século XIX.

Em maio de 1949 Monguba ganhou destaque no jornal cearense *O Nordeste*¹⁸², com a condição de povoado que crescia em torno da indústria da pedra para o porto do Mucuripe, essa comunicação dialoga em harmonia com as narrativas dos interlocutores presentes nesse trabalho. Nessa ocasião, o interlocutor Antônio Sousa, que também trabalhou na pedreira, lembra o passado, considerando-o como dias difíceis:

A máquina de puxar o trem era a vapor, maria fumaça, quando começou aqui o serviço do porto era gente demais. Eram duas turmas, uma de dia, outra de noite. Turma grande de trabalhadores. O serviço era pesado, brocar mata, quebrar pedra, tudo manual. O guindaste colocava a pedra no trem, os trens tinham 10 vagões cada. A gente trabalhava, aprendemos a fazer. Tinha muito acidente, morria gente de acidente. Com essa de trabalho em pedreira eu me acidentei, quebrei minha perna, arrebentou aqui, veja as marcas. Em pedreira não pode se descuidar é muito perigoso. Meu irmão caiu de uma pedreira e perdeu um braço no acidente. Ele só tem um braço, foi horrível. Eu nasci aqui. Nesse tempo o cabra sofria, trabalhava desde menino. O dinheiro a gente não sabia nem o que era. O pessoal não comia coisa boa não, era tejo, peba, caça, mas tinha a bodega de fornecimento pra comprar também. Agora tudo mudou, conheci o tempo do sofrimento. Aí no pé da serra era cheio de barraca de palha, parecia formigueiro do pessoal que chegava pra trabalhar. Tinha gente até da banda da Paraíba. A roupa era de saco de açúcar, costurava a mão, era muito ruim. Comprava o saco na bodega e mandava costurar.¹⁸³

As dificuldades básicas de sobrevivência apresentada na fala do Sr. Antônio, é a confissão real e presente do que já foi aqui apresentado nas denúncias dos jornais da época. Mesmo a renomada empresa CIVILHIDRO remunerando de forma diferenciada seus operários, compreende-se, a partir dos depoimentos, que o poder de compra era basicamente capaz de prover alimentação para família do trabalhador. Assim, eles revelam que as dificuldades de infraestrutura social foram tamanhas nos serviços da pedreira, da alimentação à vestimenta, da atividade do trabalho à moradia. Em geral, essa realidade se faz comum a todos, bem como os riscos à integridade física do trabalhador, uma vez que para eles não havia nenhum tipo de treinamento, sendo recrutados mesmo sem experiência. Ao narrar sua experiência na pedreira, o senhor Antônio Sousa, fala com firmeza e precisão, principalmente quando mostra as marcas do acidente, em sua entonação vocal ele transmite força e capacidade de superação, admitindo ter superado as dificuldades com muita coragem, lamentando com tristeza a perda de amigos.

¹⁸²Jornal *O Nordeste*. 13 de maio de 1949

¹⁸³Depoente: Antônio de Sousa (conhecido em Monguba por Antônio Inácio). Minerador, Agricultor, Ferroviário. Aposentado da Rede Ferroviária Federal S.A – REFFSA. Nascido em Monguba em 04 de Junho de 1931.

Figura 23 - Locomotiva a Vapor (maria fumaça) no trabalho do porto em 1939.



Fonte: Arquivo RVC. Associação dos Engenheiros aposentados da RFFSA – AERVC. Fortaleza-Ceará.

Prosseguindo o debate na perspectiva da memória local, o interlocutor senhor Pedro Agostinho¹⁸⁴ (2018), também contribui com sua fala sob à luz de sua lembrança no tempo. É importante reconhecer que os atores entrevistados para presente pesquisa narram com reflexão a questão da imigração e do trabalho, colaborando com a revelação dos fatos, seus pormenores, as perdas e as permanências da diáspora que constitui a geografia humana em Monguba.

Eu nasci na Yuma, Santana do Cariri, distrito de Crato, em setembro de 1925, tenho 93 anos. Naquele tempo a coisa era muito difícil, por que não existia transporte. No Sul tinha transporte, tinha mercadoria, mas esperar que chegasse aqui em lombo de jumento, o povo morria. 1932 em Santana do Cariri foi a seca pior que houve, eu tinha sete anos. Houve uma seca em 1943. No final de 1945 para início de 46 eu tive destino para ir para são Paulo, mas vim pra cá. Quando eu cheguei aqui, a pedreira tava a todo vapor, no pé da serra eles cortavam árvores enormes: pau d'arcos, angicos. Serravam a madeira para fazer pranchas para os trens, levavam as pedras grandes para o Porto do Mucuripe. Tinha água em todo canto, olho d'água. Eu trabalhei como foguista na Maria fumaça, ia para todo canto no trem. Mas a seca pior foi a de 58, foi pior que a 32. Em 32 tinha o José Américo que ajudou o povo do sertão, em 58 não tinha nada, só sofrimento para quem não tinha trabalho.

A observação postada na entrevista com o Senhor Pedro Agostinho (2018) configura diretamente imagens do processo da relação do homem com a natureza, que nos leva, também, a compreensão de problemas ambientais atuais nessa parte da serra, onde historicamente sofreu

¹⁸⁴ Pedro Agostinho Pereira (2018). Minerador, agricultor. Nascido em 1925 na Yuma. Migrou para Monguba em 1945.

e ainda sofre com a exploração de recursos naturais. A Serra da Monguba é uma área brutalmente degradada, sofre com extração de minério de pedra desde o século XIX, onde antigos agricultores apontam para os locais onde havia nascentes, onde se colhia frutas, onde o clima era agradável. Essa narrativa nos chama atenção para problemas de hoje reconhecidos na comunidade – o fim das nascentes nessa área da serra, as queimadas partindo de uma vegetação rala que não corresponde mais a vegetação nativa.

Figura 24 - Foto Atual da antiga Pedreira do Mucuripe em Monguba. Inverno de 2019. Espaço pertencente a reserva territorial da comunidade indígena Pitaguary de Pacatuba.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Quanto ao reconhecimento do território indígena Pitaguary, sobre parte da Serra da Aratanha em Monguba, vale reconhecer que a posse da terra tem garantido a natureza dias de prosperidade, onde parte de sua geografia contida na encosta e nos altos cumes vem a cada ano se recompondo de florestas, tornando verde áreas que já foram depredadas por mais de um século. Essa nova fase com a experiência dos índios em Monguba, releva o quão importante é a relação dos povos tradicionais com a natureza, sendo uma cultura de harmonia que muito pode ensinar na preservação do meio ambiente em toda comunidade pacatubana em torno da Serra da Aratanha.

Voltando às décadas de trinta, quarenta e cinquenta do século XX, com a migração ocorrida com os fenômenos das secas e também com a oportunidade de trabalho remunerado, percebe-se que a industrialização da pedreira foi fator positivo, porém há também o custo social e ambiental. Tomando a questão para os nossos dias, torna-se fundamental conhecer a História para identificar erros e acertos, logo, dá-se a entender a necessidade de produzir inteligências locais, tanto nos distritos quanto na cidade, para contribuir decisivamente na construção de novos sujeitos sociais com capacidade de elaborar críticas projetivas que sejam fundamentais para diagnosticar os graves problemas que degeneram e atrofiam as localidades onde vivemos (violência, drogas, consumo excessivo, degradação ambiental, etc.). Posto isso, é fundamental investir em novas ideias focadas em novos modelos de organização social, baseada em valores da reforma urbana e rural, na ecologia, na questão que envolve a atual condição da mulher, das etnias, da comunidade indígena e outras comunidades tradicionais, para a produção de alimentos orgânicos, no consumo consciente e sustentável.

Nesse sentido, vale a pena ressaltar o impacto ambiental gerado pelo processo de exploração de minério de pedra numa determinada parte da Serra da Aratanha, é preocupante do ponto de vista ambiental que não haja mais abundância de águas nessa área onde outrora fora muito verde e úmido. Com a escavação do solo serrano, o rompimento das rochas e a derrubada das árvores a maior parte das nascentes foram destruídas, o que nos leva a refletir sobre um desequilíbrio que compromete inteiramente a fauna e a flora.

Sendo assim, torna-se um desafio pensar a geografia local num espaço de desenvolvimento social e sustentável a partir da História, criando a possibilidade de se produzir novos valores. Vale reconhecer que nesse processo todo, uma geração viveu sem condições de acesso à escola, mas que mesmo assim produziu valores vivos, que estabeleceu uma forma organizada de convivência – lugar de vida, trabalho, moradia e pactuação política, “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. É a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta em todos os lugares”¹⁸⁵. Pensando sobre a fala de Milton Santos, compreende-se que esses processos históricos podem ser fundamentais para capacidade de se planejar com participação e buscar criar conceitos e metodologias que criem identidades entre o sujeito social e o seu território (Pacatuba). Por exemplo, na preservação da serra e recuperação

¹⁸⁵ SANTOS, Milton. Espaço e método. 3. ed. São Paulo: Nobel, (1992, p. 122)

de suas nascentes; compreendendo o espaço local como potencial detentor de uma real possibilidade dialética de integração de valores culturais entre as gerações.

Conclusão

A experiência da Seca em Pacatuba causou grande impacto social e ambiental nas terras da Serra da Aratanha, destacando-se as paisagens do século XIX e XX em consequência da grande migração, fenômeno que impactou profundamente na história da cidade. As construções de obras de infraestruturas contribuíram com o desenvolvimento econômico da população de forma que as barragens, ainda hoje, são preponderantes para a fomentação da economia de seu povo. As imagens pungentes que, muito ainda existem na paisagem local, são grandes figuras emblemáticas dos espaços de trabalho retirante: os prédios históricos, as fendas das pedreiras, os açudes, a estrada de ferro abandonada que aos poucos vai acabando debaixo da terra, revelam a intervenção social causada pela força do flagelo da seca em seus dias difíceis.

Com a migração, sempre atuante em cada seca, a paisagem urbana foi alterada com o grande contingente de retirantes, impactando no quantitativo populacional, formando aos poucos as primeiras periferias da cidade. Sobre o impacto ambiental, as pedreiras, ao lado da estrada de ferro, provocaram grande alteração geográfica, modificando completamente a paisagem natural. O desmatamento atingiu tanto as serranas, quanto os baixios, provocando um impacto devastador cujas consequências ainda perduram.

No tocante à intervenção política cearense, o discurso ideológico e prático do Governo do Ceará foi um verdadeiro ato de indiferença com o povo do sertão. A criação de campos de concentração, que entra em cena na grande seca de 1915 e que depois se amplia em 1932, é um exemplo dessa prática. Outro exemplo prático da omissão política no Ceará, foi a falta políticas públicas integradas de combate à seca e ao incentivo à convivência do homem do sertão com o semiárido que deságua na repetição dos fatos: “o flagelo da seca”, que lamentavelmente dilacerou, destruiu e provocou mudanças no percurso em milhares de vidas.

Através de diferentes contextos e de diferentes narrativas, destaca-se aqui a participação da memória dos interlocutores ativamente presentes no processo de construção da identidade local. Nesse caso a pesquisa analisou percepções discursivas dos costumes comuns simultaneamente a narrativa oficial para compreender o itinerário da migração em Pacatuba, que foi uma constante no século XIX e início do século XX. O objetivo que se esperou alcançar com tais informações foi compreender como ocorreram as lutas dos retirantes no território da Serra Aratanha com a migração impulsionada pelas grandes secas. Analisar o papel dos atores

sociais e suas formas de expressão foi fundamental para reconhecer o processo histórico do território em cena, a natureza, o meio ambiente, o trabalho e a resignificação da vida humana com base na luta e na resistência aos fenômenos climáticos e sociais.

A) FONTES ORAIS

1. Maria de Lourdes Pereira. Entrevista concedida ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa, em 20 de julho de 2018.
2. Pedro Agostinho Pereira. Entrevista concedida ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa, em 15 de julho de 2018.
3. Pedro Cabral Filho. Entrevista concedida ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa, em 05 de setembro de 2018.
4. Antônio de Sousa. Entrevista concedida ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa, em 10 de julho de 2018.
5. Hercílio Luiz de Sousa. Entrevista Concedida ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa em 06 de junho de 2018.

B) FONTES IMPRESSAS

B. 1) Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC

Relatório da comissão de socorros de Pacatuba, Caixa 09. 1877-1879

Relatório da comissão de socorros da povoação de Guaiúba, Caixa 12, 1877-1879

Estrada de Ferro de Baturité, Caixa 02; 03, 1878-1879

Ofícios da câmara municipal de Pacatuba, Caixa 65, 1877-1880

B.2) Arquivo da RFFSA/RVC. Associação dos Engenheiros aposentados da REFSA – AERVC. Fortaleza-Ceará.

Fotografias

Mapa das estradas de ferro do Ceará em 1938

Relatório de Rede de Viação Cearense de 1959

C) FONTES DIGITALIZADAS

C.1) Biblioteca Nacional/Hemeroteca

Jornal O Retirante/Ce. 1877-1878

Jornal o Cearense/Ce. 1846 -1877

Jornal Mercantil/Ce. 1877

Echo do Povo/Ce. 1879

ANNAES da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro, 1915

Jornal Legionário, semanário nacional sindicalista – Fortaleza 1933

Jornal Nação (CE) 1932

O Jornal – Sobral Ceará – 1933

Revista da Semana (RJ) 1934

A Ordem - Sobral Ceará – 1932

Gazeta de Notícias (RJ) 1915

Jornal do Commercio – (RJ) 1954

C.2) Mensagens administrativas do Ceará

Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do Ceará (1936-1960)

Mensagem do governador do Ceará para Assembleia Legislativa. (1891-1930)

C.3) Provincial Presidential Reports (1830 -1930)

Relatório do presidente da província do Ceará – 1847; 1878

C.4) Instituto do Ceará – Revista

ANNO IX, 1895

ANNO XIV, 1900

D) Biblioteca do Instituto Nacional de Geografia e Estatística – IBGE

Censo de 1872

Fotografias

Referências Bibliográficas

ABREU, Capistrano de. Capítulos de história Colonial: 1500-1800 / José Capistrano de Abreu – Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 226 p. (Biblioteca básica brasileira).

ALEMÃO, Francisco Freire. Manuscritos. Anais da biblioteca Nacional. Vol.81. 1961. Divisão de publicações e divulgação – 1964.

Agassiz, Jean Louis Rodolph, 1807-1873. Viagem ao Brasil 1865-1866 / Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz ; tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 516 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

AMORA, Manoel Albano. Pacatuba Geografia Sentimental. Fortaleza, Ceará: Editora Enriqueta Galeno, 1973.

_____. Antologia do Centenário. Fortaleza, Ceará: Editora Enriqueta Galeno, 1969.

ASSARÉ, Patativa. Antologia poética. 5. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007

BARBOSA, Ivone Cordeiro. SERTÃO: Um Lugar-Incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BURKE, Peter, 1937 – O que é história cultural? / Peter Burke; Tradução Sérgio Goes de Paula, - 2 ed, rev. e ampl. - Rio de Janeiro; Jorge Zahar. Ed., 2008

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Proletariado das secas: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-119) 2014. Tese (Doutorado) em Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História. Programa de pós graduação em História Social. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8993?mode=full>.

CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem: a elite política. Teatro das Sombras: a política imperial. 5ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DAVIS, Mike. Holocaustos Coloniais. Ed. Record Rio de Janeiro-São Paulo. 2002

DEZIN, Norma K. O planejamento da pesquisa qualitativa : teorias e abordagens / Norma K. Dezin, Yvonna S. Lincoln ; tradução Sandra Regina Netz. - Porto Alegre ; Artmed, 2006.

ESPÍNOLA, Rodolfo. Caravelas, jangadas e navios: História do Ceará- resgates e contrastes. 2. ed. Rev. e ampl. / Rodolfo Espínola. – Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

FANON, Franz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

_____. Os condenados da terra. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de José Laurêncio de Melo. Editora civilização brasileira S.A. 1968

GALENO, Juvenal. (Obra Completa) Lendas e Canções Populares. 5ª edição. / Raymundo Netto [organização]; Revisão Crítica por Dimas Macedo. - Fortaleza: Secult, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Banco de dados: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 Junho. 2017.

LE GOFF, Jacques. 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1983.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Boitempo editorial, 1ª edição, 2004.

_____. Ideologia Alemã. Karl Marx & Friedrich Engels; [Introdução de Jacob Gorender]; tradução Luiz Cláudio de Castro e Costa – São Paulo: Martins Fontes, 1998. - (clássicos)

MIGNOLO, Walter D. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. EbooksBrasil.Le livros.net.

_____. O nascimento da tragédia. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. Genealogia da Moral: Uma polêmica. Friedrich Nietzsche: Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras. 1998

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, R. de. O Quinze. 77ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 106. Edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RIOS, Kênia Sousa. Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932 – 2ª edição/ Kênia Rios – Fortaleza Museu do Ceará. Secretaria da cultura do Estado do Ceará. 2006.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. En: Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Editorial/Editor 2005, Colección Colonialismo; Modernidad; Capitalismo; Poder Político; Sociedad; Historia; Eurocentrismo; America Latina; Capítulo de Libro. Tipo de documento http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf U.

SANTOS, Milton. 1926-2001. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4 ed. 7. reimpr.. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. - (Coleção Milton Santos: 1)

SANTOS, Milton. Espaço e método. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.

SCOTT, James. Formas cotidianas da resistência camponesa. Raízes, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

TEÓFILO, Rodolfo. A seca de 1915. Edições UFC, 1980.

_____. História da seca do Ceará (1878-1880). Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922.

_____. A Fome: cenas da seca do Ceará / Rodolfo Teófilo; Organização e notas de Waldemar Rodrigues Pereira Filho; posfácio de Lira Neto – São Paulo, Tordesilhas, 2011.

THOMPSON, Edward, P. A miséria da Teoria: Uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução autorizada pela primeira tradução inglesa, publicada em 1978, por The Merlin Press, de Londres, Inglaterra, 1981.

_____. Costumes em comum / E. P. Thompson : revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998

WEYNE, José de Freitas. Seca e Socorros no Ceará. Revista Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, Jan.-Abr. 2015.

WOOD, Ellen Meiksins. A origem do capitalismo. Tradução Vera Ribeiro; Apresentação Emir Sader – Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2001.

APÊNDICES.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORIAS

REGISTRO DE DOAÇÃO DE ENTREVISTA PELO PESQUISADOR

REGISTRO DE DOAÇÃO DE ENTREVISTA PELO PESQUISADOR

Eu, Edmar Luiz de Sousa, RG: 96014014119 CPF: 785338993-00, pesquisador na instituição Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab, discente do curso Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, orientado pelo professor José Weyner de Freitas no Projeto de Pesquisa “Paisagens da seca em Pacatuba-Ceará, 1845-1958, controle social de retirantes, trabalho e políticas de socorros públicos”. Na ocasião cedo a Unilab as seguintes entrevistas, acompanhadas da respectiva carta de cessão dos direitos autorais:

1 – Maria de Lourdes Pereira da Silva (20/07/2018)

2 - Hercilio Luiz de Sousa (06/06/2018)

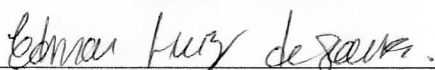
3 – Antonio de Sousa (10/06/2018)

4– Pedro Agostinho Pereira (15/07/2018)

5 – Pedro Cabral Filho (05/09/2018)

Pacatuba-Ceará, 15 de Janeiro de 2019.

Assinatura do/a cedente



edmaviola@gmail.com

(85) 996409315

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

1. Pelo presente documento, eu, Antônio de Sousa, brasileiro/a, RG: 2018162436-7, residente e domiciliado/a à rua Antônio Luiz de Sousa, N° 565, Monguba, telefone: _____, **cedo e transfiro neste ato, gratuitamente**, em caráter universal e definitivo, ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa e ao Repositório da Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab, **a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais da presente entrevista e de minha identificação social**, sobre o depoimento oral prestado, no(s) dia(s) 10 / 06 / 2018, em Monguba, Pacatuba - Ceará. Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identifica-lo/a.

2. A UNILAB, na pessoa do pesquisador a ela vinculado, está autorizada **a utilizar**, a disponibilizar, distribuir, comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas, armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, no formato de texto transcrito **para fins de pesquisa, educação e cultura**.

O presente documento é assinado pelas duas partes, em duas vias de igual teor para que surta todos os efeitos.

Pacatuba 10 de Julho de 2018

Nome e assinatura do/a entrevistada/o:

Antônio de Sousa

Assinatura:

x Não assinante.

Pesquisador: Edmar Luiz de Sousa

Telefone para contato: (85) 996409315.

Email: edmaviola@gmail.com

Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab

x Edmar Luiz de Sousa

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

1. Pelo presente documento, eu, Henclio Luiz de Souza, brasileiro/a, RG: 99 09 71 61 801, residente e domiciliado/a à rua SANTA INÊS, Monquiba - Pacatuba - Ceará telefone: _____, **cedo e transfiro neste ato, gratuitamente,** em caráter universal e definitivo, ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa e ao Repositório da Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab, a **plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais da presente entrevista e de minha identificação social,** sobre o depoimento oral prestado, no(s) dia(s) 06 / 06 / 2018 / em Monquiba, Pacatuba - Ceará. Essa autorização inclui a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identifica-lo/a.

2. A UNILAB, na pessoa do pesquisador a ela vinculado, está autorizada a **utilizar**, a disponibilizar, distribuir, comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas, armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, no formato de texto transcrito **para fins de pesquisa, educação e cultura.**

O presente documento é assinado pelas duas partes, em duas vias de igual teor para que surta todos os efeitos.

Pacatuba 06 de Junho de 2018

Nome e assinatura do/a entrevistada/o: _____

Assinatura: x Henclio Luiz de Souza

Pesquisador: Edmar Luiz de Sousa

Telefone para contato: (85) 996409315.

Email: edmaviola@gmail.com

Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab

x Edmar Luiz de Souza

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

1. Pelo presente documento, eu, Maria de Lourdes Pereira da Silva, brasileiro/a, RG: 1269253-87, residente e domiciliado/a à rua _____, telefone: _____,

cedo e transiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa e ao Repositório da Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab, a **plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais da presente entrevista e de minha identificação social**, sobre o depoimento oral prestado, no(s) dia(s) 20 / 07 / 2018, em Guaiuba - Ceará. Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identifica-lo/a.

2. A UNILAB, na pessoa do pesquisador a ela vinculado, está autorizada **a utilizar**, a disponibilizar, distribuir, comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas, armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, no formato de texto transcrito **para fins de pesquisa, educação e cultura**.

O presente documento é assinado pelas duas partes, em duas vias de igual teor para que surta todos os efeitos.

Pacatuba 20 de Julho de 2018

Nome e assinatura do/a entrevistada/o: _____

Assinatura: Maria de Lourdes Pereira da Silva

Pesquisador: Edmar Luiz de Sousa

Telefone para contato: (85) 996409315.

Email: edmaviola@gmail.com

Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab

x Edmar Luiz de Sousa

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

1. Pelo presente documento, eu, Pedro Agostinho Pereira, brasileiro/a, RG: 1614102188, residente e domiciliado/a à rua Helena Luiz, N° 21, Monguba, Pacatuba - Ceará telefone: 9/98034402 cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa e ao Repositório da Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab, a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais da presente entrevista e de minha identificação social, sobre o depoimento oral prestado, no(s) dia(s) 15/07/2018, em Monguba, Pacatuba - Ceará. Essa autorização inclui a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identifica-lo/a.

2. A UNILAB, na pessoa do pesquisador a ela vinculado, está autorizada a utilizar, a disponibilizar, distribuir, comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas, armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, no formato de texto transcrito para fins de pesquisa, educação e cultura.

O presente documento é assinado pelas duas partes, em duas vias de igual teor para que surta todos os efeitos.

Pacatuba 15 de Julho de 2018

Nome e assinatura do/a entrevistada/o: _____

Assinatura: X Pedro Agostinho Pereira.

Pesquisador: Edmar Luiz de Sousa

Telefone para contato: (85) 996409315.

Email: edmaviola@gmail.com

Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab

Edmar Luiz de Sousa

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

1. Pelo presente documento, eu, Pedro Cabral Filho, brasileiro/a, RG: 2018 2207 81 - 6, residente e domiciliado/a à rua Pedro Alvanes Cabral, N° 148, Monguba - Pacatuba telefone: 91 86137996 cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, ao pesquisador Edmar Luiz de Sousa e ao Repositório da Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab, a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais da presente entrevista e de minha identificação social, sobre o depoimento oral prestado, no(s) dia(s) 05 / 09 / 2018 /, em Monguba - Pacatuba - Ceará. Essa autorização inclui a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identifica-lo/a.

2. A UNILAB, na pessoa do pesquisador a ela vinculado, está autorizada a utilizar, a disponibilizar, distribuir, comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas, armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, no formato de texto transcrito para fins de pesquisa, educação e cultura.

O presente documento é assinado pelas duas partes, em duas vias de igual teor para que surta todos os efeitos.

Pacatuba 05 de Setembro de 2018

Nome e assinatura do/a entrevistada/o:

Assinatura: x

Pedro Cabral Filho

Pesquisador: Edmar Luiz de Sousa

Telefone para contato: (85) 996409315.

Email: edmaviola@gmail.com

Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab

x Edmar Luiz de Sousa